

GUILHERME DE SOUZA VIEIRA ALVES

**FUNDAMENTOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS
SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO PARA
ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**



ARARAQUARA – S.P.
2021

GUILHERME DE SOUZA VIEIRA ALVES

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para Exame de Defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

ARARAQUARA – S.P.
2021

A474f

Alves, Guilherme de Souza Vieira

Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil / Guilherme de Souza Vieira Alves. -- Araraquara, 2021

229 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Marcia Cristina Argenti Perez

1. Educação. 2. Educação Sexual. 3. Professores Formação. 4. Educação de crianças. 5. Sexualidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GUILHERME DE SOUZA VIEIRA ALVES

FUNDAMENTOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para Exame de Defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

Data da Defesa: 23/02/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Aline Juliana Oja Persicheto

Faculdade Orígenes Lessa

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*À minha amada mãe Elizabete
que sempre esteve presente nas
plateias como torcedora e incentivadora
pelo meu Sucesso!*

COM TODA MINHA GRATIDÃO, FELICIDADE E AMOR

Primeiramente agradeço à Deus pela Sabedoria, Fé, por ouvir minhas preces, e por compreender minhas confissões (e foram muitas) nessa jornada de anos em estudos e dedicação ao Ensino e mais recentemente à Pesquisa.

Agradeço à minha Família, especialmente na pessoa de minha amada mãe Elizabete que nunca mediu esforços para que eu sempre pudesse estudar e conquistar os meus sonhos profissionais. Obrigado por compreender minhas ausências nos momentos em que o lazer e o descanso poderiam ser mais convidativos a estudar e viajar para buscar novos conhecimentos.

Aos meus irmãos Daniela e Júnior pelo apoio constante nessa caminhada de estudos.

Agradeço minhas digníssimas avós Diva e Maria Madalena por sempre se preocuparem comigo, sabendo que muitas vezes ao estar em viagens poderia haver algum perigo por estar fora de casa. Obrigado também pelos apoios financeiros constantes, que sempre foram mais do que suficientes para que eu pudesse custear meus gastos e investimentos pela estrada afora.

Estendo meus agradecimentos às minhas tias Vera, Maria Helena, Cristina e à madrinha Maria de Lourdes também pelos incentivos e forças a mim destinados. Cada qual sempre contribuiu como pôde, mas sempre de maneira muito atenciosa.

Com ternura, agradeço à Lívia, prima tão amada. Sei que toda positividade e boas lembranças sempre nos faz reviver os momentos de infância. Quantos risos e gargalhadas vividos de forma tão singulares e especiais. O meu eterno e sincero agradecimento por partilharmos de muitas cumplicidades. Que a Felicidade esteja em nossas Vidas! Obrigado!

Especialmente agradeço ao amigo Felipe pela convivência de muitos anos, e com muito carinho minha queridíssima amiga Camila por todos ensinamentos e vínculos construídos desde a primeira graduação, e que se perduram por anos adiante num constante envolvimento de amizade, afetividades e trocas de conhecimento, afinidades, escutas e parcerias para além da universidade. Nossos encontros são sentidos com muita leveza e prazeres.

Aos grandiosos e queridos amigos Eliane e Fábio, que a vida se encarregou de cruzar nessa longa jornada de anos, ora no espaço profissional, ora nas confraternizações e momentos de lazer que habitualmente nos reuníamos e vivemos em grandes alegrias. É salutar saber que mesmo distantes fisicamente, nossa amizade seja tão especial.

À grande amiga Camila, que desde os tempos escolares de Ensino Médio formamos vínculos afetivos que se seguem em grandes lembranças saudosistas e marcadas por anseios de nos revivermos a todos encontros, ou pelas saudades que deles sentimos. Os compromissos e pesquisas que a vida adulta nos impôs não nos possibilitam reencontros frequentes, mas sempre que possível aproveitamos nossos momentos. Eu sempre estive e estarei na torcida pelo teu Sucesso, e sei o quanto a recíproca é verdadeira. Obrigado pela partilha e amizade de sempre! Nós vencemos!

Agradeço com muito afeto a amiga Vanessa. O curso de Enfermagem nos aproximou há mais de 10 anos e nessa trajetória foram muitos aprendizados, vivências, confidências, trocas de conhecimento e muitas risadas “fora de hora”. Obrigado por todos os ensinamentos, que sempre foram muito valiosos. Obrigado por todo apoio e construção que carregamos juntos nesse percurso da Educação Sexual.

Agradeço com muito carinho ao querido Flávio pelos inúmeros momentos de escuta e de trocas de experiências. Suas falas e conselhos sempre tão acolhedores certamente contribuíram de modo singular para que eu me sentisse mais confortável.

Ao Fernando pelos sinceros votos de Sucesso por todos esses anos de estudos.

Às colegas integrantes do GEPIFE, na condição de pesquisadoras, e que com dificuldades compartilhamos mais do que experiências e resultados. Compartilhamos sentimentos de alegrias, medos e muitas vitórias. Obrigado Ariane, Camila, Vanessa e Marcia.

Aos/às funcionários/as da FCLAr pela prestação de serviços oferecidos na mais absoluta excelência, quanto à alimentação, limpeza, serviços de Biblioteca, Seção Técnica de Pós-Graduação, Protocolo, Recepção, Copa e todos aqueles que (in)diretamente puderam contribuir para que a entrega dessa versão fosse concluída.

Agradeço à Sylvia, secretária do Departamento de Psicologia da Educação, pela amizade, companheirismo, orientações e auxílios sempre que necessários.

Aos/às colegas que o curso de mestrado trouxe com muito humor, alegria e confidências nos momentos de partilha, angústias, aprendizado e muito riso alto e frouxo nos momentos de cantina, lanches da tarde, almoços e jantares; estudamos bastante, mas não deixamos de nos divertir. Assim, estimo meus votos de sinceros agradecimentos aos/às colegas Ana, Camila, Ítalo, Marcos, Pâmela e Thaís. Camila e Thaís, quantas confidências e trocas solidárias pelos caminhos à Universidade! Marcos, obrigado por nossas constantes afinidades que se iniciaram na sala de aula, e seguimos nessa jornada afora.

Agradeço às senhoras coordenadoras do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da UNESP – FCLAr, Andreza Marques de Castro Leão e Luci Regina Muzzeti. Também gostaria de salientar os agradecimentos aos/às docentes e pesquisadores/as, todos muito solícitos em contribuir para com nosso aprendizado. Cada disciplina desenvolvida, cada atividade em sala de aula (ou extraclasse) sempre foram muito importantes a fim de contribuir para uma (des)construção de conhecimentos e, por conseguinte nos tornar seres mais conscientes e reflexivos em Educação Sexual a partir de nossa existência.

De prontidão, a minha consideração às pesquisadoras que compuseram a avaliação desta Dissertação de Mestrado seja como Banca no Exame de Qualificação, seja para a Defesa. O meu eterno agradecimento às senhoras é de alguém que sente muita Gratidão. Obrigado por todas as contribuições, sugestões, críticas e elogios Profa. Dra. Fabiana Cristina Frigieri de Vitta, Profa. Dra. Mary Neide Damico Figueiró, Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão, Profa. Dra. Aline Juliana Oja Persicheto, e à minha orientadora Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

À Profa. Dra. Fabiana Cristina Frigieri de Vitta por todos os ensinamentos e reflexões compartilhados na disciplina de “Formação do professor para a atuação no berçário”. Foram aprendizados guardados nas lentes e memórias para uma vida.

À Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns pelas fantásticas e prazerosas contribuições em sala de aula, sempre regadas de muita alegria, sabedoria, competência e simpatia.

Aqui deixo meus estimados agradecimentos aos/às meus/minhas alunos/as que tive durante esse percurso de anos engajado na Educação. Seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior, cada aluno/a nos deixa uma lição a cada novo reencontro em sala.

Não poderia deixar de agradecer aos colegas e amigos que surgiram durante os momentos de minhas subliminares “viagens” no tempo da vida. Sem citá-los, podem se imaginar presentes nessa face de agradecimentos.

Agradeço aos/às professores/as que tive durante a minha formação desde a Infância. Recordo-me de todos/as e quase sempre com lembranças muito saudáveis e amenas. Quantos significados prazerosos! Como essas lembranças me invadem as memórias ao adentrar num espaço escolar. Sinto real e profundamente que muitos de nossos/as professores/as são nossos espelhos. Queremos nos apoiar em suas construções, respeitos, didáticas, resiliências, ações e posturas. Quantos cálculos, textos, linguagens, comunicações, obstáculos e desafios a serem desbravados nessa trajetória da Infância à Pós-Graduação. Queridos/as professores/as, muito obrigado por vossos ensinamentos!

E para encerrar, agradeço com todo carinho e encantamento à minha orientadora, Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez por desde o nosso primeiro encontro na entrevista de seleção. Quanta simpatia, empatia, paciência, carisma, integridade e acima de tudo, competência! Grato por sempre contribuir para que eu me tornasse um Mestre (agora pelo sentido que se expressa pela titulação). Obrigado por todas as orientações, supervisões de minhas atividades de pesquisa, por cada texto lido em produções acadêmicas, pelos incentivos em participar de eventos científicos. Não poderia deixar de agradecer também pelos grandiosos convites em integrar parte do GEPIFE, este grupo de pesquisas que muito contribui para o meu desenvolvimento de potencialidades e competências em ser pesquisador, bem como pelas atividades de ensino com o convite em realizar Estágio de Docência na Graduação. O meu muito obrigado por acreditar no meu potencial e na execução de minhas pesquisas.

Agradeço àqueles/as que não tive, mas àqueles/as que tenho: MUITO OBRIGADO.

Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário.
Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas.
Se achar que precisa voltar, volte!
Se perceber que precisa seguir, siga!
Se estiver tudo errado, comece novamente.
Se estiver tudo certo, continue.
Se sentir saudades, mate-a.
Se perder um amor, não se perca!
Se o achar, segure-o!

Fernando Pessoa

Resumo

Apresenta-se por esse trabalho as questões direcionadas pelos entrelaçamentos construídos a partir da tematização da sexualidade e do gênero quando em um contexto formativo no campo das discussões para a Educação Infantil. O objetivo geral da pesquisa analisou as concepções sobre a Educação Sexual e algumas possibilidades de ações formativas nas temáticas de Sexualidade e Gênero considerando o contexto da formação inicial em Pedagogia, tendo em vista a atuação do/a pedagogo/a na Educação Infantil. Tendo por base a fundamentação teórico-metodológica das pesquisas qualitativas em educação, estruturou-se um curso em que o acompanhamento, a coleta e as análises de produções dos materiais, bem como a caracterização peculiar do pesquisador pela presença contínua e intencional durante o processo educativo norteia as atividades por técnica da pesquisa-ação. Participaram de início 19 acadêmicos/as de várias turmas inseridas em um contexto social de instituição de ensino superior particular no interior paulista, sendo que os/as convidados/as pelo instrumento inicial de questionário em papel, consentiram por participar do Projeto, intitulado “Arco-Íris”, no qual durante 09 encontros temáticos se constituiu por abordagens múltiplas quanto aos objetivos, temas, atividades e construção de materiais para posteriores intervenções, pela utilização de competências e habilidades em que as projeções ao retorno às Infâncias, à condicionalidade ao ser um/a futuro/a professor/a da Educação Infantil se fizeram como pontos marcantes. As análises evidenciam a falta de acesso às informações que se articulam desde as Infâncias com os assuntos relacionados à Educação Sexual nos âmbitos escolar e familiar, assim como pôde-se compreender que esse universo é permitido no tocante ao reconhecimento dos corpos apenas nas fases “adequadas” da Educação Básica, pela sistematização das aulas de Ciências, Biologia, Educação Física, e/ou por questões e fatos pontuais como palestras direcionadas à prevenção de ISTs e gravidez indesejada. Mediante planejamento, adequações e execução das atividades propostas, há evidências que esclarecem necessidades a se discutir, ensinar e permitir que a Educação Sexual esteja presente e seja uma constante durante e a partir das fases escolares da Educação Infantil. Tal proposta se aglutina à essência de que na Educação em Pedagogia deve-se haver sistematizadas (in)formações que resultem em conhecimentos que permitam as escutas, as falas, as vivências a lidarem com questões da prática profissional de/para pedagogos/as atuantes na Educação Infantil.

Palavras – chave: Formação inicial. Pedagogia. Gênero. Sexualidade. Educação Infantil.

Abstract

This work presents the issues directed by the intertwinings constructed from the themeization of sexuality and gender when in a formative context in the field of discussions for Early Childhood Education. The general objective of the research analyzed the conceptions about Sexual Education and some possibilities of formative actions in the themes of Sexuality and Gender considering the context of initial training in Pedagogy, in view of the performance of the professional in Early Childhood Education. Based on the theoretical-methodological foundation of qualitative research in education, a course was structured in which the monitoring, collection and analysis of material productions, as well as the peculiar characterization of the researcher by the continuous and intentional presence during the educational process, guide the activities by the action research technique. The participants were 19 academics from various classes inserted in a social context of a private higher education institution in the São Paulo, Brazil, and the guests by the initial paper questionnaire instrument consented to participate in the Project, entitled “Rainbow”, in which during 09 thematic meetings was constituted by multiple approaches regarding the objectives, themes, activities and construction of materials for subsequent intervention, by the use of skills in which the projections to return to childhood, conditionality to be a future teacher of Early Childhood Education were made as point of mark. The analyses shows the lack of access to information that has been articulated since childhood with issues related to Sexual Education in the school and family spheres, as well as it was possible to understand that this universe is allowed with regard to the recognition of bodies only in the “appropriate” phases of Basic Education, by the systematization of science, biology, physical education classes, and/or by specific issues and facts such as lectures aimed at the prevention of STIs and unwanted pregnancy. Through planning, adaptations and execution of the proposed activities, there is evidence that clarifies needs to be discussed, taught and allow sexual education to be present and to be a constant during and from the school phases of Early Childhood Education. This proposal is agglutinated to the essence that in Pedagogy Education one must have systematized (in)formations that result in Knowledge that allows listening, speech, experiences dealing with issues of professional practice to/from teachers active in Early Childhood Education.

Keywords: Initial training. Pedagogy. Gender. Sexuality. Early Childhood Education.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Iniciação ao Curso de Formação Inicial em Educação Sexual e Gênero	63
Foto 2	Aplicação de Questionário em papel, assinaturas de TCLE e Termo de Autorização Discente	63
Foto 3	Devolutiva sobre Questionário em papel (aplicado em encontro anterior)	98
Foto 4	Exemplificação e discussões sobre “O que é Educação Sexual”?	98
Foto 5	Retomada de apresentação de vídeo	108
Foto 6	Desenvolvendo a atividade	108
Foto 7	Desenvolvendo a atividade	109
Foto 8	Impressos respondidos pelos/as convidados/as	123
Foto 9	Contextualização de resultado (Questionário)	129
Foto 10	Participante respondendo ao impresso	129
Foto 11	Participante respondendo ao impresso	129
Foto 12	Participantes assistindo ao vídeo	130
Foto 13	Participação dos/as convidados/as em atividade	137
Foto 14	Participação dos/as convidados/as em atividade	137
Foto 15	As cores - participação dos/as convidados/as em atividade	138
Foto 16	Apresentação de materiais pedagógicos em Educação Sexual	147
Foto 17	Material pedagógico	148
Foto 18	Material pedagógico	148
Foto 19	Participação dos/as convidados/as em atividade	148
Foto 20	Luvas pedagógicas	169
Foto 21	Atividade utilizando materiais pedagógicos	169
Foto 22	Lata e personagens	170
Foto 23	Atividade utilizando materiais pedagógicos	170
Foto 24	Atividade utilizando música	171
Foto 25	Participação dos/as convidados/as em atividade	182
Foto 26	Participação dos/as convidados/as em atividade	182
Foto 27	A caixinha de perguntas - participação dos/as convidados/as em atividade	183
Foto 28	Participação dos/as convidados/as em atividade	194
Foto 29	Lembrancinhas/agradecimento aos/às participantes	194
Foto 30	Lembrancinhas/agradecimento aos/às participantes	194

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Idade dos/as participantes	67
Gráfico 2	Sexo dos/as participantes	69
Gráfico 3	Formação acadêmica	70
Gráfico 4	Atividade/atuação profissional na Educação	71
Gráfico 5	Atividade/atuação profissional em outras áreas	72
Gráfico 6	Razão por fazer Pedagogia	73
Gráfico 7	Significado da “escola”	74
Gráfico 8	Conteúdos sobre a temática na escola	76
Gráfico 9	Conteúdos sobre a temática na Família	77
Gráfico 10	Compreensão sobre “Infância” e o ser criança atual	78
Gráfico 11	Educação Sexual como conteúdos na Educação Básica	79
Gráfico 12	Início da Educação Sexual em ciclo escolar	81
Gráfico 13	Exemplos de Educação Sexual e Gênero para ações com crianças de 0 a 3 anos	82
Gráfico 14	Exemplos de Educação Sexual e Gênero para ações com crianças de 4 e 5 anos	83
Gráfico 15	Opinião sobre Educação Sexual e Gênero para criança na Educação Infantil	84
Gráfico 16	Prática de professores e cuidadores masculinos presentes na Educação Infantil	85
Gráfico 17	Espaço destinado para comentários, dúvidas e interesses acerca dos temas	86

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	O Gênero desvelado pelas crianças: dicotomia meninas X meninos	33
Quadro 2	Pesquisa 1 integrada ao GEPIFE	36
Quadro 3	Pesquisa 2 integrada ao GEPIFE	37
Quadro 4	Pesquisa 3 integrada ao GEPIFE	38
Tabela 1	Pesquisa em Base de Dados como Título - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero	41
Tabela 2	Pesquisa em Base de Dados como Título - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Resultado com os Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero	42
Tabela 3	Pesquisa em Base de Dados como Resumo - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero	42
Tabela 4	Pesquisa em Base de Dados como Resumo - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Resultado com os Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero	43
Tabela 5	Cronograma de atividades previstas para a Formação Inicial em Educação Sexual, Sexualidades e Gênero para atuação na Educação Infantil	53
Tabela 6	Participantes: turmas do curso de Pedagogia X número de convidados/as por Sexo	55
Tabela 7	Caracterização dos/as participantes	67
Tabela 8	Análise de produções de materiais - Justificativas por Grupos	106
Tabela 9	Produções a partir do contexto: ausências de sexualidades nas Infâncias	120
Tabela 10	Imagens não selecionadas nas revistas que poderiam representar as Sexualidades	122
Tabela 11	Considerações – O que representa a imagem?	136
Tabela 12	Desenho do corpo na temporalidade da Infância – sexo biológico X situação imaginária	155
Tabela 13	Desenvolvimento das Infâncias	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
FCLAr	Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara
FEUSP	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
GEPIFE	Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização
IES	Instituição de Ensino Superior
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGES	Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 INTRODUÇÃO	21
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	29
2.1 SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS	30
2.2 SEXUALIDADE, GÊNERO E INFÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: APROXIMAÇÕES NOS ESTUDOS ACADÊMICOS	35
3 MATERIAIS E MÉTODOS	48
3.1 UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A TRAJETÓRIA CIENTÍFICA	51
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	54
3.3 RECURSOS	56
3.4 ÉTICA DA PESQUISA	56
3.5 DESCRIÇÃO DA COLETA E ANÁLISE DE MATERIAIS	56
4 ANÁLISES E DISCUSSÃO	59
4.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO	60
4.1.1 A Formação Inicial em Educação Sexual, Sexualidade e Gênero: os encontros, as produções de materiais, e as escutas	61
4.1.1.1 Encontro 1 – Apresentação do Projeto	62
4.1.1.2 Encontro 2 – Fundamentos básicos da Educação Sexual: conceitos e terminologias; objetivos da Educação Sexual	63
4.1.1.3 Encontro 3 – Construção de instrumento para formação docente: as revistas	99
4.1.1.4 Encontro 4 – Especificidades e estratégias de ensino da sexualidade para a Educação Infantil: a caixa de perguntas	110
4.1.1.5 Encontro 5 – O Projeto “Arco-íris” - Formação Inicial em Educação Sexual e Gênero sob a perspectiva do ser criança: os materiais pedagógicos	130
4.1.1.6 Encontro 6 – Construção de instrumento para a formação docente: o “faz de conta”	149
4.1.1.7 Encontro 7 – Mostra de pesquisa no município: “Projeto Pequenos Passos”	166
4.1.1.8 Encontro 8 – Construção de instrumento para a formação docente: “o que você	

faria se...” e Autoavaliação	171
4.1.1.9 Encontro 9 – Análise e discussão; finalização do Projeto	183
4.2 ANÁLISES DOS DADOS E LITERATURA EM CONSONÂNCIA COM O OBJETIVO DE ESTUDO	195
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	204
REFERÊNCIAS	208
APÊNDICES	215
APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	216
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E QUESTIONÁRIO EM PAPEL	217
APÊNDICE C – LISTA DE PRESENÇA	221
APÊNDICE D – CERTIFICADO	222
APÊNDICE E – CAIXINHA DE PERGUNTAS	223
APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DISCENTE	224
APÊNDICE G – LOGO DO PROJETO “ARCO-ÍRIS”	225
APÊNDICE H – ATIVIDADE “SE EU FOSSE MENINO/A”	226
APÊNDICE I – ATIVIDADE “O QUE VOCÊ FARIA SE...” E AUTOAVALIAÇÃO	227



APRESENTAÇÃO

O resultado desse trabalho é fruto de inúmeros pensamentos e desejos, aos quais inicialmente tem origem no contexto escolar, percebendo como as crianças desde as Infâncias já se constituem como seres humanos diferentes umas das outras em seus aspectos múltiplos quanto aos corpos – os nossos corpos infantis se diferem quanto ao tamanho, cor da pele, tipo de cabelo, cor dos olhos, tamanho das pernas e dos pés, timbre de voz, tipos de roupas que usamos; assim pela dualidade ser menino e ser menina, (e nesse sentido, o que pode representar esse ser na sociedade em que vivemos desde crianças), perpassando por uma inquietude de sujeito ao qual durante toda a trajetória escolar conviveu e tentou compreender o universo intrínseco do ser humano – somos pessoas diferentes.

De uma personalidade muito decisiva e sensível, e na mesma receita, um sujeito que se identifica por ser de poucos amigos, atencioso e companheiro para todos os momentos, teve de encarar com muita timidez o mundo afora que o esperava. Marcas positivas e negativas nas Infâncias, como na trajetória escolar puderam contribuir para aquele que me encontro hoje: um sujeito liberto de amarras e em pleno caminho de descobertas e desejos para e pela vida.

Estudos, anseios por uma reconstituição de mim mesmo, e influências de grandes amizades e de pessoas queridas tornaram dessa trajetória um tanto quanto mais leve, e por vínculos afetivos extremamente próximos a caminhada por vezes pôde ser sutil e muito prazerosa. A feliz escolha por tornar-me professor e ver na Educação o encontro de almas entre a satisfação e entusiasmo do ensinar aos resultados de sorrisos dos/as aprendizes já o era um desejo introjetado como projeto de vida, atrelado ao interesse por gostar de pessoas em seus aspectos de convivência, nas relações de saber ouvir, falar, discutir, debater e fazer desse incrível processo a arte da vida: a paixão e encantamentos pela profissão docente.

Em minhas inúmeras (re)descobertas compreendi que o universo das diferenças, sejam elas quais forem e medidas que se (des)encaixam compõem padrões que naturalmente nos tornam especiais por sermos diferentes uns aos outros nos moldes das relações afetivas, psicológicas, sociais e sobretudo, humanas.

A feliz e marcante escolha pela formação em Licenciatura em Química e posteriormente em Pedagogia, pôde representar a concretização dos ensinamentos adquiridos em sala de aula – e desse processo a compreensão quanto a responsabilidade em ser um professor engajado frente a dimensão dos/as alunos/as que acreditam em nossos trabalhos por uma educação pautada nos princípios da ética e da integridade. A necessidade frente as

demandas a se cursar inúmeras especializações em Educação representa estar atento às necessidades em aprimorar e conhecer subáreas inerentes às relações de ensino e aprendizagem, bem como desbravar novos campos de atuação profissional.

Ainda muito próximo aos estudos e estágios das licenciaturas, a oportunidade em atuar como voluntário em cursinho pré-vestibular, e posteriormente ingressar como professor na Educação Básica para as redes pública e particular de ensino, na qual sinto honradamente muito orgulho de conhecer as realidades e necessidades desse universo um tanto quanto desafiador e prazeroso.

Docente atuante também nos cursos técnicos, pude estar mais próximo de um alunado que mesmo com a diferença de idade que possuíamos, imperavam o respeito, as trocas de experiências e sonhos por um amanhecer melhor. Foram momentos que se fizeram marcantes e enriquecedores.

Da Educação Básica ao Ensino Superior, seja com atividades administrativas, seja como professor em curso de Pedagogia, descobri anseios marcados por um fazer pedagógico em que os/as meus/minhas alunos/as sempre pudessem contar com minha colaboração nesse incrível processo evolutivo de ensino e aprendizagem, na torcida para que pudessem alcançar seus objetivos profissionais e pessoais, tendo a felicidade caminhado nesse percurso conosco.

A chegada até o início do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual (PPGES) foi brilhante (mesmo com todos os obstáculos enfrentados, fui guerreiro e venci os gigantes dentro e fora de mim). A trajetória em curso foi sublime, enriquecedora, repleta de leituras, aprendizagens significativas, muitas reflexões, orientações magníficas e amizades por uma vida salutar. Diversos percalços muitas vezes como planos a repensar o sentido da existência humana, as atrocidades que muitas pessoas – e especialmente muitas crianças são vítimas, as barreiras perante o mercado de trabalho, sujeito a discriminações e pré-conceitos enraizados por uma cultura social fortemente alicerçada por padrões sexistas e de cunho pejorativo também rodeiam os pensamentos e identificação em trânsito no processo educativo.

E nessa imensidão de experiências e sentimentos, momentos de prazeres e encantamentos em que a gratidão talvez seja o mais sincero dos reconhecimentos. Quantas aprendizagens e oportunidades nessa trajetória! Na academia, disciplinas cursadas não apenas como requisito obrigatório, mas também por decisões pessoais, por querer explorar os conhecimentos, estabelecer profundas conexões comigo, na minha particular intimidade; docentes extraordinários, com suas metodologias diversificadas e empenhados no desempenho de um fazer docente brilhante, imersos não apenas em conhecimento científico, e sim em sensibilidade e empatia; a realização do estágio docente na Graduação em

Pedagogia, pelo convite de minha orientadora, ao qual sou extremamente grato por todos ensinamentos e partilhas nos momentos de risos e desesperos; os incansáveis e oportunos eventos científicos que brotaram durante esse caminhar, como forma de sede por conhecimento, e às vezes por ser uma válvula de escape, - e nesse meio todas as publicações científicas que surgiram em decorrência a esse movimento em que estamos embebidos na Pós-Graduação.

A partida a esse Programa é marcada por um saudosismo que se tem nas veias o desejo de não querer ir. A ida é necessária a fim de galgar novos projetos de vida, desbravamentos de novos campos profissionais e especialmente na incansável reeducação enquanto sujeitos, pessoas em (in)formação e conhecimento, e em Educação Sexual.

Até breve!



1 INTRODUÇÃO

Iniciamos algumas reflexões a partir das multidimensões que entendemos a educação em consonância às culturas, deveres, acessos e garantias. Temos respaldos no artigo 205 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Brasil, 1988, n. p). Nessa plenitude, indagamos-nos: estão todos/as engajados/as quanto a assistência em processos educativos que representam tais direitos das pessoas, deveres do Estado e da família? E quais tipos de Educação temos vivenciado nos últimos anos nos espaços dentro e fora das instituições escolares?

Certamente somos responsáveis ora como educadores/as, ora como professores/as por desempenhar nossas funções e papéis de modo a intervir e modificar os processos de ensino e aprendizagens de nossas crianças pequenas, crianças, jovens e adultos, pois assim e só assim construímos alicerces das camadas mais populares às mais formativas das relações com o/a outro/a, e com nós mesmos/as – a Educação nos move, nos fomenta a alma e nos (re)constrói enquanto seres humanos.

Enquanto proposta temática partimos das definições de criança pela Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil na perspectiva de que por estes conceitos, a criança seja:

um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010).

Podemos e/ou devemos dialogar sobre sexualidade humana na Escola Básica? E sobre sexualidade, seria oportuno falarmos e trabalharmos com crianças na Educação Infantil? Logo, como estão sendo dialogadas e vistas as temáticas em torno de Gênero na Educação das Infâncias?

Para melhor contextualizar as problematizações dialogadas nesse espaço, tomamos com referência a definição de infância, que carrega os pressupostos histórico-culturais de Sarmiento (2007, p. 36), na qual para ele "A infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo. Nessa ação estruturam e estabelecem padrões culturais".

Como os/as futuros/as professores/as articulam as relações de Gênero se eles/elas podem não se reconhecer preparados/as instrumental e tecnicamente para com as demandas do cotidiano em que meninas e meninos frequentemente são separados por filas, cores, tipos

de brinquedos e (des)encorajados/as a assumir ou repulsar comportamentos sociais única e exclusivamente por ser criança desse ou daquele sexo?

A esse propósito, estendemo-lhes os convites para que apreciem e dialoguem desta temática, no sentido de que informações e conhecimentos fervorosos no campo da Educação são determinados como composição textual. Abordar a Educação Sexual é abrir espaços para uma reeducação de nossa cultura, valores e tabus aprendidos durante toda a trajetória de vida escolar.

Não há pretensão alguma por parte de autoria impor e articular demandas que estejam em desencontros para com os anseios harmônicos entre o pleno e saudável desenvolvimento do ser humano. Queremos sim e pensamos que essas construções possam lhes servir para aprendizado pessoal, aprimoramento quanto a utilização do campo da ciência – enquanto proposta formativa que lhes tragam ensinamentos e condutas por um fazer profissional pautado no respeito, ética e compromisso com a ciência.

Porquanto, justifica-se tal propositura ao entendermos que, enquanto professores/as, são recorrentes as situações que assolam e se reverberam dentre o grupo escolar de alunos e profissionais da Educação envolto à temas de Educação Sexual. Logo, vamos (in)formar apenas para cumprir uma função meramente de levar (con)textos, ou ainda vamos imergir às profundezas quando lacunas, silenciamentos e distorções conceituais operam nas entrelinhas à sabedoria do conhecimento?

De todo o contexto enfatizamos ser preciso (re)pensarmos a Educação que nós, dentro e fora das escolas, temos oportunizado às crianças pequenas: estamos permitindo que sejam crianças, brinquem com seus pares, se reconheçam pelos aprendizados em que a cooperação, respeito pelo/a outro/a sejam recorrentes e cotidianamente aplicados? Ou por um enquadramento dicotômico as crianças são levadas ao mundo de “faz de conta” que a Educação mais reprime e segrega, não permitindo dar vazão aos sentimentos e emoções?

O objetivo geral do presente trabalho está articulado a desenvolver e aplicar uma proposta de intervenção formativa no contexto da formação inicial em Pedagogia abordando as temáticas sobre Gênero e Sexualidade.

Já por uma contextualização detalhada, os objetivos específicos da pesquisa se definem por problematizar questões sobre os temas Sexualidade e Gênero a partir das concepções dos/as estudantes de Pedagogia, relacionadas à Educação Sexual no contexto de um proposta formativa; são objetivos definidos também avaliar as dimensões e demandas que os/as participantes apontam quando no tocante às temáticas-chave mencionadas na formação, com destaque à abordagem de o quê, quanto, como, quando, e suas intersecções com os diálogos

da Educação Sexual; por fim delimitamos os objetivos a mensurar as constituições identitárias sobre as práxis de ações quando “problemas” são inseridos às questões da Educação Infantil - como se comportariam os/as participantes em decorrência da inserção da criança (ex)posta à Educação Sexual e Gênero na escola e em família.

Estruturalmente a pesquisa está descrita em algumas ordens de sequenciamento que explicitamos nos moldes a fim de melhor compreensão e ordenamento, na perspectiva de que os pormenores descritivos representam o encadeamento das ideias e lógica textual.

Assim, na primeira parte identificamos a temática proposta, tendo as reflexões pautadas como eixos a se repensar as práticas educativas (ou as ausências dessas) no que tange a inserção da Educação Sexual no âmbito pedagógico. Arrolamos então a premissa de que a Educação Sexual deve ser um conceito amplo e continuamente discutido, ensinado e posto à prática na escola, considerando como ponto de partida a Educação Básica, especialmente na Educação Infantil, em que as crianças carecem se reconhecerem como sujeitos ativos que partilham momentos pelas brincadeiras/aprendizagens.

Repensando as indagações propostas, questionamos-nos: como as crianças vêm crescendo (e nesse sentido amplo de crescimento), como estão desenvolvendo suas emoções, anseios, desejos e vivências nos espaços escolares? Mais do que nunca assuntos como sexo, sexualidade, diversidade, “opção”, transformação do corpo, têm sido motivos de alarmes e desdobramentos em nossas culturas para além da sala de aula. E na escola, o que tem feito o/a professor/a para lidar cotidianamente com esses cruzamentos?

Como ponto central apresentamos teorias com conscientes definições do assunto que tratamos. Ao retrocedermos poderemos entender que foi a partir de meados da década de 30 que a tomada dos assuntos pertinentes à Educação Sexual começou a ser reconhecida e institucionalizada (Ribeiro, 2009). Para Ribeiro & Bedin (2013, p. 155), a definição faz referência à:

[...] educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento referente à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, inicialmente na família, posteriormente na comunidade, com seu grupo social e religioso; e que esta educação sexual é contínua, indiscriminada e decorrente dos processos culturais, influenciando a manifestação de comportamentos e atitudes sexuais [...].

Ao encontro da configuração definida no que determina o campo da Educação Sexual, segundo as palavras de Nunes & Silva (2006, p. 13) trata-se do “conjunto de processos simbólicos-significativos e comportamentais, psico-subjetivos e socioinstitucionais de representação e vivências das identidades e potencialidades sexuais”.

Por outras concepções formativas, podemos compreender que a Educação Sexual pode ser conceituada por diferentes olhares. Furlani (2011, n. p) defende que:

[...] a educação sexual contemporânea explicita [...] múltiplas formas de organização de enunciados constitutivos de seu objeto pedagógico num processo que não é homogêneo. Ao contrário, ele é marcado por rupturas, por divergências, por discordâncias teóricas e políticas, assim como é possível verificar, entre certas abordagens, interfaces de articulações e convergências.

E ressaltamos segundo as afirmativas de Werebe (1977), pesquisadora no campo da Educação Sexual que o conceito se constitui por:

tomada num sentido mais amplo, compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre um indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual (p. 78).

E nessa trama dos entrelaçamentos dos saberes em Educação Sexual, as sexualidades em suas múltiplas facetas se notam, pois entendemos que ambos os conceitos apesar de se constituírem por definições complexas de acordo com perspectivas de abordagens distintas, acabam por culminar no mesmo campo: o trato/cuidado com o corpo de si (e o do/a outro/a), o que se faz dele, e o simbolismo representativo a qual podemos dirimir a partir da concepção da materialidade “corpo”. Definimos alguns esclarecimentos que se contemplam nessa imersão conceitual. Para Freud (2006, p. 309):

[...] Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de “sexual”. Talvez a única definição acertada fosse “tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos”. [...] Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definissem como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. [...] Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo.

Defende Bearzoti (1994, p. 1) que:

Sexualidade é assunto complexo, controverso e de conceituação difícil. Tem sido alvo de tabus, repressões, distorções e tentativas de reduzi-la a sinônimo de genitalidade e de reprodução. Serve para dar vazão a sentimentos elevados como o amor, embora permita também que outros, como a agressividade e a violência, possam manifestar-se por meio dela [...].

Enfatizamos que adiante trataremos de modo oportuno de como a violência tem suas manifestações alarmadas no que diz respeito à violência sexual infantil. E seguimos com a explicitação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) com a importância da sexualidade ressaltando grandezas das fases de reprodução do ser humano, conforme salienta:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do

nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito [...] (PCNs, 1997, p. 81).

Concomitante aos esclarecimentos dos PCNs, e em face a importância de que a sexualidade seja indiscriminadamente alicerçada ao pleno desenvolvimento dos seres humanos por toda a vida, do nascimento à envelhecimento, compreendemos e reafirmamos a essência ao argumentar que “A sexualidade é uma das componentes essenciais do corpo, da vida e das relações interpessoais dos seres humanos. Por isso mesmo, é também uma das componentes do nosso crescimento, das nossas aprendizagens, ou seja, da nossa socialização” (Vilar & Souto, 2008, p. 13).

Já para Louro (2000a, p. 65) fundamentada em concepções de corpo, escola e identidade, as definições de sexualidade são pautadas na tratativa de que:

A sexualidade funda-se, nessa perspectiva, num atributo biológico que pode ser compreendido como constituindo sua origem, seu núcleo ou sua essência. Operam, também, sob uma ótica essencialista, todas aquelas interpretações que atribuem a origem da sexualidade a um impulso ou uma pulsão inata. Mesmo que esse impulso ou pulsão não seja reconhecido como "biológico", num sentido estrito, ele é tomado como um atributo inerente e universal, como a essência ou a base da experiência e da vida sexual de todos os seres humanos.

Para a mesma autora “Numa posição que busca se afastar, aparentemente, da perspectiva determinista e essencialista, admite-se que as formas de viver a sexualidade são influenciadas pelo meio cultural” (Louro, 2000a, p. 65).

Como percebemos os conceitos de Educação Sexual e de Sexualidade não são recentes, e suscitam na existência do homem em todas as esferas e particularidades. A esse respeito e não menos importante são as ordens de Gênero comumente empregadas na fluidez do mundo contemporâneo.

Dentre as diversas compreensões acerca de “Gênero” seguiremos adiante considerando os dizeres de Scott (1995, p. 75) ao mencionar que:

[...]. O termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino.

E acrescenta ainda que a esse respeito:

é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar

"construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres (Scott, 1995, p. 75).

Louro (2008) admite que a denominação usual de gênero não faz menção ao se deter na relação dicotômica entre macho e fêmea presentes a partir do nascimento, nem pela identificação biológica, mas sim pela constituição identitária marcada contínua e infindavelmente por questões histórico-culturais.

Grossi (1998, p. 05) afirma que Gênero é essencial “para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado”. Segundo a autora “[...] nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo”.

A partir das concepções descritas, interpretamos que as terminologias associadas à “Educação Sexual”, “Sexualidade”, e “Gênero” têm especificidades quanto ao caráter conceitual. Entretanto, entendemos que enquanto educadores/as são recorrentes os entrecruzamentos (não) intencionais no tocante à uma Educação Sexual emancipatória, liberta de pré-conceitos determinada no sexismo e na ausência de conhecimento de si e do mundo ao nosso redor.

Não menos significativos são os conceitos que se ecoam acerca do Gênero no espaço escolar, servindo paralelamente como estruturas para se nortear “o que é de/para meninos” e “o que é de/para meninas”. Tendo em vista a construção histórica e social que o conceito carrega ao longo das últimas décadas, seguimos com o entendimento de que as crianças necessitam perceber que a escola é um espaço de aprendizados e para tanto, aprender ao respeito, às diferenças, e às singularidades da outra criança, não a faz inferior, não fere seus direitos de aprender a viver em sociedade, e principalmente não a torna menos ou mais menino ou menina, por ser e só ser uma criança.

Seguidamente, trouxemos os fundamentos que envolvam aos conceitos delineados por teóricos e pesquisadores nas linhas da Educação Sexual, do Gênero e da relação destes com o universo da Sexualidade em concomitância às pesquisas que norteiam, especialmente ao universo da Educação Infantil, tendo como marco o percurso da Educação Sexual associado à Formação e Diversidade na Formação de Professores.

Alicerçamos também construções de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização nos últimos anos, tendo como referencial a idealização de que tais pesquisas se justificam por caráter interventivo, isto é, não obstante aos problemas de pesquisas, discussões e análises são argumentadas tendo como princípio a

investigação a campo, com aplicação de metodologias qualitativas em que a ótica do/a investigador/a se faz presente e contínua.

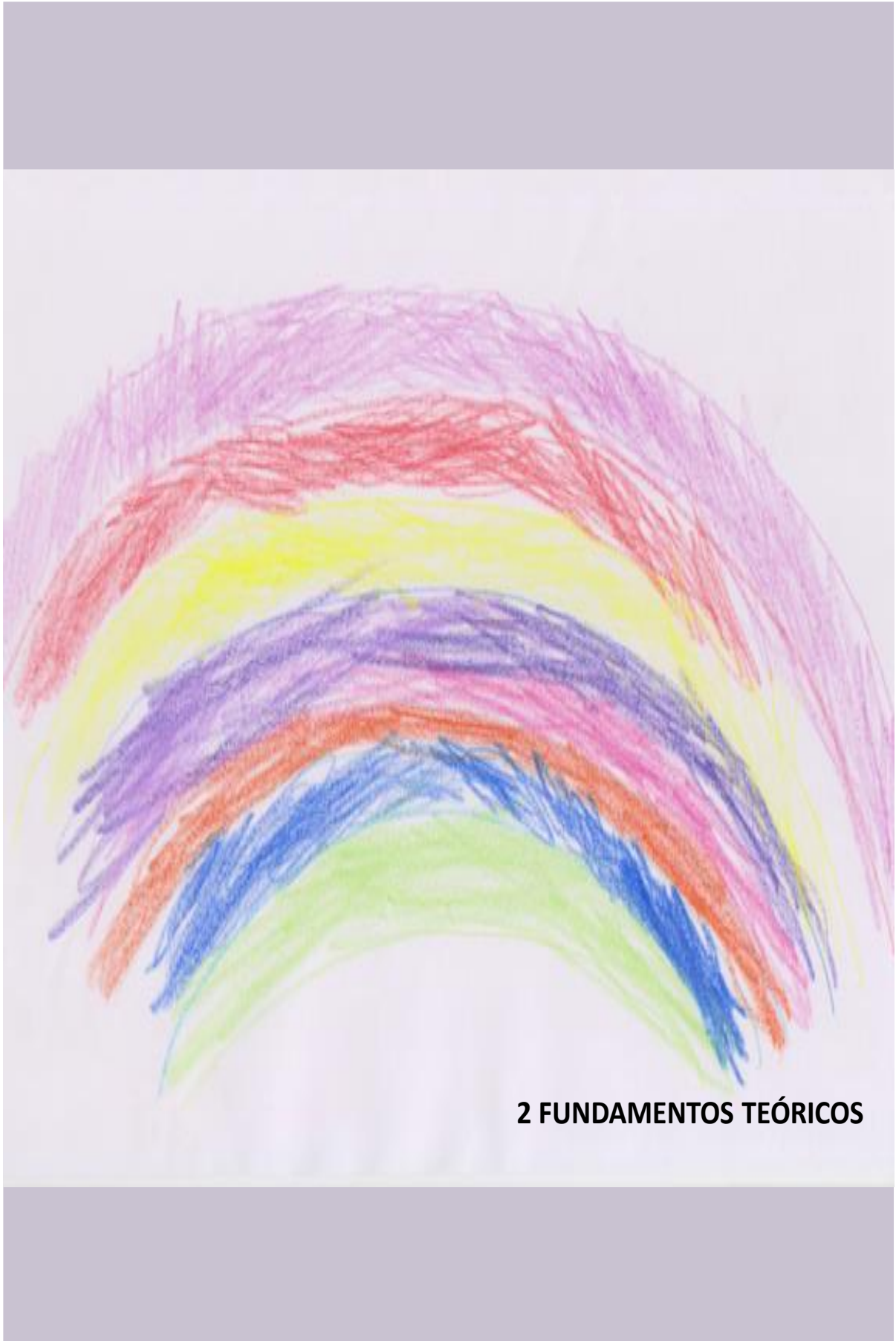
Já no terceiro eixo debruçamos-nos aos Materiais e Métodos. Tópico descritivo e conceituado pela ordem da Pesquisa Qualitativa em Educação, na qual tem em sua análise as definições por aportes teóricos que sustentam o fazer pesquisa, os/as participantes, a explicação da materialidade posta como elementar e indispensável para a pesquisa-ação, bem como as questões posteriores quanto a análise resultante, ponderadas explicações da trajetória, recursos empregados e ética da pesquisa.

Tal posicionamento nesta ação interpretativa toma por base as teorias que se enquadram prioritariamente pelas considerações da Psicologia Histórico-Cultural à luz das definições de Vigotski no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem da criança, as ações do brincar como material capaz de ser articulado nessa projeção, as afetividades e sentimentos como representação capazes de promover mudanças no desenvolvimento para/com a criança, e apropriação da cultura em face às questões de cunho histórico como aglutinadoras das aprendizagens.

E para fecharmos, o último e mais denso enquadre textual faz referência ao desenvolvimento da pesquisa propriamente elaborada e aplicada como meio de produção e análise intitulada “*A Formação Inicial em Educação Sexual, Sexualidade e Gênero: os encontros, as produções de materiais, e as escutas*”. Esse material carrega toda a contextualização da pesquisa empírica, por desenvolvimento da pesquisa-ação. Técnicas como elaboração e aplicação de Questionário em papel, produções de textos, desenhos, análise de produções a partir de recursos didático-pedagógicos se fizeram recorrentes de modo a qual a pesquisa tomou como seguimento norteador as áreas da Infância e Gênero por um mix do viés clássico e contemporâneo.

Ademais ficam as indicações para uma leitura reflexiva em que por uma abordagem contextualizada sejam permitidas ressignificarmos concepções conservadoras à novos constructos formativos acerca dos *Fundamentos e Práticas Educativas sobre Gênero e Sexualidade na Formação Inicial do Pedagogo para atuação na Educação Infantil*.

Boas Leituras!



2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 SEXUALIDADE, EDUCAÇÃO SEXUAL E GÊNERO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

Como referência de partida, iniciamos a apresentação dos conceitos que pudessem esclarecer a sexualidade sob o ponto de vista que esteja voltado à dimensão holística, isto é, que perpassa e se sobreponha à definição biológica. A esse respeito elencamos pesquisadores/as que defendem os fundamentos a partir de estudos teóricos e empíricos em que as raízes dos conceitos estejam associadas ao desenvolvimento humano, social, histórico e cultural.

Em concordância com Figueiró (2014), acreditamos que a sexualidade seja uma definição sistêmica e largamente repleta de significados, em função de fatores condicionados. A seleção por tal pesquisadora representa a esta pesquisa a abertura e possibilidades de ampliar as discussões no âmbito institucionalizado, o que permite uma revisitação aos conceitos e tabus amplamente difundidos nos espaços (in)formais. Logo, que tipo de Sexualidade tratamos aqui em nosso universo de pesquisa? Para a autora:

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais (p. 48).

Em consonância às ideias supracitadas da pesquisadora, identificamos que Louro (2008) traz afirmações essencialmente postas à luz dos ditames impostos pela sociedade, praticados por uma cultura na qual segundo a autora “[...] a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades” (p. 21). Louro (2008, p. 19) considera que:

Transformações são inerentes à história e à cultura, mas, nos últimos tempos, elas parecem ter se tornado mais visíveis ou ter se acelerado. Proliferaram vozes e verdades. Novos saberes, novas técnicas, novos comportamentos, novas formas de relacionamento e novos estilos de vida foram postos em ação e tornaram evidente uma diversidade cultural que não parecia existir. Cada vez mais perturbadoras, essas transformações passaram a intervir em setores que haviam sido, por muito tempo, considerados imutáveis, trans-históricos e universais.

Aproximamos-nos dos dizeres assertivos de Louro (2008) à medida em que compreendemos que as relações da sexualidade emergem continuamente nos múltiplos contextos sociais, logo presentes na conjuntura da formação inicial docente. Falar sobre Educação para a Sexualidade é também considerar que a este fim há um (des)encontro com a

Educação Sexual permeada dentro da escola. Conceitua ainda Louro (2000a, p. 66) sob a elucidação de que a sexualidade é algo que representada na mais íntima sensibilidade do ser humano, sendo percebida e vivenciada pelos contextos históricos e culturais. Para a autora:

Linguagem, crenças, fantasias, códigos sociais, desejos inconscientes, atributos biológicos constituem a sexualidade, em combinações e articulações complexas. Tal como o gênero, a raça ou a classe, a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura.

Concernente ao fato de que desde a Colônia do século XVI, a sexualidade rotineiramente foi algo controverso na vida dos povos brasileiros, consideramos oportuna a reafirmação de alguns dos principais momentos históricos da Educação Sexual no Brasil, na qual segundo Ribeiro (2004) transcorreu nos últimos séculos. Enfatizamos para tanto, o intenso e notório progresso em meados de 1920 a 1940 com a criação da sexologia, considerada relevante área do campo médico e responsável pela publicação de livros técnicos e científicos, nos quais orientavam para as práticas sexuais, prosseguindo com tais perspectivas até 1960, onde escolas dos maiores centros urbanos inseriram a temática sexual no currículo.

Com o advento vivido em meados de 1960 denominado “Golpe de Estado de 1964” há uma intensa e massificante repressão das manifestações e liberdades de expressão bem como dos comportamentos decorrentes da sexualidade, tornando-se o momento obscuro e opressor. Apenas por volta de 1980 há uma retomada dos assuntos na esfera de Orientação Sexual nas escolas, fruto de uma abertura política da época, chegando ao novo século XXI (Ribeiro, 2004).

A partir de então, novos rumos têm direcionado e ampliado o espectro da Educação Sexual no Brasil, tendo a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ganhando destaque aliada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, como referenciais necessários e oportunos à Educação. Afirma Ribeiro (2004, p. 24) a esse respeito:

Refletindo sobre a trajetória histórica da educação sexual no país, com seus avanços e recuos, podemos considerar o período iniciado com a nova LDB e a inclusão oficial da temática da sexualidade no currículo escolar como o *sexto momento da educação sexual no Brasil*, que parece prometer um tratamento responsável e crítico, preocupado com a dignidade da pessoa humana, voltado para atender à necessidade de os alunos viverem plenamente sua sexualidade. A partir desta iniciativa oficial, abrem-se portas para que escolas, instituições, educadores e outros profissionais possam realizar trabalhos de orientação sexual contando com o apoio e acompanhamento dos órgãos governamentais.

Tendo em vista que trataremos adiante das discussões acerca de Gênero e Sexualidade nas Infâncias, questionamos-nos a partir de um posicionamento um tanto quanto usual nos tempos contemporâneos: menino brinca de boneca?

Acreditamos e defendemos a livre e democrática escolha das crianças pequenas. Nesse sentido, e já concordando com os ideais de Ribeiro (2011), sim é possível permitir que menino brinque de boneca! E não apenas brinque, mas também que o brinquedo enquanto materialidade represente aprendizagens às crianças meninos. O posicionamento que assumimos está direcionado à liberdade e ao respeito a todos/as, contrários ao que frequentemente diriam adultos, ao qual nas palavras de Ribeiro (2011, p. 8-9) “menino é mais esperto, agitado, corajoso, destemido à beça. Forte como o papai! Menina é mais obediente, mais sensível, mais comportada. Boazinha como a mamãe!”.

O autor explicitado é reconhecido por lançar obras que deem subsídios aos entendimentos das questões inerentes à Sexualidade, Educação Sexual e Gênero. Por intermédio de uma prática lúdica, Marcos Ribeiro ilustra situações e curiosidades oriundas pelas crianças, e que frequentemente os/as educadores/as de modo geral têm dificuldades em lidar, como os diálogos sobre uma reeducação sexual em que as dúvidas sobre práticas sexuais, as marcantes questões de Gênero nas Infâncias e a prática do brincar, o nascimento e a gestação dos bebês, e os trabalhos ao desenvolvimento das crianças pela perspectiva da pluralidade sejam temas recorrentes.

Compreendemos que assim como as marcantes relações de Gênero dentre as sociedades adultas, que criam e segregam por estereótipos, também o fazem em meio as relações das Infâncias, com todos seus valores, crenças e significados. Em pesquisa realizada por Leite (2002) evidenciamos veemente e explicitamente a distinção de Gênero. A seguir reproduzimos parte da pesquisa como forma de ilustrar a presença incisiva do Gênero dentre um diálogo demarcado pela sutileza e sensibilidade e conduta de bom comportamento a qual a sociedade encarrega de destinar as meninas.

Quadro 1

O Gênero desvelado pelas crianças: dicotomia meninas X meninos

- “Na minha escola não tem nem?? Um escorregador! Nadinha!”
- “Só bola...nem campo tem!”
- Devia ter um campo, um muro para não dar bolada nas meninas.”
- *Por quê?*
- “Porque quando a gente tá jogando é perigoso que elas passam.”
- “Deixa eu falar! Tinha que ter brinquedo!”
- *De que tipo?*
- “Escorregador.”
- “Boneca.”
- “Caixa de joquinho... Elas por elas, Ratinho come queijo...”
- “Balanco!”
- *Mais alguma coisa?*
- “Eu não acho nada, não... [risos] tá é faltando pátio para as meninas brincar. Os meninos brincam lá no terreiro mesmo.”

Fonte: (Leite, 2002, p. 74)

O excerto acima, ilustrado a partir dos estudos em que as crianças do sexo feminino foram os sujeitos de análises, nos esclarece que já nas Infâncias há recorrentes apontamentos direcionados para e pelas crianças meninas quando no tocante ao tratamento diferencial a elas, haja visto que conforme percebemos as meninas necessitam de um espaço e de objetos/brinquedos para desenvolver as brincadeiras. Em contrapartida para os meninos pouco se basta “brincam lá no terreiro mesmo”. A autora torna-se referência por ilustrar em pesquisas “as meninas” em idade escolar como sujeitos a partir de um contexto de suas vidas de crianças, sendo, portanto, do sexo feminino.

Afirma Rego (2013) que Vygotsky considera o conceito de “brinquedo” a uma dimensão voltada à atividade, ou seja, ao ato em si de o fazer brincar. Nossa pesquisa vai ao encontro dos fundamentos vigotskianos ao passo que segundo a autora há especialmente atenção às atividades de faz de conta, em que as crianças para tanto “já são capazes de representar simbolicamente e de se envolver numa situação imaginária” (p. 80).

Nos estudos de Finco (2015) ao qual as relações de Gênero na educação da pequena Infância são discutidas em sintonia a um processo de (des)construção social para além daqueles em que nossa sociedade nos “forma”, nos delimita espaços e atitudes nas frágeis

relações do poder, ressaltamos o quão a força que os brinquedos possam representar para as crianças meninos/as. A autora exemplifica:

[...] se, por um lado, meninas podem ter sua identidade de gênero questionada se praticam futebol, com meninos o mesmo ocorre, se eles não o fazem, se não são fanáticos pelo seu time, se não têm um time. Meninos são obrigados a gostar de jogar futebol. Pais, mães, amigos e amigas e até educadores/as exercem uma “pressão social” para que pratiquem essa modalidade. Aqueles que não o fizerem podem ser vistos como femininos (p. 52-53).

Silva, Silva & Finco (2020), pesquisadores atuantes principalmente nas áreas dos estudos de gênero, Educação Infantil, Políticas Públicas, Sociologia da Infância e Formação de Professores/as asseveram que apesar dos movimentos em relação à difusão do conhecimento para e por uma educação sexual transformadora, ainda há entraves políticos e econômicos que cessam as aprendizagens, contribuindo para uma desconstrução do saber das crianças pequenas. Para os autores “[...] a superação da desigualdade, com certeza, passa por uma educação emancipadora, desde o nascimento, em espaços coletivos na esfera pública como um lugar de confronto e convívio com as diferenças” (p. 22).

Finco (2015, p. 56) defende que “[...] sexismo e ‘anti-valores’ como hierarquia, poder e dominação precisam ser constantemente desmitificados, ajudando assim, a ampliar as concepções de infância e gênero”. Vivemos em uma sociedade na qual culturalmente determina e categoriza que há brinquedos pré-determinados a cada Identidade/Gênero infantil, em função das cores, representação simbólica e como conseqüente julgamento alheio acerca do fazer brincar. **“O que diriam se vissem minha criança brincando com esse tipo de brinquedo?” “Isso não é brinquedo de macho!”** (grifos nossos).

E são esses mesmos estereótipos que se farão presentes na vida dos adultos, uma vez que há enraizado um tendencioso apelo aos determinantes biológicos. Para Grossi (1998, p. 4) podemos considerar a esse respeito cultural que há banição quando “mulher não pode levantar peso”, assim como para o fato de que “homem não tem jeito para cuidar de criança”.

Também como Grossi (1998), enquanto pesquisadores acreditamos veementemente que haja uma emergente mudança de paradigmas para os próximos tempos. Que possamos reeducar as crianças e adultos de modo singular, sem banalizações e alicerces pejorativos no que diz respeito aos Gêneros – mulheres podem levantar pesos, se o quiserem, homens têm jeito para cuidar de crianças, se o quiserem.

Seguimos na defesa de que as crianças cotidianamente têm relações afetivas dentro e fora da escola. Fora do espaço escolar, em casa os pais e/ou responsáveis devem se propor a assumir uma postura íntegra de ensinamentos e de exemplos a serem seguidos. Em conformidade aos dizeres de Beliz (2019, p. 53) “Partilhar tarefas é o melhor exemplo que a

família pode dar para começar a trabalhar em igualdade, mostrando que todos e todas podemos fazer uma tarefa, independentemente do sexo”.

De todo, trouxemos contextos e fundamentos que elucidassem uma práxis em Sexualidade e Gênero no nosso cotidiano atual – marcados por progressos em relação a uma Educação Sexual transformadora, que se contraponham às imposições conservadoras.

2.2 SEXUALIDADE, GÊNERO E INFÂNCIA NA FORMAÇÃO DOCENTE: APROXIMAÇÕES NOS ESTUDOS ACADÊMICOS

Partindo da real necessidade em nos aproximarmos de estudos acadêmicos ancorados nas esferas que contemplam os objetivos desta pesquisa e posteriores análises à luz das literaturas, compreendemos o percurso em direção à relativizarmos alguns estudos que retratem a formação docente em função de discutirmos os desdobramentos a partir dos conteúdos e considerações da Educação Sexual enquanto área do saber, problematizadora e objeto de estudos para e por uma Educação pautada no conhecimento científico.

A nova realidade social, configurada por transformações em vários campos do conhecimento exige uma multiplicidade de saberes necessários ao exercício docente. Desse modo:

os professores precisam, então, cada vez mais, ampliar e diversificar os seus conhecimentos para o ensino, transformando suas práticas em função dessa realidade e dos contextos de atuação, ajudando os estudantes a aproveitarem plenamente os benefícios que a escolarização pode proporcionar. Essa realidade torna a docência uma profissão complexa, a ser exercida por profissionais cada vez mais capacitados, que continuem a aprender pela vida afora, a fim de acompanhar o dinamismo dos contextos sócio-econômico-culturais (Tancredi, 2009, p. 14).

Especialmente nesse contexto, trataremos de apontar algumas pesquisas acadêmicas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE) nos últimos anos, enquanto atividades direcionadas ao desenvolvimento das crianças pequenas em função de se ofertar de forma sistematizada o conhecimento ao/a professor/a nos espaços da Educação Infantil.

Acerca do GEPIFE, ressalta-se que segundo informações descritas no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil – CNPq, este grupo tem por definição:

O GEPIFE é um Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização que atua junto aos três eixos basilares da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão, desenvolvendo um trabalho compromissado às mais diversas demandas e exigências acadêmico-científicas e sociais. Dedicamo-nos a estudar e pesquisar temáticas relacionadas à Infância: práticas educativas na família e na

escola, ludicidade, sexualidade e gênero na infância, letramento, tecnologias de informação e comunicação, práticas pedagógicas escolares e à formação de professores. Nossa fundamentação sustenta-se nos postulados teóricos-metodológicos da Análise de Conteúdo e na Pesquisa-ação, na Psicologia Histórico-Cultural, nas contribuições da Sociologia e História da Infância e, também nas Ciências da Educação. O Grupo é formado por vários pesquisadores e colaboradores de diversas universidades e faculdades nacionais, no âmbito da Iniciação Científica e Pós-Graduação.

Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0064866328933882>

Logo, tratamos de selecionar 03 (três) pesquisas concluídas e defendidas à nível de Dissertação de Mestrado Profissional que foram selecionadas a fim de discutirmos e apresentarmos os estudos desenvolvidos pelo Grupo. Em comum apresentam a constituição de Gênero, Infância, e a atividade acadêmica (o preparo para ser professor/a na Educação Infantil) ou a práxis pedagógica (o ser professor/a na formação continuada na Educação Infantil).

Os trabalhos descritos foram desenvolvidos por pesquisadores/as vinculados/as ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual – UNESP FCLAr. Os Resumos seguintes foram apresentados na íntegra com o intuito de que possamos estabelecer conexões e nos apropriarmos de como a realidade acerca da Educação Sexual, Sexualidade e Gênero esteja nos últimos anos próximas ou distantes do universo escolar, em se tratando particularmente de formações inicial e continuada de professores/as.

Quadro 2

Pesquisa 1 integrada ao GEPIFE

Crociari, A. (2020). *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo*. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Sexual, Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.

A presente pesquisa apresenta como objetivo geral, compreender a formação inicial do pedagogo acerca da percepção dos conceitos de gênero no âmbito da Educação Infantil, assim como contribuir para sua melhor prática docente por meio de uma proposta interventiva. O trabalho com a formação inicial focada nas relações de gênero na infância foi motivado por compreender a existência da necessidade de um contato sistematizado com as temáticas. Caracterizada por um estudo empírico com uma abordagem quantitativa e qualitativa, a pesquisa enquadra-se em uma pesquisa-ação, trazendo o uso de um questionário como forma de coleta de dados. A demanda sinalizada foi contemplada em um

curso ofertado aos estudantes, abrangendo questões teóricas e práticas divididas em dois dias de aplicação. O universo da pesquisa compreendeu duas turmas de 50 alunos cada, distribuídas no período diurno e noturno do curso de Pedagogia de uma Universidade Estadual Pública. Os resultados obtidos demonstraram uma defasagem no conhecimento da temática exposta, visto que as lacunas existentes no que diz respeito ao trabalho da Educação Sexual e Gênero tornam-se ainda mais escassas se atrelado à Educação Infantil, sem desconsiderar a complexidade existente no trabalho docente. Deparamo-nos também com o distanciamento dos pedagogos com o tema em questão, uma vez que a graduação fornece mínimo conhecimento e acaba por contribuir com a falta de preparo sinalizada pelos mesmos. Considera-se, assim, a importância do investimento na formação inicial como embasamento para melhor sistematização e aplicação dos conteúdos.

Fonte: acervo Biblioteca UNESP - FCLAr, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191714>

Quadro 3

Pesquisa 2 integrada ao GEPIFE

Camilo, V. C. S. (2019). *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada de educadores*. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Sexual, Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.

A sexualidade se faz presente desde o nascimento direcionando-se até a velhice, fazendo parte da história de cada indivíduo, sendo influenciada e direcionada por questões históricas, sociais, culturais e do meio em que vivemos, no qual nos deparamos com mitos, tabus, preconceitos, posicionamentos religiosos e até governamentais. A criança em seu desenvolvimento constrói essas relações sociais pela linguagem e cultura, aprende com outras crianças e adultos e na escola se apropria dos costumes à sua volta, convivendo com separação de meninos e meninas, desdobrando-se para a vida, fazendo-se necessário um novo olhar que não limite os desejos para com a infância livre de preconceitos sexistas, sem estereótipos. Como objetivo geral, tencionamos investigar e intervir nas percepções dos educadores da Educação Infantil sobre educação sexual; como objetivos específicos, verificar o conhecimento que os educadores possuem sobre gênero na Educação Infantil,

além de organizar, propor e analisar a formação continuada de educadores em relação à infância, à sexualidade e ao gênero. Como metodologia realizamos o estudo em três etapas: na primeira fez-se um estudo teórico dos conceitos na área de educação sexual, gênero e infância, trazendo rigor conceitual; na segunda, levantamento em base de dados para averiguar as iniciativas ou lacunas na formação docente acerca da temática principalmente no âmbito da Educação Infantil nos cursos de formação inicial e continuada no Repositório Institucional da Universidade Estadual Paulista no período de 2013 a 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual; e, por último, a oferta de um curso de formação aos educadores investigados, por meio da utilização de amparo conceitual, atividades lúdicas através do brincar e da prática de como podemos levar conhecimento. Como resultados nos deparamos com: 1) apontamentos sobre a ausência de estudos a respeito da formação docente, os quais a pesquisa reafirma na falta de formação inicial ou continuada ao educador, trazendo insegurança de como se posicionar e trabalhar com a criança; 2) a importância de pensar uma formação a partir das demandas apontadas pelos educadores vivenciadas no universo escolar sobre sexualidade, gênero e educação sexual, com a ideia de continuidade de aprendizado para as demais faixas etárias na Educação Infantil; 3) a formação trazendo grande impacto, transformando posturas e posicionamentos de maneira facilitadora através das atividades didáticas de fácil acesso mesmo diante de todas as mudanças de percurso que a sexualidade passa, estando ainda interligada a crenças, mitos, tabus e até repressões governamentais. Conclui-se o quanto é importante a formação continuada dos educadores como direito ao acesso e apropriação de conhecimento no contínuo processo de formação da identidade profissional com a inclusão de disciplinas no currículo em formação inicial, visto que os comportamentos sexuais estão presentes durante todos os processos de desenvolvimento da criança.

Fonte: acervo Biblioteca UNESP - FCLAr, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190991>

Quadro 4

Pesquisa 3 integrada ao GEPIFE

Ruis, F. F. (2015). *Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*. Dissertação de Mestrado Profissional, Educação Sexual, Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras,

Araraquara, SP, Brasil.

Considerando o gênero como uma construção histórica, cultural e social, o presente estudo objetivou investigar como as relações e representações de gênero são expressas por meninas e meninos, professor e professora no cotidiano de uma escola municipal de Educação Infantil. Porquanto, foram adotadas estratégias de investigação de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa duas turmas de alunos e alunas com idades variando entre quatro e seis anos, bem como o professor e a professora responsáveis pelas mesmas. A coleta de dados abarcou três momentos. Primeiramente o ambiente escolar, sua organização e funcionamento, constituíram o foco de observação, bem como as práticas adotadas pelos docentes e as interações com suas respectivas turmas. Em sequência, a ludicidade foi utilizada como estratégia, a fim de verificar e apreender as relações e representações de gênero reveladas por meninos e meninas. Por meio de entrevistas semiestruturadas, averiguamos os fundamentos e conhecimentos dos docentes acerca do conceito de gênero e como lidam com as relações de gênero expressas pelas crianças. Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo. O entrelaçamento das vozes dos sujeitos envolvidos nos revelaram diferentes modos de ser menino e menina, professor e professora, em suas interações no ambiente escolar, que ultrapassaram os padrões de feminino e de masculino esperados. A pesquisa apontou para lacunas na formação docente no que diz respeito às questões de gênero, diversidade sexual, sexualidade e Educação Sexual. Diante dos resultados alcançados, acreditamos que este estudo possa contribuir para que os professores e as professoras reflitam sobre suas práticas educativas, enxergando as crianças, ouvindo-as em suas necessidades, respeitando suas diferenças e preferências.

Fonte: acervo Biblioteca UNESP - FCLAr, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134114/000855877.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Dos trabalhos apresentados anteriormente, tendo como meta o fortalecimento dos estudos entre os pares, e para além desses, a ampliação das pesquisas a fim de socialização do conhecimento construído pela academia, compreendemos a pertinência de que alguns pontos merecem destaque: a realização e conclusão das pesquisas (sendo estas no contexto designadas como empíricas) permite afirmarmos que a trajetória dentre nossos pares caminha pela realidade em desfrutarmos afinidades para com nossos estudos, o que por consequência nos remete ao trabalho com plena dedicação ao planejamento, execução e finalização dos

estudos. Enquanto atividades propulsoras, destaque para a inserção em um Grupo que nos movem a repensarmos como e o porquê fazemos da Educação um processo adiante à sala de aula.

Pudemos perceber que à frente do fato de construirmos pesquisas que abarquem as temáticas envolvidas nos campos dos saberes da Educação Sexual, temos como princípio projetar objetivos que além de estabelecer relações com as demandas vivenciadas no âmbito escolar, e principalmente, na Educação Infantil, também nos conscientizamos e, por conseguinte, enfatizamos as necessidades de que as investigações ocorram sumariamente em contextos, em que as pesquisas ocorram por viéses empíricos nas perspectivas de atividades qualitativas, isto é, pesquisas em que os referenciais, sujeitos, ambientes, momentos que antecedem e sucedem as pesquisas possam ser descritivos e analisados como valores e perspicácia do/a investigador/a.

Fortalecemos-nos enquanto pesquisadores com a pretensão de que devemos ser conscientes de nosso papel enquanto sujeitos que buscam elaborar pesquisas em consonância com as demandas oriundas dos espaços formativos de professores/as. As 03 pesquisas apresentadas anteriormente demonstram afinidades e trajetórias na busca incessante pela escuta aos/às educadores/as, pelo trabalho no contexto em que as práxis pedagógicas se fazem presentes pelo desenvolvimento e acompanhamento das atividades lúdicas para com as crianças pequenas nas fases da Educação Infantil.

Como efeito de construções temáticas, adiante trataremos com maiores discussões acerca da ludicidade nos processos de ensino e aprendizagens, especialmente na conjectura de constituições de estudantes em processos formativos que se colocarão diante de atuações na e para a Educação Infantil.

Quando nos propomos a discutir e, por conseguinte, intervir em temáticas que nos acalorassem as emoções, pensamos em teorias pelos estudos e pesquisas acadêmicas com referenciais primordiais para além das literaturas que estivessem envoltas ao nosso campo de pesquisa. Por isso, nos respaldamos para fundamentar e argumentar aquilo que os/as pesquisadores/as têm estudado nos últimos anos. Optamos por investigar na Base de Dados da Universidade de São Paulo (USP) os achados no que concerne as pesquisas tendo como princípio os fundamentos temáticos elencados nessa pesquisa-ação, partindo dos pressupostos que outros referenciais frequentemente comum à nossa realidade de pesquisa despertariam maiores interesses pelas discussões no que tange o reconhecimento de assuntos pertencentes ao mesmo campo do fazer ciência.

Realizamos uma pesquisa avançada na referida Biblioteca Digital considerando os objetivos da pesquisa. Por conseguinte, os descritores que se fazem pela busca aos encontros dos estudos foram: *Educação Infantil*, *Educação Sexual*, *Formação inicial docente*, e *Gênero*. Porquanto, ao considerarmos as pesquisas por estes termos, optamos pelo tipo de documento que pudesse resultar maiores possibilidades quanto aos achados, sendo “todos os documentos” (Dissertações; Teses de Doutorado, e Teses de Livre Docência), não demarcando considerações em relação a temporalidade, isto é, por asseverarmos as relações entre os descritores numa perspectiva de investigação com o intuito de reconhecer o que há determinado na Biblioteca, não pretendemos minimizar o levantamento em função do ano de defesa.

Logo, todos os achados que se enquadrassem sob o viés temático pela Biblioteca Digital da USP seriam considerados para posterior análise. A tabela a seguir sintetiza os achados e subseqüentes discussões.

Tabela 1

Pesquisa em Base de Dados como Título - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero

Biblioteca Digital	Descritores			Tipo(s) de documento(s)	Ano de Defesa	Data da consulta na Biblioteca
USP	e	Educação Infantil	em Título	Dissertações; Teses de Doutorado; e Teses de Livre Docência	indeterminado	10/03/2020 às 00h15
	e	Educação Sexual	em Título			
	e	Formação inicial docente	em Título			
	e	Gênero	em Título			

Fonte: pesquisador, 2020.

A sistemática utilizada para a pesquisa pelos descritores mencionados, e a partir da investigação em se analisar os Títulos dos documentos depositados na Biblioteca da USP, nos esclarece que podemos constatar a insuficiência de produções no campo das áreas de Educação Infantil, e Educação Sexual, e Formação inicial docente, e Gênero. Os resultados da pesquisa avançada nos mostram que há 01 (um) documento que se enquadra no perfil da busca, e que embora seja minimizada a quantidade de materiais quando pensamos nos Títulos

dos trabalhos, entendemos que esteja atualizado em função do ano de defesa, e que principalmente discorra sobre as temáticas que nos sustentem para a referida pesquisa. O resultado é demonstrado a seguir:

Tabela 2

Pesquisa em Base de Dados como Título - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Resultado com os Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero

Título	Área	Documento	Unidade	Ano
Relações de gênero e educação: uma análise sobre a formação inicial docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	Educação	Dissertação de Mestrado	Faculdade de Educação	2019

Fonte: Biblioteca Digital USP - adaptado, 2020.

Enfatizamos que a busca por descritores em “Título” resulta em pouquíssimas pesquisas a nível de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Logo, alteramos a busca avançada de “Título” para “Resumo” a fim de verificar expansões em relação à quantidade e qualidade dos resultados achados, conforme tabela:

Tabela 3

Pesquisa em Base de Dados como Resumo - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero

Biblioteca Digital	Descritores			Tipo(s) de documento(s)	Ano de Defesa	Data da pesquisa na Biblioteca
USP	e	Educação Infantil	em Resumo	Dissertações; Teses de Doutorado; e Teses de Livre Docência	indeterminado	10/03/2020 às 00h30
	e	Educação Sexual	em Resumo			
	e	Formação inicial de professores	em Resumo			
	e	Gênero	em Resumo			

Fonte: pesquisador, 2020.

Como efeito de investigação, os resultados foram direcionados a uma quantidade de 40 documentos, aos quais, um a um analisamos o contexto do Título, Área e Resumo, no intuito de verificar se há pertinência em se considerar o documento como análise de levantamento da Biblioteca Digital em função de nossos objetivos – considerar o trabalho na perspectiva ao encontro dos descritores acima mencionados. Pontualmente destacamos que os achados que mais se aproximam ou que porventura se tenham relações parciais com nossos objetivos são demonstrados a seguir:

Tabela 4

Pesquisa em Base de Dados como Resumo - Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo. Resultado com os Descritores: Educação Infantil, Educação Sexual, Formação Inicial Docente, e Gênero

Título	Área	Documento	Unidade	Ano
A prática da leitura na escola e as relações de gênero e sexualidade: subsídios para reflexão sobre formação inicial e contínua de professores(as)	Educação	Dissertação de Mestrado	Faculdade de Educação	2014
Relações de gênero e educação: uma análise sobre a formação inicial docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	Educação	Dissertação de Mestrado	Faculdade de Educação	2019
A inserção de disciplinas de gênero em cursos de Pedagogia de Faculdades de Educação: caminhos e desafios em três universidades federais em Minas Gerais	Educação	Tese de Doutorado	Faculdade de Educação	2018

Fonte: Biblioteca Digital USP - adaptado, 2020.

Em “*A prática da leitura na escola e as relações de gênero e sexualidade: subsídios para reflexão sobre formação inicial e contínua de professores(as)*” a pesquisadora se propôs a investigar a interferência da prática da leitura na escola, especialmente daquela executada pelo/a professor/a ao examinar os (des)encontros com os processos de ordem do Gênero, da sexualidade e diversidade sexual junto ao desenvolvimento das crianças, levando-se em consideração de que tais assuntos sejam comumente encontrados em títulos das literaturas infantis no Brasil. Respaldados por teóricos/as dos campos da literatura infantil, práticas da leitura e acerca das terminologias de Educação Sexual, os resultados apontaram

consideravelmente que os/as professores/as em atividade não receberam (in)formações sistematizadas durante a Graduação e em formação continuada acerca das relações de Gênero e sexualidade. Sendo assim, a pesquisadora, constatou dentre outras questões, que são necessárias ações para a promoção de práticas seguras quanto ao exercício da profissão, quando problematizadas as atividades em Educação Sexual.

Já quando analisamos o documento *“Relações de gênero e educação: uma análise sobre a formação inicial docente na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo”*, entendemos que o pesquisador objetivou uma análise a partir das concepções de Gênero na formação inicial de professores/as no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, presumindo então hipoteticamente que tal formação ocorre de forma secundária/optativa perante a grade curricular. Foram utilizados dentre outros instrumentos – apresentação dos principais teóricos que discutem as teorias na área de Gênero, tendo enfatizado as relações com a Educação Básica, com as políticas públicas que sustentam tais concepções para a formação inicial docente.

Partindo de um objetivo investigativo e exploratório, o pesquisador do documento citado analisou as ementas das disciplinas do referido curso em função da temporalidade de 1998 a 2018, realizando uma entrevista com os/as docentes responsáveis pela elaboração e oferta do rol de disciplinas que tematizam Gênero como eixo norteador. No tocante ao processo científico, foram analisadas trezentas e trinta ementas, das quais trinta e sete sinalizaram a palavra “Gênero” em algum dos contextos descritivos, sendo que desse segmento, somente três se aprofundaram como temática central. O pesquisador pôde ainda executar entrevistas com esse corpo docente na intenção de melhor compreender a dinâmica de oferta e manutenção das disciplinas, no entendimento das relações do pós-aposentadoria dos/as docentes. E por fim, ressaltamos que segundo a pesquisa, há avanços significativos posterior à década de 90, discussões enriquecedoras que fomentem à formação inicial de e para pedagogos/as em função do tema “Gênero”. A FEUSP idealiza e é responsável pela promoção de ações frente à conscientização da comunidade, entretanto frisa-se que “Gênero” enquanto abordagem curricular tem sido ofertada de forma optativa na formação inicial de professores/as quando analisadas outras temáticas na formação institucional.

E, por conseguinte, o último documento *“A inserção de disciplinas de gênero em cursos de Pedagogia de Faculdades de Educação: caminhos e desafios em três universidades federais em Minas Gerais”* se constitui por uma abordagem em demonstrar os percursos de disciplinas que enfatizam Gênero e diversidade sexual nos cursos de Pedagogia inseridos em três instituições públicas de Ensino Superior no Estado de Minas Gerais. O pesquisador

elencou enquanto proposta de pesquisa examinar como discorrem as trajetórias das disciplinas marcadas por Gênero e diversidade sexual, bem como determinar ações que foram responsáveis pela permanência dessas disciplinas nos cursos em formação de pedagogos/as, e também dirimir os diferenciais que tais disciplinas ofertam quando comparadas às instituições que não as mantêm.

Por embasamentos qualitativos de análises, foram realizadas entrevistas com os/as docentes atuantes às disciplinas, bem como reportou-se à manipulação dos materiais/documentos referentes a elas. Temos então, como consistência de análise que os percursos são demarcados por desempenhos ora individuais ora coletivos, em função do empenho do corpo docente. Logo, ressalta o pesquisador que há desafios na manutenção das disciplinas, uma vez que conjecturas políticas se desdobram à educação pública superior.

A partir de tais constatações, e considerando os documentos selecionados, curiosamente efetuamos uma troca em um dos descritores para posterior análise – de “*formação inicial docente*” para “*formação inicial de professores*”, compactuando que a Base de Dados pudesse relativizar essa divergência em função das pesquisas e interesses dos pesquisadores/autores dos documentos.

De fato, de 40 documentos passamos a uma ordem de resultado para 43, aos quais, além da adição de 03 documentos, outros 17 trabalhos divergem em função da alteração do descritor, isto é, há 26 pesquisas que coincidem quando realizamos a troca do descritor. Dessa pesquisa avançada, não conseguimos evidenciar pesquisas que nos interessam do ponto de vista em referência aos objetivos discutidos nessa pesquisa-ação. Outrora, enfatizamos que os documentos que nos despertam apreço estejam mencionados anteriormente pelo descritor “*formação inicial docente*”.

A selecionada sistematização considerando as pesquisas desenvolvidas pelo GEPIFE quanto também daquelas pela FEUSP nos permitem afirmarmos que há duas questões imbricadas quando nos propomos a analisar as pesquisas: uma se refere aos pontos convergentes (e nesse contexto de averiguações percebe-se que são descritos pelos/as pesquisadores/as as ausências e lacunas acerca de processos formativos em sexualidade e/ou gênero). Esse desdobramento nos possibilita inferir que na cultura institucionalizada da formação de professores/as são perceptíveis as necessidades quanto as discussões de assuntos e “problemas” oriundos nos espaços escolares, e que deveriam ser amplamente debatidos na comunidade acadêmica, escolar e comunitária.

A questão secundária daquela explicitada anteriormente carrega outro viés quando as discussões giram em torno da formação profissional de educadores/as: diversas são as

percepções pelos/as professores/as, as necessidades perante as hierarquias de gestão educacional, e as falas informais pelos corredores das escolas. Em contrapartida, raras são as possibilidades e ações planejadas e desenvolvidas por uma ótica em que as crianças estejam vistas enquanto seres em pleno desenvolvimento de cidadania, interações e aprendizado.

Por tais afirmativas, as análises das produções reafirmam apontamentos de que segundo os/as pesquisadores/as “faltam pesquisas”, “faltam discussões”, “faltam oportunidades para discussões nos espaços acadêmicos” “faltam trabalhos em as crianças sejam os sujeitos participantes”. De praxe e pluralmente são apresentadas considerações sobre ausências de processos formativos, contudo ao focarmos a relação constitutiva objetivo-metodologia, entende-se que nem todos os trabalhos se compuseram como forma de possibilitar ações e proposições formativas, tendo em sua maioria destaque para o caráter exploratório-investigativo.

A partir do pareamento construído para discutirmos a constituição das “ausências” elencadas, compreendemos as reais necessidades quanto aos objetivos e métodos ao se examinar documentos, buscar fontes científicas, levantar informações e dados por questionários e entrevistas, e posteriormente analisá-los. A esse prosseguimento, instauramos enquanto pesquisadores que sejam oportunamente elaboradas e postas em práticas ações para e pela formação educacional do/a professor/a e da criança pequena.

Se é de conhecimento e constatação as falhas, ausências e defasagem nas ordens de formação educacional, tal afirmativa não se sustenta na medida em que há possibilidades de estruturação de suprir as necessidades e demandas dos processos constitutivos educacionais. Ouvir, dialogar, questionar, dar vozes aos sentimentos e emoções, propor espaços de discussões, instituir formações iniciais e continuadas sistematizadas são algumas das ações pertinentes aos/às educadores/as e profissionais da educação, bem como para as crianças.

Buscamos, como estas proposições aglutinar e partilhar algumas das pesquisas que foram temáticas constituídas no universo acadêmico do Grupo de Estudos, e para tanto, buscar outros referenciais dentro de uma expressiva Universidade que se propõe a formar educadores/as. Ficam a partir dessas correlações a analogia de que no contexto acadêmico atual torna-se essencial o acesso e a permanência de pesquisas que se sobressaiam pelos fundamentos norteados pela Educação Sexual.

E para finalizar essas aproximações, reafirmarmos nossos anseios em acreditarmos na consolidação de projetos cujos objetivos estejam voltados na diversidade e formação de professores/as; que os ensinamentos e as aprendizagens em sexualidade sejam constantes e rotineiramente pautas dentro e fora das Universidades, com marcas a uma visibilidade nas

esferas individuais e coletivas, por reconhecimento e valorização do saber científico em Educação Sexual.



3 MATERIAIS E MÉTODOS

A partir das reiterações de que os objetivos gerais elencados nessa pesquisa estão designados a analisar as considerações sobre a Educação Sexual e os entrelaçamentos oriundos nas temáticas de Sexualidade e Gênero no contexto formativo inicial em Pedagogia, reafirmamos a escolha pelo processo metodológico pautada por acompanhar os/as participantes em um universo educacional em que foram permitidas as realizações de atividades teórico-metodológicas, propostas enquanto desafios a repensarmos a dialogicidade e conceitos embasados pela ciência. Assim, pois, tivemos como referência metodológica as bases da Pesquisa Qualitativa em Educação. A escolha por esta caracterização de pesquisa justifica-se pela razão de que:

[...] o pesquisador, orientado pelo enfoque qualitativo, tem ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo. Os limites de sua iniciativa particular estarão exclusivamente fixados pelas condições da exigência de um trabalho científico. Este, repetimos, deve ter uma estrutura coerente, consistente, originalidade e nível de objetivação capazes de merecer a aprovação dos cientistas num processo intersubjetivo de apreciação (Demo, 1981, apud Triviños, 1987, p. 133).

Para tanto, a discussão deve ser entendida e privilegiada de seu ponto de vista dinâmico, histórico, social e de uma visão com caráter circular. Dessa forma, a realização da presente investigação, ou seja, suas bases teórico-metodológicas convergem na direção da pesquisa qualitativa, sendo que:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

Triviños (1987, p. 137) assevera que “[...] o processo da pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente”. A ação de se desenvolver atividades voltadas à formação docente em Educação Sexual repensando abordagens para com a Educação Infantil solicita uma busca mais profunda, que justamente possa operar com valores, crenças, opiniões, significados, motivações, e que não podem ser reduzidas apenas às questões quantitativas.

Minayo (1999) salienta que a pesquisa qualitativa se adequa a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares, e é empregada para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna. A autora também destaca que a abordagem qualitativa contribui significativamente no esclarecimento dos processos sociais.

Bogdan & Biklen (1994) consideram alguns fatores característicos da pesquisa qualitativa que apresentam uma relação direta com os interesses desta pesquisa - permite que os dados obtidos possam ser ricos em pormenores descritivos além de possibilitar um contato profundo com os indivíduos dentro de um contexto mais natural. Além disso, os autores consideram que a investigação na pesquisa qualitativa lida com a perspectiva teórica que inclui a consideração de uma história, uma cultura dentro da realidade social investigada.

Esse tipo de desenho metodológico possibilita justamente uma visão que considera o contexto próprio da instituição ao mesmo tempo em que permite a compreensão de singularidades e vivências das interrelações estabelecidas no espaço educacional.

E, estruturando os moldes da investigação, quanto aos objetivos, caracteriza-se como Pesquisa explicativa. Nos dizeres de Andrade (2003):

Esse é um tipo de pesquisa mais complexo, pois, além de registrar, analisar e interpretar os fenômenos estudados, procura identificar seus fatores determinantes, ou seja, suas causas. A pesquisa explicativa tem por objetivo aprofundar o conhecimento da realidade, procurando a razão, o “porquê” das coisas; por isso mesmo, está mais sujeita a cometer erros. Contudo, pode-se afirmar que os resultados das pesquisas explicativas fundamentam o conhecimento científico (p. 125).

Enquanto técnica de pesquisa, e a fim de conhecer os/as participantes da pesquisa, inicialmente foi aplicado um questionário em papel, que pode ser enunciado como “[...] uma série de perguntas organizadas com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa [...]” (Nogueira, 1968, p. 120).

Quase que em sua totalidade, o instrumento inicial aplicado foi planejado por questões dissertativas, ou também denominadas por questões abertas. A finalidade é permitir que o informante esclareça, descreva, elabore sínteses e se sinta aberto às questões que possam dirimir e aprofundar o autoconhecimento. Para Nogueira (1968, p. 124). “Perguntas abertas são aquelas que exigem uma resposta pessoal, espontânea, com todos os pormenores e restrições que o próprio informante considere necessário”.

E de suma relevância foram os bastidores que se fizeram presentes aos encontros antecedentes e subsequentes ao desenvolvimento dessa pesquisa. Consideramos também como parte integrante na trajetória teórico-metodológica as reuniões e os encontros que se consolidaram a partir do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização (GEPIFE) – UNESP CNPq, como meio de discussões e divulgação científica das pesquisas acadêmicas concluídas e em andamento. A conexão com os/as pesquisadores/as do Grupo, bem como o engajamento com as respectivas pesquisas, orientadas e em consonância com o desenvolvimento de práticas pedagógicas atreladas ao universo temático

das Sexualidades nos contextos das Infâncias, puderam contribuir significativamente para com as potencialidades e aberturas de ideias inovadoras e singulares.

3.1 UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A TRAJETÓRIA CIENTÍFICA

A efetivação da pesquisa em sua característica como pesquisa-ação ocorreu em espaço de uma Instituição de Ensino Superior (IES) particular, localizada no interior do estado paulista. A escolha e decisão por esse universo justifica-se pelo fato de que o pesquisador mestrando exerceu cargo de docência em curso de Graduação em Pedagogia na IES durante o ano letivo de 2019.

De modo oportuno e intencional, apresentou-se inicialmente o projeto à direção e coordenação institucional, ao qual autorizou por escrito (Apêndice A) a execução junto aos/às convidados/as, sendo que em todas e quaisquer fases todos/as estivessem cientes das etapas e atividades previstas. Coube ao pesquisador (em conjunto com o orientador) por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B) explicar detalhadamente os objetivos do projeto, como esclarecer que as atividades têm fins de pesquisa e de divulgação científica, e fornecer a via para que todos/as os/as presentes consentissem à plena autorização.

As atividades foram programadas em horário posterior ao regular das aulas, uma vez por semana, de modo a não intervir nos estudos e gerar possíveis incômodos nas relações de ensino e aprendizagem dos/as participantes.

Na ocasião de aceite por parte dos/as convidados/as, as turmas foram agrupadas e organizadas em única sala de aula, equipada com aparelho retroprojetor, caixas de som e microfone, sendo que, em ocasiões particulares, o laboratório de informática pudesse ser utilizado para consultas e pesquisas direcionadas ao projeto, sendo os/as participantes orientados/as, nesse caso, pelo pesquisador.

O formato das atividades durante os encontros quando desenvolvidos pelo pesquisador deu-se por textos e slides com figuras e representações simbólicas, de acordo com a proposta inicial de cada encontro. Nos encontros quando as atividades foram designadas “atividades de acompanhamento” os/as participantes seguiram orientações a fim de desenvolver atividades pré-estabelecidas, que ao final de cada encontro obteve-se materiais como princípio de dados para análises.

Para fins de análise e fidedignidade das informações, ficou estabelecido que o pesquisador a qualquer tempo durante a execução do projeto/formação pudesse realizar anotações, registrar fotografias e vídeos das atividades desenvolvidas pelos/as convidados/as. Ressalta-se também que houve ciência de que todos e quaisquer materiais frutos desta pesquisa foram e/ou serão utilizados para fins de publicação científica a qualquer tempo. Conforme descrito no TCLE, o anonimato dos/as convidados/as e o da IES, como também pelos/as envolvidos/as serão mantidos em absoluto sigilo. Utilizou-se nomes fictícios a fim de estabelecer critérios de associação no processo metodológico. Cozby (2011, p. 62) esclarece que:

os pesquisadores precisam tomar cuidado para garantir o anonimato dos indivíduos. Ao estudar assuntos como comportamento sexual, divórcio, violência familiar ou abuso de drogas, precisam algumas vezes, fazer às pessoas perguntas delicadas sobre sua vida particular. É extremamente importante que a resposta a essas perguntas seja confidencial [...].

Em todos os encontros foram computadas frequências a fim de controle de participação e avaliação dos/as discentes por parte do pesquisador (Apêndice C). Foram conferidos certificados (Apêndice D) parciais de participação (10 horas) àqueles/as que apresentaram frequência mínima de 50% durante a formação, e certificados com carga horária total (20 horas) aos/às que participaram com no mínimo de 75% nas atividades ao longo dos meses de execução do curso.

A tabela a seguir nos mostra o cronograma, os temas elaborados de acordo com as propostas para cada encontro, os métodos a serem aplicados/utilizados, como os recursos materiais e tecnológicos empregados. Ressalta-se que maiores esclarecimentos e discussões foram apresentados adiante, pois a tabela refere-se originalmente aos dados utilizados e planejados na apresentação inicial do Projeto à equipe gestora e aos/às participantes em processo formativo em Educação Sexual.

Tabela 5

Cronograma de atividades previstas para a Formação Inicial em Educação Sexual, Sexualidades e Gênero para atuação na Educação Infantil

Data	Tema	Atividade - Método	Recursos materiais – Espaço de atuação
15/03	Apresentação do Projeto	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Aplicação de Questionário Impresso	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
22/03	Fundamentos básicos da Educação Sexual: conceitos e terminologias; objetivos da Educação Sexual	Exposição e discussão dos conceitos científicos	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
29/03	“Construção de instrumento para formação docente”	Atividade de Acompanhamento	Elaboração de materiais pelos/as convidados/as
*05/04	Especificidades e estratégias de ensino da sexualidade para a Educação Infantil	Exposição e discussão dos conceitos	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
12/04	“Construção de instrumento para formação docente”	Atividade de Acompanhamento	Elaboração de materiais pelos/as convidados/as
10/05	Integração escola/família no trabalho de Educação Sexual	Exposição e discussão dos conceitos científicos	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
17/05	“Construção de instrumento para formação docente”	Atividade de Acompanhamento	Elaboração de materiais pelos/as convidados/as
24/05	Mostra de pesquisa no município: “Projeto Pequenos Passos”	Exposição e discussão do projeto	Retroprojektor *Caixa de som e microfone (se necessários)
07/06	Atividade proposta e Autoavaliação	Aplicação de atividade escrita para fins de registros / <i>Cases</i>	Sala de aula
14/06	Análise e discussão Finalização do Projeto	Debate entre os/as discentes sobre os resultados; Apresentação dos Resultados pelo Pesquisador, Agradecimentos e Certificação	Sala de aula

Fonte: pesquisador, 2019

Destaca-se que do Cronograma pré-estabelecido anteriormente como planejamento nas ações para a formação inicial dos/as participantes, todos os encontros foram cumpridos, com exceção à referida data de *05/04/2019 não houve a efetividade do encontro formativo devido às questões de que a IES de modo geral participara nessa data de evento externo voltado à Semana de Conscientização do Autismo. Nesse âmbito, as atividades previstas a esse encontro foram redirecionadas e reorganizadas a encontros seguintes, não havendo prejuízo de conteúdo à formação.

Todos os encontros foram programados unicamente às sextas-feiras por representar o dia de semana em que os/as convidados/as estavam disponíveis, conforme calendário semestral institucional. Vale ressaltar também que a princípio todas as atividades foram estruturadas pelo tempo de 01 (uma) hora por encontro. Quando por questões necessárias devido a maiores explicações conteudistas e/ou por necessidades de espaços para além do planejado nas atividades de exercício e de apresentação, pôde-se combinar casos particulares de extrapolação do tempo estimado para cada encontro do projeto.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Primeiramente destacamos a terminologia empregada nessa pesquisa ao nos direcionarmos às pessoas que colaboraram ativamente para com o estudo. Segundo Cozby (2011, p. 31) “usamos o termo *participantes* para referir-nos aos indivíduos que participam de projetos de pesquisa. Um termo equivalente utilizado na pesquisa psicológica é *sujeitos*”. E acrescenta ainda: [...] “*Informantes* são as pessoas que ajudam os pesquisadores a compreender a dinâmica de ambientes culturais ou organizacionais particulares [...]” (p. 31). Nesse contexto, e considerando as múltiplas necessidades e papéis, e ainda que as pessoas tiveram voz e ação durante o andamento da pesquisa-ação, o pesquisador optou prioritariamente pelas denominações de *participantes*, bem como por *convidados/as* (a partir da ação de que os sujeitos foram convidados a participarem de um curso de formação inicial em Educação Sexual e Gênero).

Já descrita as terminologias dos sujeitos na pesquisa, enfatizamos que participaram inicialmente da presente investigação científica 19 (dezenove) convidados/as aos quais se caracterizam como estudantes em Curso de Pedagogia em uma IES particular no interior paulista.

Os/as 19 participantes estiveram presentes no 1º encontro, logo responderam ao Questionário em papel, e para tanto, a tabulação do instrumento, assim como também a análise do material foi elaborada a partir do número em questão. Naturalmente, ausências se fizeram ao longo dos encontros, bem como desistências por forças maiores, ao qual entendemos ser algo compreensível, considerando até mesmo a sexta-feira como marco decisivo em que acadêmicos/as têm compromissos e motivos para além da sala de aula.

A esse respeito, por tratar-se de uma iniciativa que visava explorar os conhecimentos e (in)formações dos sujeitos em Educação Sexual e suas representações, a formação como base em encontros programados foi planejada a atingir o alcance de turmas diversificadas em Pedagogia intra e extra IES, conforme segue quadro descritivo:

Tabela 6

Participantes: turmas do curso de Pedagogia X número de convidados/as por Sexo

Período do curso em andamento	Número de convidados/as por Sexo
1º período de Pedagogia	09 (nove) convidadas do sexo feminino 01 (um) convidado do sexo masculino (2ª Graduação)
3º período de Pedagogia	05 (cinco) convidadas do sexo feminino 01 (um) convidado do sexo masculino 01 (uma) convidada do sexo feminino (2ª Graduação)
3º período de Pedagogia (IES externa)	01 (um) convidado do sexo masculino
6º período de Pedagogia (IES externa)	01 (uma) convidada do sexo feminino

Fonte: pesquisador, 2019

Ainda, a fim de caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa, ressalta-se que as idades variaram dos 17 aos 50 anos, não tendo obrigatoriamente essa investigação objetivo de relativizar a linearidade entre os componentes de variáveis: período de andamento do curso com o sexo do sujeito e sua idade.

3.3 RECURSOS

Para que a pesquisa em sua integralidade ocorresse de forma sistematizada e planejada nos moldes dos objetivos pré-estabelecidos, inúmeros recursos foram essenciais, aos quais serviram de subsídios para que o pesquisador realizasse todos os encontros formativos de maneira segura e empenhado quanto ao estabelecimento de metas e objetivos.

Os recursos tecnológicos utilizados ao longo da pesquisa empírica são: aparelho retroprojeter multimídia, notebook, caixa de som, e microfone. Já os materiais necessários são descritos como: caixa de perguntas (Apêndice E), revistas diversas para recorte, cola, tesoura, folhas de sulfite em branco, lápis de cor, canetas hidrocor, gizes de cera, lousa, gizes para lousa. E os recursos humanos que demasiadamente contribuíram para a execução da pesquisa: Pesquisador, Orientadora, Auxiliar de registros e manuscritos (integrante do GEPIFE), e os sujeitos convidados como participantes da pesquisa.

3.4 ÉTICA DA PESQUISA

Evidencia-se que desde o planejamento do estudo à execução e investigação por meio da formação inicial, o pesquisador zelou pela preservação dos aspectos éticos relacionados à pesquisa – o anonimato dos/as participantes, e informações que (in)diretamente fossem passíveis de identificação, a IES ao qual abertamente oportunizou que a formação pudesse ser viabilizada, bem como do município paulista. Ressalta-se que a pesquisa contou a leitura, explicação e assinatura de 02 (dois) documentos: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o Termo de Autorização Discente (Apêndice F), termo esse complementar às informações esclarecidas ao TCLE, sendo oportuno por mencionar e descrever que o/a convidado/a tem interesse por participar de um curso a nível de extensão universitária ofertado na IES e por pesquisador na área da Educação Sexual.

3.5 DESCRIÇÃO DA COLETA E ANÁLISE DE MATERIAIS

Para a coleta de materiais utilizou-se o espaço educacional ao qual ocorreram os encontros destinados à pesquisa-ação, durante horário das atividades de forma a não intervir

nos compromissos e atividades da IES. Destaca-se que a coleta de dados esteve atrelada a todo período formativo em que a pesquisa se desenvolveu, logo de 15/03/2019 à 14/06/2019. Ao final do processo de coleta e de análise dos materiais, os/as participantes foram submetidos a uma avaliação do trabalho realizado, a fim de se materializar a participação dos/as integrantes no processo.

Como forma de iniciar a coleta de materiais, aplicou-se em um primeiro momento um Questionário impresso, contendo 02 subcategorias organizadas por delimitações das questões-chaves de forma a compreender a formação dos/as participantes, experiências pessoais e profissionais, relações com a Educação Sexual e Gênero, aspectos relacionados às Infâncias, à Educação e Família, e de maneira pormenorizada como os/as convidados/as se refletem na imersão das temáticas abordadas.

Adiante das outras seções subsequentes que compõem esta pesquisa, veremos que outros instrumentos foram elaborados e que resultaram como parte de análise dos materiais, na qual para o pesquisador são de suma relevância por demonstrar preciosas informações seja na escrita, por desenhos, imagens fotográficas, e por gravações de áudio.

Acerca dos materiais desenvolvidos pelos/as participantes do projeto, buscamos respaldos científicos para abordagem analítica enquanto método na análise de conteúdo, que Bardin (1977, p. 03) descreve como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos, ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

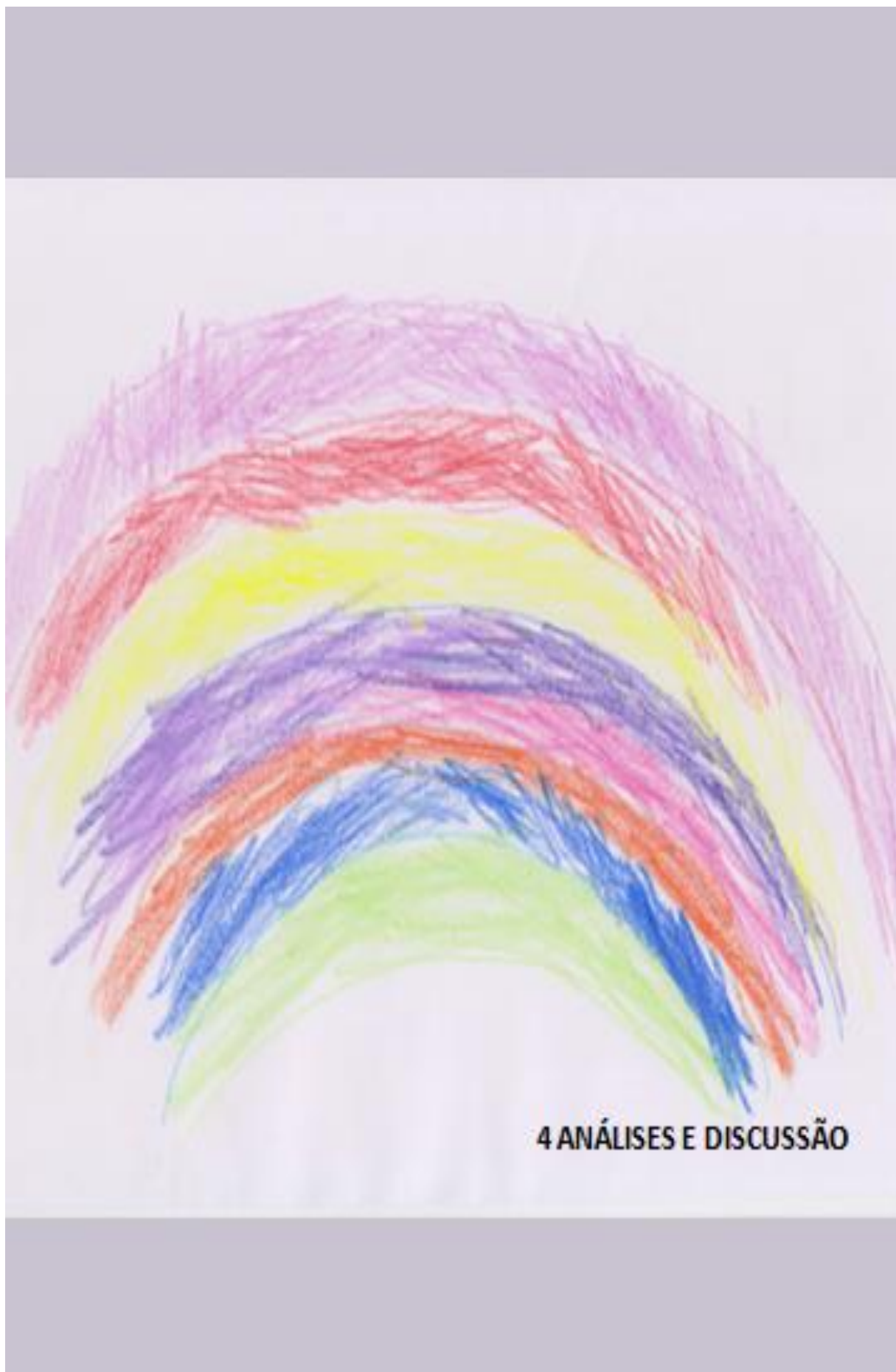
Enquanto etapa de produção dos materiais desenvolvidos pelos/as participantes, torna-se notável destacar que o pesquisador por razões que não se desdobram na Dissertação, ora pela repetição de alguns slides, ora pela sigilosidade de informações como IES, município, e outras que julgar necessárias, reestruturou alguns slides no sentido de preservar identidades. Logo, em momentos pontuais consideramos que há recortes ou breves pausas, contudo não houveram durante as explicações da investigação e divulgação científica prejuízos quanto aos fragmentos retirados e/ou omitidos.

Enquanto processo de análise, assumimos o posicionamento de considerar para todo efeito da pesquisa que a natureza preponderante em função dos objetivos pré-estabelecidos segue um caminho exploratório-descritivo, ao passo que pontuamos descrever todas as questões relacionadas às etapas da pesquisa-ação.

Por essa configuração sustentamos ratificar as atividades de coleta e análise de materiais a partir dos registros elaborados como diário de campo, gravações de vídeos e áudios, atividades lúdicas, e toda constituição que se enquadre à proposta do fazer pesquisa-ação, na qual tenha como premissa compreender para intervir no aprimoramento das práticas dos sujeitos, analisando as modificações após a execução de atividades.

Ressaltamos que o universo correspondente às propostas em função das construções pelos/as participantes, a integração das teorias e práticas estabelecidas em conjunto à didática, bem como as intervenções postas diante dos momentos para esclarecimentos e explicações, configuram-se enquanto elementos constituintes desta pesquisa.

Reafirmamos no âmbito metodológico que [...] “a Coleta e a Análise de Dados são tão vitais na pesquisa qualitativa, [...] pela implicância nelas do investigador, que precisam de enfoques aprofundados [...]” (Triviños, 1987, p. 137).



4.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA-AÇÃO

Trataremos de enfatizar neste contexto da pesquisa, a importância em relação aos tópicos descritivos que mereçam destaque e que, por questão de sequência lógica necessitem anteceder as análises da pesquisa-ação.

Primeiramente, na condição de pesquisadores ressaltamos que pela inserção e caracterização peculiar do Mestrado Profissional em Educação Sexual há de se destacar a relevância frente as demandas que surgiram na trajetória acadêmica em curso, sendo que a partir das reais possibilidades formativas houve como elemento de finalização do estudo a entrega deste produto em formato de Dissertação de Mestrado como fonte de inspiração e pesquisa científica para outros/as (iniciantes) pesquisadores/as.

Entendemos que a esse respeito se soma a defesa e apresentação minuciosa da pesquisa-ação detalhada pelo rigor e controle metodológico como princípio de pesquisa qualitativa, descritiva e explicativa pelas justificativas de uma proposição inovadora em que houveram demandas no campo universitário ao dialogar por assuntos (des)conhecidos, outros designados como tabus, preconceitos, e que possivelmente não merecessem atenção por identificar um processo investigativo para futuros/as pesquisadores/as. Logo, compreendemos que tal pesquisa também se justifique pela apresentação plural e inovadora da práticas utilizadas para viabilizar a validação dos materiais pedagógicos.

A presente pesquisa, a partir das considerações teórico-metodológicas, pretende focalizar sua investigação no meio educacional, procurando investigar a dinâmica social, institucional e cultural desse meio específico, assim como os aspectos particulares relacionados aos significados atribuídos aos/às participantes em Pedagogia, entendendo que o universo não é passível de ser captado apenas por hipóteses perceptíveis, é importante considerar o campo objetivo e simbólico no qual está imerso a constituição destes/as participantes. Nesse sentido, os materiais e métodos de pesquisa que melhor puderam representar este trabalho é a pesquisa-ação, ao qual Severino (2007) define:

[...] é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (Severino, 2007, p. 120).

Partindo do fato de que o pesquisador exercera função de professor universitário na IES, que consentiu com a realização do curso de formação inicial em Educação Sexual, a

escolha pela utilização desta técnica de pesquisa visou dentre outras prerrogativas, que os/as participantes estivessem engajados em meio às discussões pautadas pelo conhecimento científico, e que em dados momentos fossem orientadas discussões e atividades em que a ludicidade e a criatividade dessem vazão a sentimentos e percepções que circundam no cotidiano dos/as participantes, dentro e fora do contexto acadêmico, a considerarmos que em ambos os contextos estejam inseridas as relações da Educação Sexual, dos Gêneros e as práxis pedagógicas orientadas pelos discursos que ditam a todo instante o que (não) deve ser permitido e concebível de realização quando os/as professores/as estejam em contato com as crianças.

Assim, como forma de apresentar e discutir nosso fazer interventivo, metodologicamente foram apresentados os conteúdos abordados de forma cronológica e sequencial, ou seja, as informações a respeito da formação, bem como coleta de materiais e suas respectivas análises foram definidas encontro por encontro.

Dentro da contextualização quanto ao desenvolvimento didático da formação, alguns conteúdos se fizeram pertinentes em relação à retomada de conceitos. Para tanto, afirmamos que a fim de não tornar esta apresentação redundante em função dos conteúdos, assumimos a postura de omitir (quando pertinentes) alguma projeção de slide aplicada, que não comprometesse a compreensão da sequência textual.

Ressaltamos que por ser tratar de uma pesquisa elaborada, aplicada e analisada em tempos distintos, não houve um padrão de análise a ser seguido, visto que para a realização de cada encontro, os objetivos, os conteúdos e as propostas metodológicas foram estruturadas de modo singular. Em dado encontro, a ênfase pode ser dada na aplicação e discussão do conceito, ao passo que noutro, a proximidade fora dada ao desenvolvimento das atividades (e isso reflete os discursos, questionamentos, e resultados das produções), como também na avaliação e fechamento de todo encontro formativo.

4.1.1 A Formação Inicial em Educação Sexual, Sexualidade e Gênero: os encontros, as produções de materiais, e as escutas

Nessa etapa da pesquisa o autor se debruça nos aportes da fundamentação em apresentar os conteúdos dos materiais que foram apresentados em formato de *powerpoint* durante os encontros. É válido ressaltar que esse material foi elaborado pensando os objetivos iniciais do projeto, bem como as mudanças que dele puderam ocorrer no sentido de que a cada novo encontro com a turma pôde-se perceber que as informações e as expectativas se

transformavam em conhecimento, e que esse pudera estar contextualizado nas práticas pedagógicas, ora na atuação profissional de cada indivíduo participante, ora no querer fazer docente com responsabilidade e conhecimento prévio dos assuntos temáticos tratados ao longo da formação.

Temos a *priori* as afirmativas de que a identidade do/a profissional da Educação Infantil, dentre outras prerrogativas se dá de maneira circular e caminha para uma tentativa de (re)conhecimento de si, para com o outro, o mundo, e o universo infantil. Santos (2005, p. 94) acrescenta a essa observação que:

A busca dos caminhos para prosseguimento no processo de identificação profissional não é solitária. Cada educadora é sujeito da sua metamorfose, mas na relação que mantém com o mundo, com os outros, crianças, colegas de ofício, pais e mães, professores de ensino fundamental, professores outros, etc. As ações empreendidas nessa busca são individuais e coletivas; atingem a dimensão pessoal, institucional, sindical; relacionam-se com o conhecimento científico, com o senso-comum, com os saberes construídos ao longo do exercício profissional. Há uma complexidade que pode tanto amedrontar quanto fascinar. Lindo com o medo, o fascínio, a necessidade, vai se construindo um novo momento da identificação que será sucedido por outros. A metamorfose da identificação não é tal e qual a das borboletas. Nunca saberemos quando se dará a última transformação.

4.1.1.1 Encontro 1 – Apresentação do Projeto

O objetivo do pesquisador foi abordar a apresentação do projeto, as perspectivas em relação à formação, conteúdos, materiais empregados, bem como dialogar com os/as participantes para que pudesse ouvi-los/as quanto às expectativas e interesses que porventura surgissem naquele momento inicial. Realizada a apresentação, os/as convidados/as assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se segue em apêndice (Apêndice B), bem como responderam ao Questionário impresso (Apêndice B) no intuito de reter informações e conhecer aos/às convidados/as sobre temas relacionados à formação, experiência profissional, conhecimentos e vivências na escola e na família nos contextos da Educação Sexual, das Sexualidades e dos Gêneros.

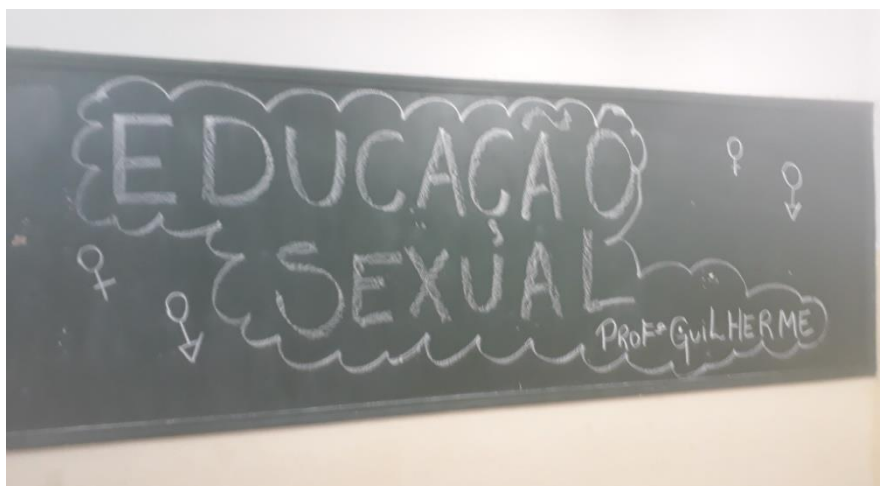


Foto 1: Iniciação ao Curso de Formação Inicial em Educação Sexual e Gênero; acervo do pesquisador, 2019



Foto 2: Aplicação de Questionário em papel, assinaturas de TCLE e Termo de Autorização Discente; acervo do pesquisador, 2019

4.1.1.2 Encontro 2 – Fundamentos básicos da Educação Sexual: conceitos e terminologias; objetivos da Educação Sexual

No referido encontro temático, o pesquisador realizou a devolutiva em formato quali-quantitativo das informações registradas no Questionário (aplicado durante encontro anterior), exemplificando todas e quaisquer questões decorrentes da aplicação do instrumento.

Como forma de pertencimento, pôde-se perceber que os/as convidados/as aos poucos se identificavam por compreender em meio à compilação e tabulação das informações para com suas próprias questões e apontamentos. Já num segundo momento, iniciamos o desenvolvimento das questões norteadoras acerca da Educação Sexual e das Sexualidades, com orientações para que os/as participantes pudessem assistir aos vídeos com caráter conteudistas. E por fim, por representação lúdica, apresentamos o “biscoito sexual” como instrumento explicativo sobre terminologias e distinções conceituais.

Instituição

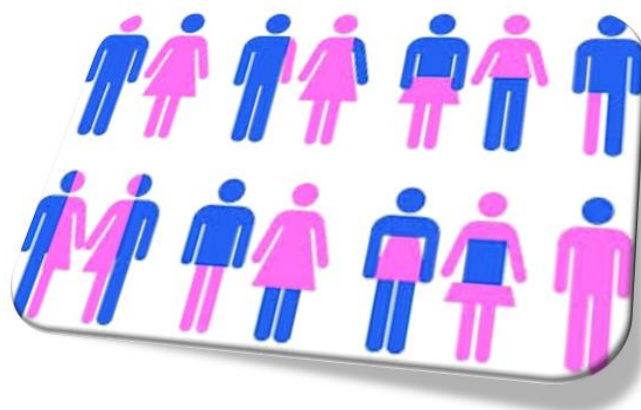
FUNDAMENTOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Guilherme de Souza Vieira Alves

Orientadora: Profa. Dra. Marcia C. Argenti Perez
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – FCLAr

Local, 22/03/2019

Como apresentação inicial durante os encontros de intervenção, o pesquisador elaborou em termos de materialidade conteúdos que pudessem estar em sua integralidade concisos, coerentes e que representassem as temáticas de acordo com os objetivos da proposta de cada encontro, considerando para tal, as cores, os recursos audiovisuais, e os materiais pedagógicos.



A imagem projetada já de início referencia as possibilidades as quais podemos refletir e considerar acerca dos Gêneros existentes nas sociedades. Assim, pensarmos que enquanto profissionais da educação e/ou futuros professores lutaremos pela garantia dos Direitos Humanos e pela Diversidade (e não a qualquer forma de violência). Nesse sentido, o pesquisador teve o intuito de representar o conhecimento científico e isto não anula os valores e a educação de cada convidado/a. As ideias e conhecimentos que se divergirem da concepção de cada um/a pode merecer reflexão. As bases da formação não se resultam em doutrinação, nem em apresentar verdades absolutas, mas sim em construir sentidos e significados que façam conexões para e pela formação do indivíduo em formação inicial.

Caixa de perguntas, curiosidades e/ou comentários



Caixa de perguntas, curiosidades e/ou comentários é um recurso que no contexto da formação, permitiu dentre outros momentos, que os/as convidados/as participassem ativamente com questionamentos e comentários a fim de contribuir para com as discussões

do pesquisador e dentre os/as próprios/as convidados/as. Destaca-se mencionar que o slide comumente aparece durante os encontros em que houveram o recurso audiovisual, assim como por mais de uma vez no mesmo encontro, a fim de instigar e incentivar que os/as participantes pudessem verbalizar. A imagem original da caixa encontra-se em apêndice (Apêndice E).

Portanto, a caixa de questionamentos se tornou um material que foi utilizado em todos os encontros. Sempre já no início da formação, o pesquisador traz o material às mãos e lembra aos/às participantes que poderão a todo momento em que estivermos durante o encontro utilizar dessa ferramenta.

Análise e tabulação de dados - Questionário

Pesquisa: "Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil"

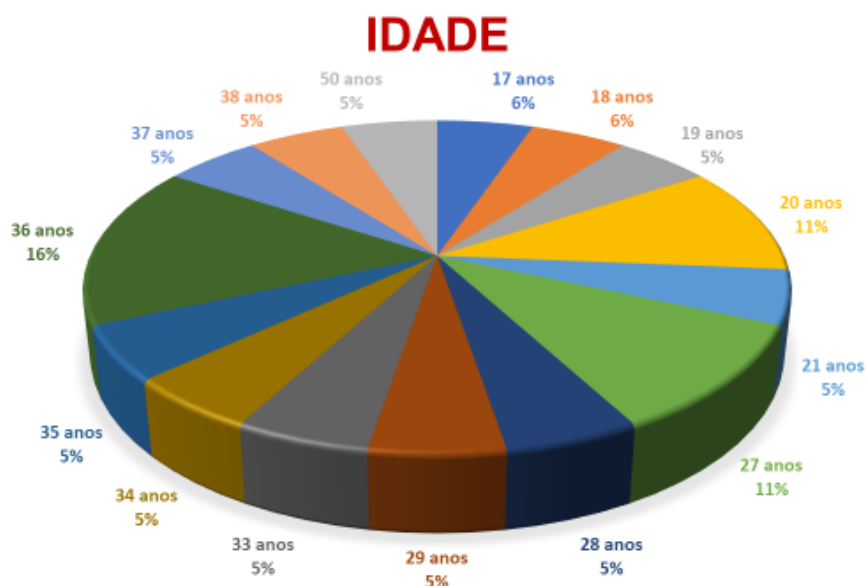
Discente e Pesquisador: Guilherme de Souza Vieira Alves
Orientação: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez

Questionário aplicado em: 15/03/2019 – 21h às 22h15, pelo pesquisador na (IES), com a participação de 19 convidados, aos quais consentiram com a participação, conforme TCLE aplicado.

2019

O slide ilustra informações condizentes com os fatos do encontro de 15/03/2019, no qual foi aplicado Questionário em papel, por volta de 1h15 de duração em IES. O Questionário foi aplicado para 19 convidados/as posteriormente assinaturas do TCLE e autorizações de termos (documentos em apêndice). Ressalta-se que o número de participantes se justifica por representar o interesse destes em efetivar a matrícula em um curso destinado à abordagens educativas. Para tanto, os/as participantes tiveram que se inscrever junto à Secretaria Acadêmica da IES, para fins de registros e controle de pessoal.

Gráfico 01

Idade dos/as participantes

A idade dos/as participantes variou dos 17 aos 50 anos de idade, sendo que o período de curso em andamento contou com a participação de alunos/as dos 1º e 3º períodos, mas também com alunos/as oriundos de outros espaços acadêmicos, conforme descrição seguinte:

Tabela 7

Caracterização dos/as participantes

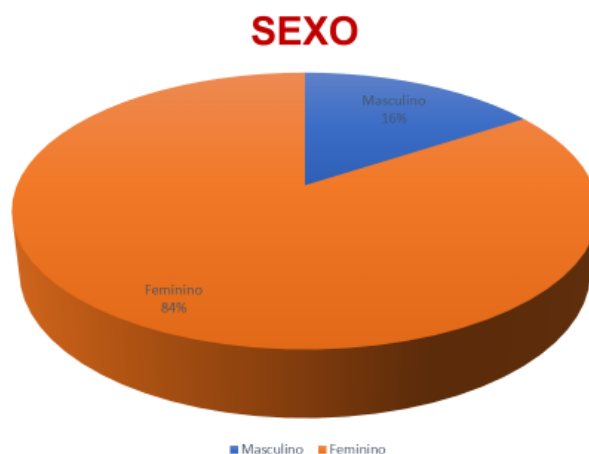
Idade (em anos)	Número de convidado(s)	Sexo	Período do curso em formação inicial (2019/01)	Identificação fictícia
17*	01	feminino	1º período	Ana
18	01	feminino	3º período	Bruna
19	01	feminino	3º período	Camila

20	02	feminino	3º período	Dora
		feminino	3º período	Elisa
21	01	masculino	3º período	Fábio
27	02	feminino	6º período	Gabriela
		feminino	Graduação em Serviço Social. cursando 2ª Graduação - em Pedagogia	Heloísa
28	01	feminino	1º período	Ingrid
29	01	masculino	3º período	José
33	01	feminino	1º período	Karen
34	01	feminino	1º período	Lívia
35	01	masculino	Graduação em Ciências Contábeis. cursando 2ª Graduação – em Pedagogia	Marcelo
36	03	feminino	1º período	Natália
		feminino	1º período	Otávia
		feminino	1º período	Paula
37	01	feminino	3º período	Queila
38	01	feminino	1º período	Renata
50	01	feminino	1º período	Sabrina

A convidada indicada com * apesar de ter 17 anos de idade na época em que o curso tenha sido aplicado, esteve durante o período formativo acompanhada de sua responsável legal, que também participou da formação. Fonte: pesquisador, 2019

Gráfico 2

Sexo dos/as participantes



Dos 19 convidados/as, 84% - isto é, 16 deles/as eram do sexo feminino, ao passo que os outros 16% (03 convidados) configuraram o sexo masculino.

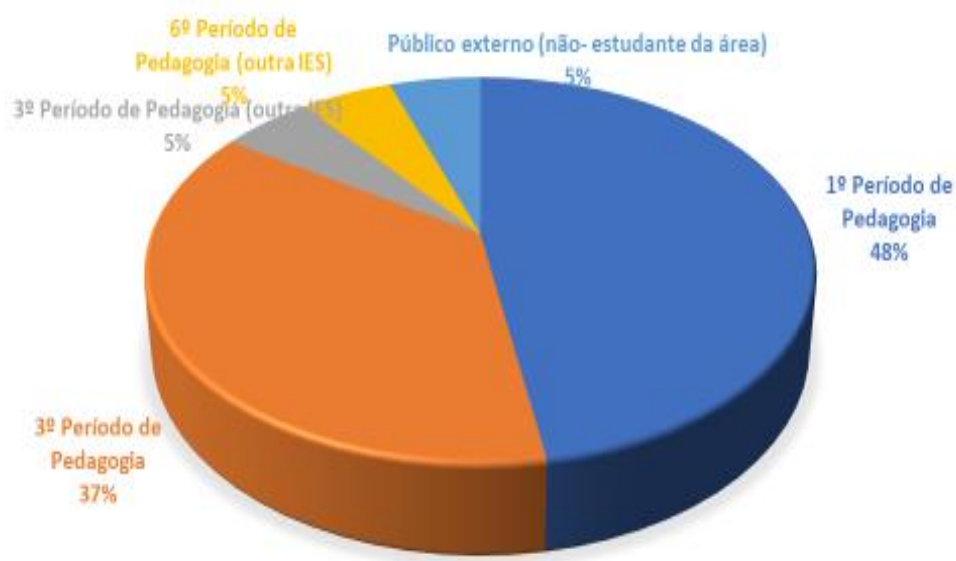
Essa marca evidencia a predominância ainda existente do sexo feminino em cursos de formação de professores, especialmente aos cuidados das crianças pequenas, por se tratar de atividades de assistencialismo e cuidados prestados por mulheres, a Pedagogia ainda carrega pressupostos de ser um curso voltado ao público feminino.

Formação acadêmica e experiência profissional



Slide introdutório e indicativo de que adiante iniciaremos a apresentação de informações referentes ao que se trata a respeito de formação e experiências profissionais.

Gráfico 3

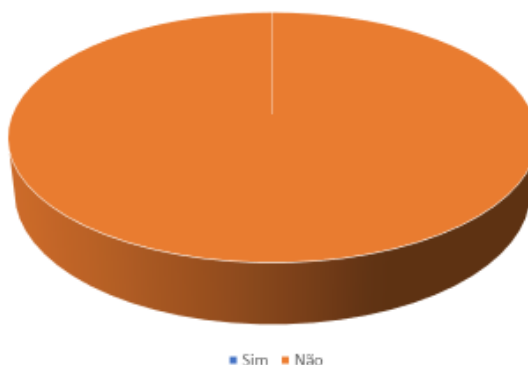
*Formação acadêmica***1) Qual sua formação acadêmica?**

Cerca de 85% dos/as participantes da formação inicial estiveram durante a pesquisa matriculados/as nos 1º e 3º períodos do curso em Pedagogia. Isso demonstra que desde o início do curso há interesse em conhecer aspectos formativos da Educação Sexual, repensando eles e conjecturas na e para a Educação Infantil.

Gráfico 4

Atividade/atução profissional na Educação

2) Você atualmente trabalha na Educação Básica como Professor(a), Cuidador(a), e/ou Auxiliar de Cuidados Diários (ACD)?



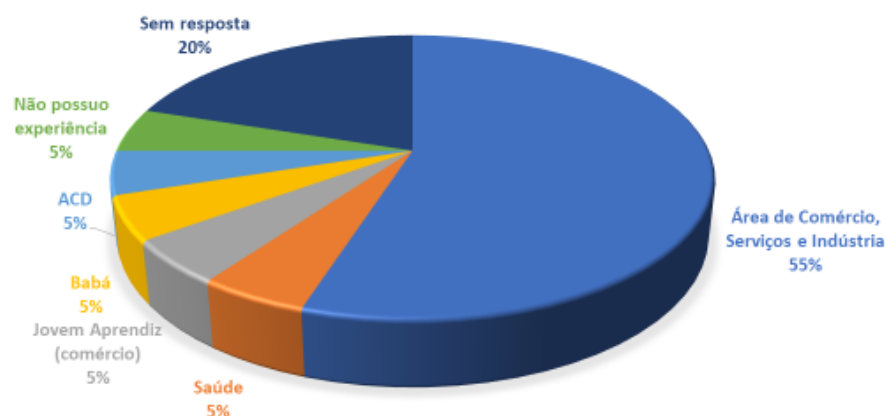
Por unanimidade todos os/as convidados/as da pesquisa responderam não atuar profissionalmente na área educacional, seja como professor(a), cuidador(a) e/ou como auxiliar de cuidados diários (ACD)¹.

¹ Auxiliar de Cuidados Diários (ACD): cargo designado pelo município conforme leis complementares. O profissional é responsável por auxiliar os docentes nas atividades escolares referentes à Educação Básica no que diz respeito à prestação dos cuidados de alimentação, higiene, repouso, lazer e bem-estar das crianças, isto é, auxiliar quanto ao zelo pela integridade física, mental, social das crianças (interpretações do Manual de Orientações, elaborado por profissionais da Educação, 2019).

Gráfico 5

Atividade/atução profissional em outras áreas

Possui experiência(s) profissional(is) em outra(s) área(s)? Se sim, qual(is)?

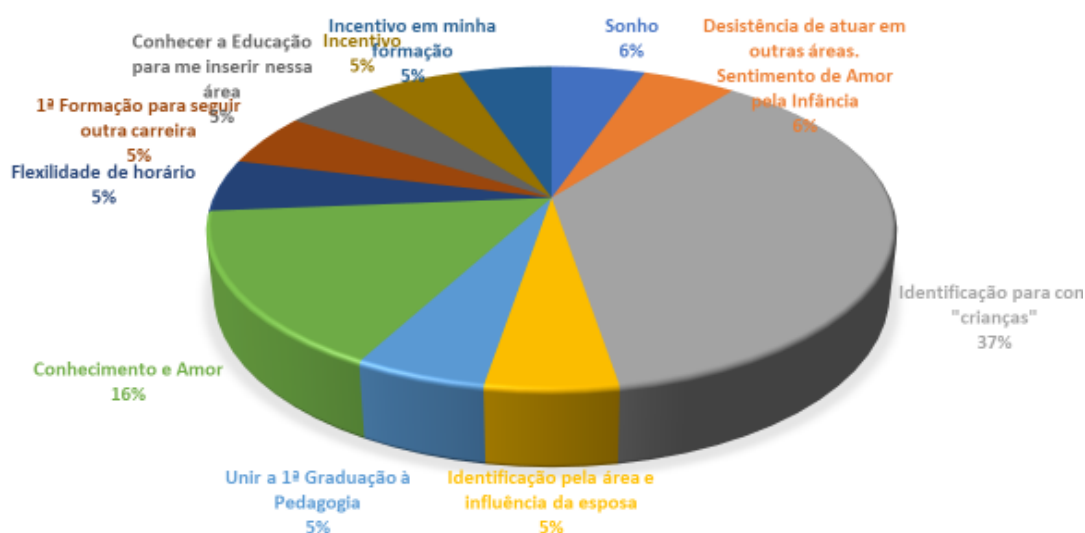


Dos/as 19 participantes, cerca da metade apontaram possuir experiência profissional na área de Comércio, Serviços e Indústria. É um número expressivo que nos faz refletir de modo geral, certa insatisfação nas relações profissionais. Há um paradigma social de que cursar Pedagogia pode possibilitar maiores acessos ao mercado de trabalho quando as atividades estejam voltadas à Educação Infantil, por demandar culturalmente facilidade em relação ao educar as crianças, por se constituir uma atuação destinada basicamente ao assistencialismo e cuidados de higiene e bem-estar.

Gráfico 6

Razão por fazer Pedagogia

3) Qual a principal razão pela escolha, ou por estar fazendo o curso de Pedagogia?



Quando indagados pelo motivo ao escolher a Pedagogia enquanto profissão, 37%, ou seja, 07 participantes mencionaram a escolha por se identificarem com crianças. Em uma proporção menor, obtivemos como resultado “Conhecimento e Amor” – 16%. Tais apontamentos denotam que a mudança de outras profissões para a área de atuação em Pedagogia além de ser considerada acessível financeiramente, encontra desejos e paixões por um fazer docente para com as crianças pequeninas.

Gráfico 7

Significado da “escola”

4) Para você, qual o significado da “escola”?



Buscamos compreender diante do curso de formação inicial em Educação Sexual, quais as possíveis dimensões que os/as participantes pudessem ter a respeito do significado de “escola”. 63% descreveu que tal sentido se atribui aos “princípios e fundamentos da Educação”, isto é, a escola seria a entidade que maior pudesse representar o espaço ao qual nós, seres humanos, recebêssemos Educação. Também obtivemos respostas como a escola sendo um “espaço de convívio familiar”, “espaço destinado à socialização/início da carreira para a vida profissional”, bem como a escola como “centro de ensino e respeito às diferenças”, todas essas três considerações apontadas por 02 participantes em cada resposta.

Questões sobre experiências e (in)formação em Educação Sexual e Infância

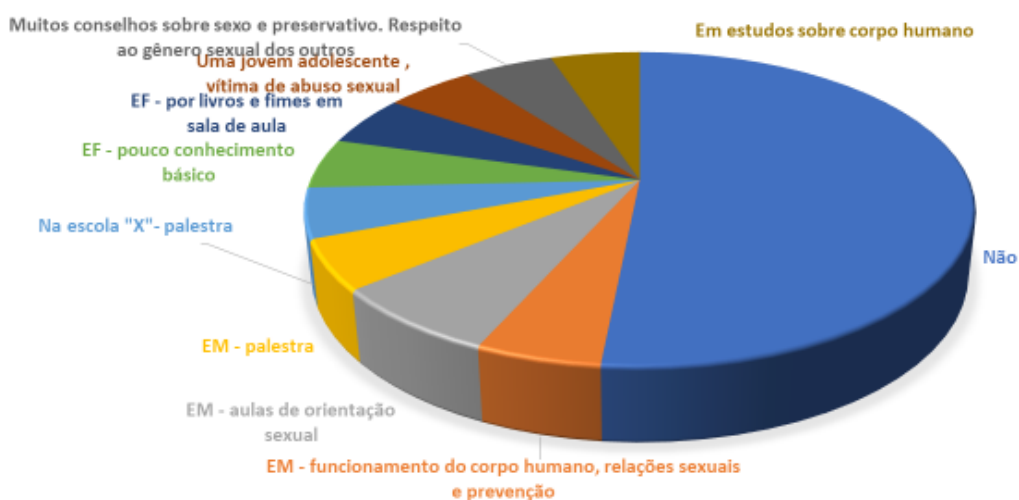


Após reconhecermos os sujeitos que se entrelaçam no nosso vai-e-vem de informações e conhecimentos, daremos início ao levantamento das informações que nos concedem ampliarmos nossos repertórios ao entendermos o/a outro/a pelas questões da Educação Sexual quando as associamos às Infâncias.

Gráfico 8

Conteúdos sobre a temática na escola

1) Você já teve algum contato com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero na escola, durante sua formação e/ou experiências profissionais? Se sim, mencione suas recordações.



Diante do contexto pós-moderno do século XXI, sabemos o quanto são necessárias discussões e atividades que possam favorecer e contextualizar o pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes, sobretudo no que tange seus corpos e sexualidades. Por tal sentido, buscamos evidenciar como ocorrem pontualmente os conteúdos acerca da Educação Sexual e Gênero no espaço escolar, ao longo dos ciclos da Educação Básica e/ou pela trajetória profissional. Metade do número dos/as questionados/as não recebeu contato acerca da Educação Sexual e Gênero. Isso reflete uma carência existente nas etapas da Educação Básica, ao qual deveria ser um espaço aberto para promoção em dialogar de maneira sistematizada o conhecimento, acaba por inibir e desarticular oportunidades para se desenvolver pesquisas e estudos nas áreas da Educação Sexual.

A outra metade fracionada considerou ser na escola o espaço aberto para os contatos com as temáticas, apontando ser nos anos finais do Ensino Fundamental, e no Ensino Médio, as etapas em que se fala sucintamente sobre Educação Sexual, seja em livros, palestras, orientações, e principalmente nos e pelos conteúdos disciplinares nas aulas de Ciências e Biologia.

Gráfico 9

Conteúdos sobre a temática na Família



Quando questionados/as adiante contatos com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero no âmbito familiar, mais da metade (63% - 12 participantes) alegaram não terem recordações a respeito da prática educativa, ao passo que outros/as 07 puderam pontuar as seguintes questões: “Após casamento, dificuldade da Família sobre a aceitação”; “Pouco, conversas sobre gravidez precoce, abusos, cuidados com DSTs”; “Respeito pela orientação dos outros”; “Depois do casamento, com próprios filhos”; “Sobre Educação Sexual não, mas sobre Gênero sim”; “Mãe ensinou quanto ao uso da camisinha, quando adolescente”; “Aceitável a situação, discordância com a imposição”.

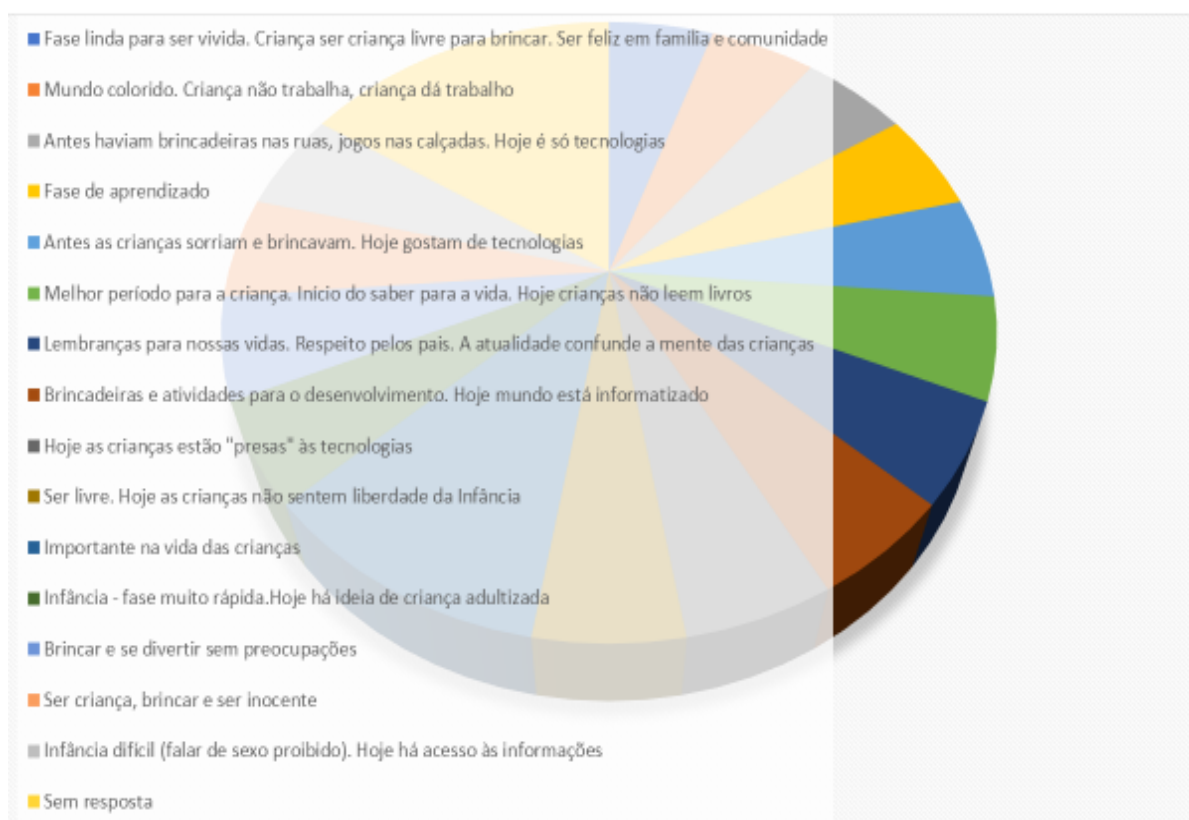
Tais apontamentos nessa pesquisa indicam que quando comparados os achados da questão sobre ter havido algum contato com conteúdos relacionado à Educação Sexual ou Gênero na escola com os dados na questão familiar, ainda podemos identificar que há uma lacuna intensa no sentido de que ausências se sobrepõem não sendo permitidos diálogos nos contextos em questão. É válido destacar também que nesta indagação, nenhum/a dos/as

convidados/as se referenciou às questões de Infâncias, ou de haver contatos com o assunto ainda no desenvolvimento de ter sido criança.

Gráfico 10

Compreensão sobre “Infância” e o ser criança atual

3) Como Estudante de Pedagogia, de que modo você compreende o conceito de “Infância” e as vivências das crianças na atualidade?



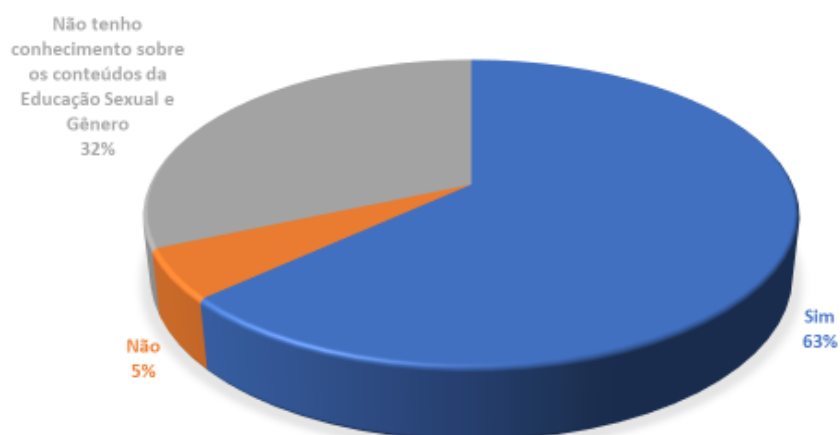
Explicações de como os/as convidados/as de Pedagogia compreendem o conceito de Infância, quando comparamos a atual vivência das crianças com as Infâncias do passado.

Identificamos que a maioria dos/as participantes se voltam à um passado em que as brincadeiras eram mais “livres” e as crianças conseguiam melhor desfrutar das Infâncias quando analisadas na atualidade, em que o domínio e advento das tecnologias acabam, segundo os/as participantes, a deturpar a inocência e aprendizado das crianças, sendo essas condicionadas à se adaptarem mediante avanços digitais.

Gráfico 11

Educação Sexual como conteúdos na Educação Básica

4) Enquanto estudante e futuro(a) Educador(a), você acredita que a Educação Sexual, bem como as questões de Gênero devem integrar os conteúdos escolares na Educação Básica?



A referida questão intencionou projetar a atuação dos/as convidados/as enquanto futuros/as educadores/as acerca da Educação Sexual e do Gênero levando-se em conta uma abordagem conteudista na Educação Básica. Os achados evidenciam que 63% - 12 convidados/as acreditam que a discussão deve estar presente na Educação enquanto proposta a ser desenvolvida nos conteúdos escolares.

Enfatizamos que a indagação não teve objetivo de mencionar conteúdos específicos em disciplinas isoladas ou se pudéssemos pensar nas atividades enquanto trabalhos multi, trans ou interdisciplinares. Assim sendo, outros/as 06 destacam não ter conhecimento sobre os conteúdos da Educação Sexual, logo decidindo não opinar na questão em sim/não. E por fim, apenas 01 participante aponta que os conteúdos não devem estar presentes na Educação Básica.

Justificativas das respostas:

<p style="text-align: center;">Justificativas das respostas... “Sim”</p> <p>Sem respostas: 03</p> <p>Considerações: Forma de prevenção para alunos, adolescentes e pais. Conhecer sobre “DSTs”.</p> <p>Prevenção do bullying, menores números de evasão escolar e conhecimentos sobre abusos.</p> <p>Ampliar o desenvolvimento da criança.</p> <p>Para orientação de jovens e adolescentes.</p>	<p style="text-align: center;">Justificativas das respostas... “Sim”</p> <p>Abordagens que não sejam exageradas/explicitas. A escolar deve orientar aos alunos.</p> <p>Abordagens apropriadas para cada idade.</p> <p>Conhecimento para lidar com as pessoas – relação educador x aluno.</p> <p>Conhecer os assuntos para compreender e respeitar.</p> <p>“A criança que já tem noções sobre o assunto tende a correr um risco menor de sofrer qualquer tipo de abuso”.</p>
<p style="text-align: center;">Justificativas das respostas... “Não tenho conhecimento sobre os conteúdos da Educação Sexual e Gênero”</p> <p>Sem resposta: 01</p> <p>Considerações: É importante discutir sobre Educação Sexual na idade certa. Não se deve estimular assuntos quanto aos Gêneros. As orientações devem vir da Família.</p> <p>Ao compreender as temáticas será possível opinar, considerando que tudo tem o momento certo. (03 considerações).</p> <p>“Acho que isso é algo desnecessário, pois a criança quando nasce ela já tem uma formação familiar, e tem diálogos ao longo do seu crescimento com seus pais, que a ajudam a ter um conhecimento da sua sexualidade – isso com crianças em faixa etária de 0 a 5 anos. Nas demais penso ser um assunto importante a ser falado”.</p>	<p style="text-align: center;">Justificativas das respostas... “Não”</p> <p>Sem resposta: 01</p> <p>Considerações: não há.</p>

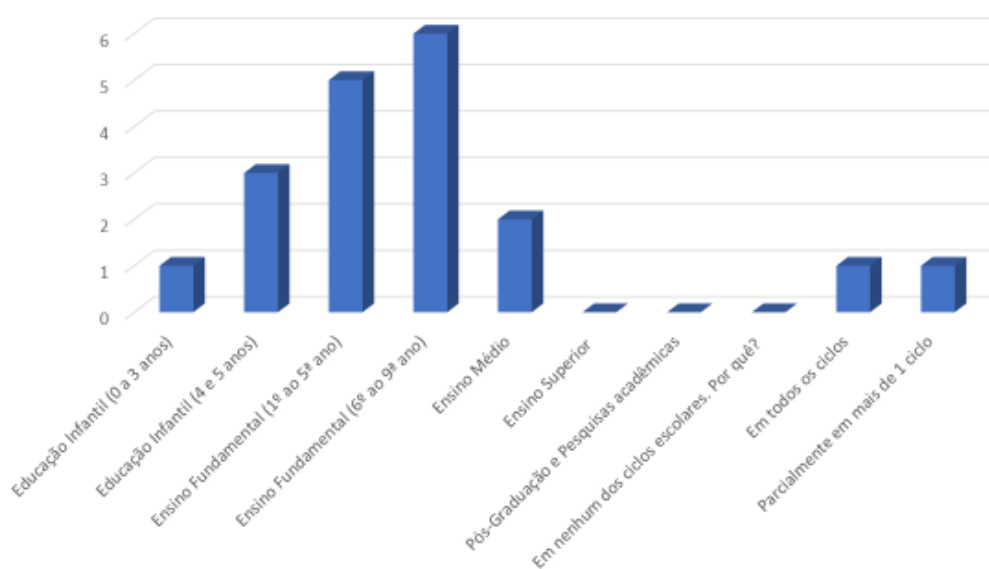
Identificamos como meios de justificativas que as categorias “prevenção de doenças/infecções”, “problemas sociais”, como a “evasão escolar”, e sobre “abusos/violências” foram constantes. Além desses já citados, o “respeito”, e a temporalidade de haver o “momento certo” para se abordar as temáticas atreladas à Educação Sexual

apareceram como justificativas ora para quem mencionou sim, ora para aqueles que assinalaram não dispor de conhecimento sobre os conteúdos específicos.

Gráfico 12

Início da Educação Sexual em ciclo escolar

5) Em qual ciclo escolar você considera necessário e extremamente oportuno o início de assuntos que se relacionem à Educação Sexual?

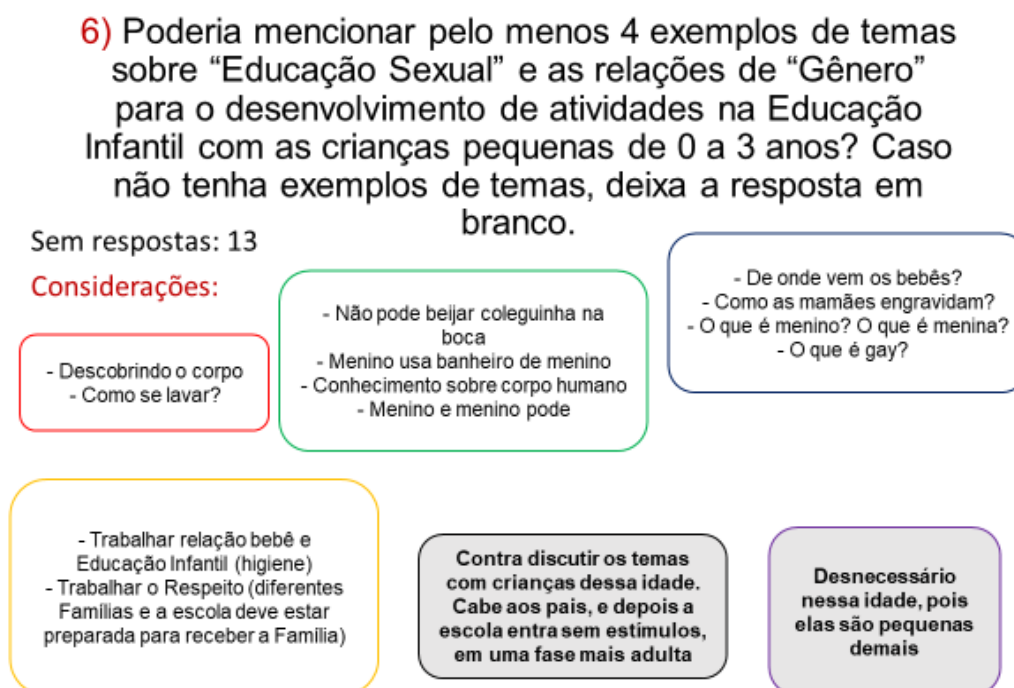


Em qual ciclo escolar você considera necessário e extremamente oportuno o início de assuntos que se relacionem à Educação Sexual? O questionamento visava compreender em qual ciclo escolar os/as estudantes de Pedagogia acreditavam que se deve iniciar as relações de Educação Sexual, entendendo pelas questões anteriores a respeito de contextos escolares que grande maioria não iria supor ser na Educação Infantil de 0 a 3 anos de idade a faixa etária ideal para se pensar em construir ideias nas temáticas das sexualidades e corpos. Nessa conexão, 06 dos/as 19 convidados/as assinalaram ser o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) o ciclo mais adequado para se discutir iniciativas nas abordagens da Educação Sexual, seguido do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) com 05 considerações como a faixa de escolaridade ideal para o início das atividades.

Analogicamente podemos compreender que há uma consistente convergência a partir desse questionamento quando (re)pensamos os objetivos na abordagem da questão inicial “1) *Você já teve algum contato com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero na escola, durante sua formação e/ou experiências profissionais? Se sim, mencione suas recordações.*”, à medida em que compreendemos o fato de 13 participantes apontarem contato com Educação Sexual em sua maioria nos ciclos do Ensino Fundamental e Médio, em suas múltiplas atividades escolares, é de se imaginar que por estarem em formação inicial em Pedagogia, e por não possuírem experiências nos campos educacionais, podem supor que não seja necessário, ou até mesmo que seja impossível e dificultoso pensarmos o planejamento de ações efetivas no início da Educação Básica – crianças pequenas de 0 a 3 anos de idade.

Gráfico 13

Exemplos de Educação Sexual e Gênero para ações com crianças de 0 a 3 anos



Na questão de número 6, pedimos a colaboração de que 04 exemplos fossem citados quando pensarmos o desenvolvimento de atividades com crianças pequenas de 0 a 3 anos de idade. Dos 19 presentes, 13 se ausentaram quanto à pergunta. Outros/as 04 convidados/as

citaram exemplos que se referem à higiene e bem-estar da criança. Em momentos pontuais percebemos que as respostas ultrapassam o pensamento do assistencialismo, e resulta em um contexto plural, como nos exemplos: “- *O que é menino? O que é menina?*”, “- *O que é gay?*”; “- *Trabalhar o Respeito (diferentes Famílias e a escola deve estar preparada para receber a Família)*”; “- *Menino usa banheiro de menino*”. De forma a contribuir por um viés que se oponha ao chamado da questão, 02 respostas não foram de exemplos, mas sim de afirmativas opostas ao mencionar que “*Contra discutir os temas com crianças dessa idade. Cabe aos pais, e depois a escola entra sem estímulos, em uma fase mais adulta*”; e “*Desnecessário nessa idade, pois elas são pequenas demais*”.

Tal abstenção pode ser determinada ora pela dificuldade na produção ao se elaborar o solicitado, ora por se contextualizar a um universo longínquo da realidade dos/as participantes. Conforme descrito na literatura científica:

muitas vezes, uma pergunta direta sobre um determinado assunto pode produzir inibição, criando dificuldade em responder. Por um modo mais hábil, pelo menos uma parte dos informantes, que não atenderiam a uma pergunta direta, mudaria de atitude (Nogueira, 1968, p. 122).

Gráfico 14

Exemplos de Educação Sexual e Gênero para ações com crianças de 4 e 5 anos

7) Poderia mencionar pelo menos 4 exemplos de temas sobre “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” para o desenvolvimento de atividades na Educação Infantil com as crianças de 4 e 5 anos? Caso não tenha exemplos de temas, deixa a resposta em branco.

Sem respostas: 13

Considerações:

- Cuidado com o colo
- Ninguém deve tocar nas partes íntimas da criança

- Higiene e respeito às diferenças - Responder as questões que os alunos têm dúvidas

- O que é pênis e vagina?
- O que é sexo?
- O que é beijo?
- Para que serve a camisinha?

- Conhecendo o corpo humano
- Banheiros separados
- Beijar na boca não pode
- De onde você nasceu?

- Tomar cuidado com as pessoas
- Não sentar no colo das pessoas
- Contar para os pais se alguém os tocou

Contra discutir os temas com crianças dessa idade. Cabe aos pais

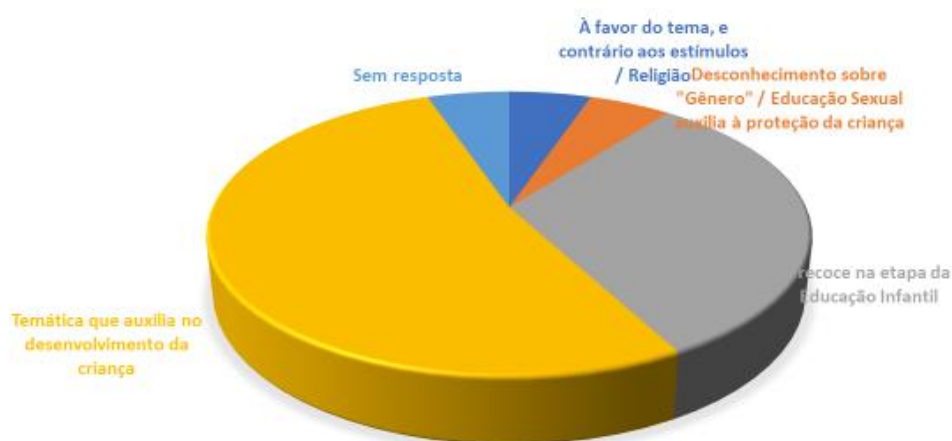
Seguindo o mesmo princípio acima, agora quando pensamos nas atividades direcionadas às crianças de 04 e 05 anos de idade, também constatamos 13 ausências de informações, contudo não objetivamos nessa pesquisa considerar se os/as mesmos/as convidados/as ausentes na questão anterior coincidem nessa indagação, ou se porventura possam haver mudanças.

Considerações embasadas no autocuidado, no conhecimento do corpo humano, no toque, e enfaticamente na prevenção ao abuso sexual infantil puderam se destacar. Apenas uma resposta se opôs ao considerar responder ao questionamento, como nos escritos: *“Contra discutir os temas com crianças dessa idade. Cabe aos pais”*.

Gráfico 15

Opinião sobre Educação Sexual e Gênero para criança na Educação Infantil

8) Qual a sua opinião sobre a temática “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” serem desenvolvidas nas salas de aulas para crianças na etapa da Educação Infantil?



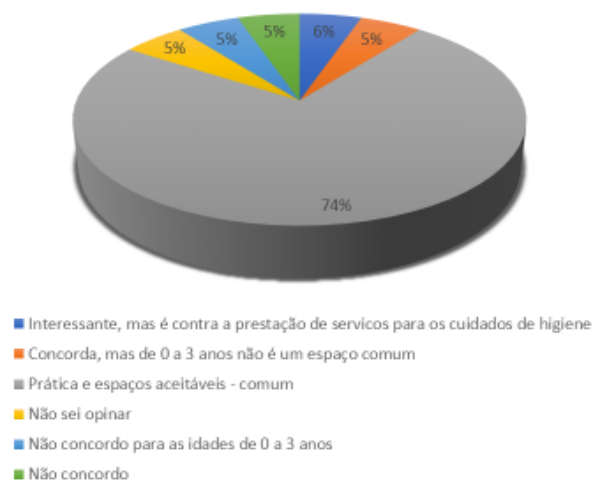
Especificamente contextualizando a temática na inserção da sala de aula para com as crianças na Educação Infantil, metade do número de participantes descreveu que a temática auxilia no desenvolvimento da criança. Em proporção menor e contrária à anterior, houve apontamentos de que há uma precocidade sobre o desenvolvimento na etapa infantil. E outras

marcas puderam enunciar desconhecimentos, negações devido ao pertencimento de religião, e ausência de respostas.

Gráfico 16

Prática de professores e cuidadores masculinos presentes na Educação Infantil

9) O que você pensa sobre a prática de professores e cuidadores masculinos estarem presentes em espaços educativos específicos da Educação Infantil, nas faixas etárias de 0 a 3 anos e 4 e 5 anos? Opine acerca dessa ideia.

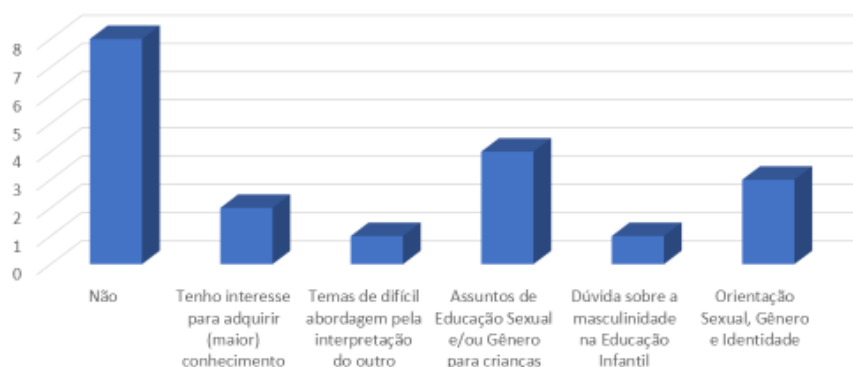


Ao se indagar acerca da inserção e atuação de profissionais masculinos nos espaços educacionais infantis para crianças de até 05 anos de idade, 14 convidados/as disseram consentir com tal atividade, e que seriam práticas comuns nas condições colocadas. Considerações se fazem notórias, a saber que 01 pessoa julga ser uma prática interessante, mas é contra a prestação de serviços para os cuidados de higiene; outra resposta concorda, mas de 0 a 3 anos não é um espaço comum; Há também quem não concorde com a prática masculina no espaço infantil, e também um apontamento restritivo para a faixa de 0 aos 3 anos de idade. E por fim, alguém mencionou dificuldade e não soube opinar.

Gráfico 17

Espaço destinado para comentários, dúvidas e interesses acerca dos temas

10) Possui alguma dúvida, interesse específico ou comentário sobre os temas apontados neste Questionário? Aponte-os.



Última questão, destinada para que os/as convidados/as pudessem citar e descrever comentários, dúvidas, e objetivos específicos diante da formação desenvolvida. Daqueles/as que mencionaram algum tipo de informação, 04 sinalizaram querer aprofundamentos nos assuntos de Educação Sexual e/ou sobre Gênero para crianças; 03 ressaltaram curiosidades quanto à abordagem em Orientação Sexual, Gênero e Identidade, ao passo que 02 enfatizaram interesse a fim de adquirir maiores conhecimentos na área.

Um sujeito fez menção quanto às masculinidades na Educação Infantil, provavelmente por ter sido despertado a atenção na questão que tematizou o contexto. E outro/a citou ser um tema de difícil abordagem, pois depende de questões subjetivas do outro. 08 convidados/as não comentaram a questão.

Dúvidas



Após explicar os dados referentes ao Questionário em papel aplicado no encontro anterior, foi aberto espaço na intenção para que as pessoas expusessem suas dúvidas e/ou comentários. Tal configuração acerca de “dúvidas” foi recorrente durante todo o processo formativo, isto é, por diversos momentos o pesquisador deixou espaços para que os/as participantes se colocassem enquanto vozes ativas. Em dados momentos, questionamentos serão apontados a partir dessa partilha grupal.

“Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil”

Prof. Guilherme Alves

Instituição

Mestrando em Educação Sexual – UNESP

Membro do GEPIFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização – UNESPCNPq

Orientação: Profa. Dra. Marcia C. A. Perez

Local, 22/03/2019



A imagem acima inicia frequentemente os encontros em que a utilização do recurso projetor se fez necessária. Momento em que o pesquisador se apresentou e trouxe menção ao universo acadêmico e científico enquanto professor universitário e membro participante de grupos de estudos e pesquisas em: Educação Sexual, Infância e Formação Docente, e em Sexualidade e Saúde.



APRENDIZAGEM

“Ao aprender algo, a estrutura física do cérebro se modifica, bem como suas funções; a plasticidade da mente humana torna quase impossível determinarmos as verdadeiras limitações de qualquer pessoa, de qualquer idade, gênero, cultura raça ou credo. Antes, de tudo, é preciso acreditar que todos nós, por sermos seres humanos, somos capazes de aprender, mas por vivermos em ambientes e sociedades distintas, desenvolvemos aspectos diferentes no potencial de aprendizagem” (PORTILHO, 2018, p. 21).

O conteúdo da referida apresentação de antemão teve objetivo de contextualizar e retomar ideias já discutidas para grande maioria dos/as participantes, em disciplina regular ministrada pelo professor/pesquisador. Assim, quando o autor faz alusão às diferenças dos seres humanos como sujeitos capazes de aprender por potenciais distintos, somos nós os humanos em sociedades distintas em potencial aprendizagem.

Vygotsky assinala ao encontro da perspectiva do processo de aprendizagem quando na consideração do ser em pleno desenvolvimento. Ele fundamenta que os pilares de sustentação da aprendizagem podem ser esclarecidos à proporção que são essenciais termos à referência do meio social para com a capacidade cognitiva de ação na criança. Segundo o autor:

[...] a característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento dentro do âmbito das inter-relações com outros, que na continuação são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas da criança (Vygotsky, 2005, p. 39).

Logo, compreendemos que este processo é dinâmico, ocorre de maneira espontânea e não-linear, por compreender que a cultura como corresponsável recebe e se usufrui das influências em suas interfaces com o meio, as sociedades e suas representatividades de sujeitos. Rego (2013, p. 59-60) evidencia que a criança é fruto da natureza em que esteja social e culturalmente inserida, ao destacar que:

O comportamento da criança recebe influência dos costumes e objetos de sua cultura, como por exemplo, em nossa cultura urbana ocidental: dorme no berço, usa roupas para se aquecer e, mais tarde, talheres para comer, sapatos para andar etc. Inicialmente a relação da criança com o mundo dos objetos é mediada pelos adultos; por exemplo, eles aproximam os objetos que a criança quer apanhar, agitam o brinquedo que faz barulho, alimentam-na com a mamadeira etc (Rego, 2013, p. 59-60).



“O que é Educação Sexual?” Essa certamente foi a expressão mais indagada antes mesmo de iniciarmos a formação. Muitos/as já se questionavam e indagavam ao professor por muitas curiosidades, palpites e marcas de uma oralidade em que o senso comum estivesse mais presente ao invés de prerrogativas e definições acadêmicas. As imagens foram

importantes por trazer uma “quebra de gelo”, um momento para entendermos que a partir de então, assuntos relacionados a uma Educação Sexual seriam frequentes e que, desde tal momento estivéssemos em liberdade não para falar de nossas Sexualidades, mas sim das Sexualidades que se encontram nos contextos plurais das Diversidades – Famílias, escola, comunidade, igreja.

Vídeo: **O que é Educação Sexual?**

13:09

https://www.youtube.com/watch?v=I_YzXUrL6Ls

Canal: Mary Neide Figueiró



A fim de explanar com assertivas anteriores sobre exemplificações conceituais acerca de Educação Sexual, Figueiró (2017) ilustra múltiplos vídeos instrucionais e de cunho pedagógico. Em primeiro momento utilizamos o canal com o propósito de possibilitar que uma relevante referencial na área expusesse terminologias no intuito de esclarecimentos e abertura para compreensão da temática. Figueiró, pesquisadora do final do século XX, em suas pesquisas, menciona que a Educação Sexual como ponto de partida para as discussões seja:

[...] toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual (Figueiró, 1995, p. 08).

Expressões de Sexualidade



Fonte: Menezes, 2018 – ilustração sobre “biscoito sexual”

Quando pensamos em Educação Sexual, termo amplo, abrangente e reflexivo às ideias plurais de um universo em constante transição identitária, nos ocorre que a sexualidade humana esteja entrelaçada às definições, bem como termos que sejam relacionados ao sexo.

Nosso ideal enquanto formação educativa é desmistificar conceitos e padrões impostos pelo senso comum; os agentes educacionais, especialmente aqueles inseridos em contextos escolares precisam buscar o autoconhecimento para assim poder lidar em espaços em que o/a outro/a seja atendido/a por uma educação o mais próximo da liberdade de pré-julgamentos. Com esses dizeres, entendemos que o pesquisador enquanto agente que promove e facilita ações de ensino-aprendizagem com o auxílio da figura “biscoito sexual” trouxe considerações sobre expressões da sexualidade humana frequentemente equivocadas e/ou desconhecidas, no que concerne as definições acerca de *Identidade de Gênero*, *Expressão de Gênero*, *Orientação Sexual* e *Sexo Biológico*.

Momento ímpar e necessário na formação, compreender que os/as futuros/as pedagogos/as precisam necessariamente conhecer terminologias específicas atribuídas à Educação Sexual, por lidarem cotidianamente com crianças pequenas, crianças, jovens, as Famílias dos/as alunos/as e toda a equipe escolar, ou seja, esse processo sociocultural é

envolto por movimentos e pessoas diversas em relação às Educação Sexual, Gênero e Sexualidades.

Vídeo: **Sexualidade**

5:02

<https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>

Canal: Minutos Psíquicos



Com o auxílio de mais um recurso digital, transmitimos o vídeo *Sexualidade*, que através de construção ilustrativa sintetizou os conceitos que abarcam as relações de Gênero e de Sexualidade em face a considerar que a cultura é um divisor de permissões e/ou proibições a depender da localização geográfica posta em análise. Por esse referencial ilustrativo, pôde-se indagar aos/às participantes sobre a clareza e compreensão das informações colocadas frente aos objetivos do “biscoito sexual”, - compreender as pluralidades e diversidades que coexistem, e que todos/as devem ser respeitados perante suas identidades, orientações e expressões de gênero, independentemente de qual(is) seja(m).

Refletindo...

“Da mesma forma que na família, na escola também se faz educação sexual sempre, mesmo quando não se oferece aos alunos uma informação sistemática, quando não se fala de sexo”.

Maria José G. Werebe

“Então, para que o professor possa “reeducar” sexualmente seus alunos, é indispensável reeducar-se previamente e de forma continuada ao longo de toda a sua atuação profissional, revendo seus valores e atitudes e, ainda, aprimorando seus conhecimentos relativos à sexualidade” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 65).

Para refletirmos, Werebe (1980, n. p.), uma clássica estudiosa nas pesquisas por uma Educação Sexual, não poderia deixar de ser contextualizada, ao nos lembrar, dentre outros aspectos, que “Da mesma forma que na família, na escola também se faz educação sexual sempre, mesmo quando não se oferece aos alunos uma informação sistemática, quando não se fala de sexo”. Da menção referenciada, nós, educadores poderemos adiante compreender se realmente ocorrem silenciamentos, e nesse sentido, como os são. Duas décadas após o início do século XX, estão os espaços educativos, na Educação Básica e Ensino Superior ausentes de promover uma educação capaz de lidar e desenvolver competências e habilidades em que os corpos, as emoções e o trato com a Educação Sexual pudessem auxiliar na aprendizagem emocional?

Figueiró (2009) defende como premissa educativa que o professor ao lidar com questões de sexualidade em sala de aula, há de estar preparado e consciente de sua própria Educação Sexual. (Podemos pensar nesse momento: como falar ou abordar sobre assuntos da sexualidade humana do/a outro/a, dos/as meus/minhas alunos/as, se eu, professor/a não estou contextualizado/a, aberto/a ao diálogo, e sem aprimoramentos acerca de minha própria Educação Sexual?! – *pensamentos nossos*).

Conceituando a Educação Sexual e Sexualidade

“Toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas, seja ao nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual” (FIGUEIRÓ, 2001, p. 17).

Ainda de acordo com a mesma autora, fundamentada em Werebe (1981), uma das brasileiras nos estudos e produção científica de experiências de Educação Sexual na escola, há dois tipos de Educação Sexual:

- a educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual;
- a educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola (WEREBE, 1981, apud FIGUEIRÓ, 2009, p. 64).

Já descrita anteriormente as linhas gerais norteadoras da Educação Sexual, elencadas arduamente por Figueiró (1995; 2001) compreendemos que a sexualidade é a energia vital, capaz de nos tornar seres mais afetuosos e (in)satisfeitos por nossos anseios. Britzman (1998, p. 156) acrescenta:

[...] ela está ligada à busca de satisfação. A educação começa na busca da satisfação e na tentativa de levar nossas urgências e desejos a um diálogo com idéias e pessoas [...].

Nossa sexualidade nos dá o tom da curiosidade, o desejo de aprender. Sem sexualidade não há curiosidade. A questão da sexualidade é central à questão de se tornar um cidadão, uma cidadã, de criar um eu capaz de defender-se, de sentir-se de forma apaixonada a situação dos outros, de criar uma vida a partir das experiências de aprender a amar e de fazer dessa aprendizagem do amar, o amor por aprender.

Pelos planos conceituais em processo formativo, ainda cabe ressaltarmos as distinções defendidas por Figueiró (2009; 2014) ao traçar tipos quanto a classificação da Educação Sexual em informal, e formal – definições essas propostas e reformuladas por Werebe (1998, p. 155), ao entender que a educação sexual formal seja intencional, na medida em que “compreende as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual [...]”.

Conceituando a Educação Sexual e Sexualidade

'A sexualidade é algo que todos nós [...] possuímos "naturalmente". [...] seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma' (LOURO, 2000, n. p.). Para a autora, envolve:

"rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções...Processos profundamente culturais e plurais" (2000, n.p).

Assim:

'Não há nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas' (2000, n. p.)

Ratificando as teorias supracitadas até o presente, Louro (2000) pesquisadora no assunto enuncia e traz a formulação de que a sexualidade esteja associada ao nosso corpo, e como o vivemos por representações histórico-culturais e plurais. Assim, somos capazes de transformar aspectos biológicos - dados pela natureza humana, em processos históricos e sociais.

Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) nos eixos de “Pluralidade e Orientação Sexual” abordam e trazem descritivamente que a temática busca:

considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes (BRASIL, 1997, p. 107).

A configuração dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997) coube enquanto explicação ao ser referência em meados da década de 90 até cerca de 2018 com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo os PCNs nessa pesquisa o caráter introdutório e intencional ao denotar “a sexualidade como algo inerente à vida, e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano [...]”.

O objetivo esteve interligado ao referenciar e refletir se na plenitude do ano de 2019 e pelos avanços nas áreas médicas, pudéssemos considerar os aspectos biológicos, e de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (descrito nos PCNs como Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs)), à AIDS e da gravidez precoce como únicas questões sociais que sejam norteadoras da Sexualidade. A intenção esteve pontual para que os/as participantes sejam aguçados/as a compreenderem tantos outros documentos não menos, e não mais importantes que os PCNs, mas que quando necessários os complementem em sua integridade e definições consoantes aos aspectos legais e históricos da Pluralidade e Orientação Sexual.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009.
- _____. **Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: Editora da UEL, 2001.
- _____. O que é Educação Sexual? Canal de Vídeo – Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_YzXUrl6Ls. 2017. Acesso em: 20 de março de 2019
- LOURO, G. L. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PORTILHO, E. M. L. Prefácio. In: PEDRO, W. **Guia prático de Neuroeducação: Neuropsicopedagogia, Neuropsicologia e Neurociência**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.
- RABELO, A. Sexualidade. Canal de Vídeo – Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>. 2016. Acesso em: 20 de março de 2019.
- WEREBE, M. J. G. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981. Trabalho apresentado na mesa-redonda da 32ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Rio de Janeiro, 1980.

Apontamentos e sugestões de Referenciais utilizados durante o encontro formativo inicial. O pesquisador ressaltou aos/às educadores/as naquele instante para que busquem galgar novos conhecimentos, que se aproximem dos conhecimentos científicos de modo significativo e intencional, para que sejam conhecedores/as e possam com destreza permear novos saberes e transmití-los com sabedoria e confiança nas vivências das práticas pedagógicas.

***Obrigado a todos/as pela oportunidade
de estarmos juntos!***

Slide utilizado frequentemente para finalização e agradecimentos de cada encontro.



Foto 3: Devolutiva sobre Questionário em papel (aplicado em encontro anterior); acervo do pesquisador, 2019



Foto 4: Exemplificação e discussões sobre “O que é Educação Sexual?”; acervo do pesquisador, 2019

4.1.1.3 Encontro 3 – Construção de instrumento para formação docente: as revistas

No referido encontro temático, o pesquisador comentou e projetou a reapresentação dos vídeos, no intuito de reforçar fundamentos teóricos tendo por base os conceitos da Educação Sexual e Sexualidades. Seguidamente a primeira atividade pode ser detalhada em sua abordagem quanto ao anúncio e objetivos. Por fim, e concluindo a sequência didática do encontro, os/as participantes foram convidados/as a uma síntese em relação à atividade do encontro, expondo suas atividades sob uma perspectiva sexuada do ponto de vista biológico e social, conforme veremos nas explicações.

“Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil”

Prof. Guilherme Alves

Instituição

Mestrando em Educação Sexual – UNESP

Membro do GEPIFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização – UNESP/CNPq

Orientação: Profa. Dra. Marcia C. A. Perez

Local, 29/03/2019



Abertura do 3º encontro de Formação inicial em Educação Sexual e Sexualidade para atuação na Educação Infantil.

Cronograma das atividades:

20 minutos para apresentação dos vídeos;
20 minutos para o desenvolvimento da atividade;
20 minutos para as apresentações.

O Cronograma das atividades diárias foi estruturado para que o pesquisador demonstrasse o gerenciamento e controle do tempo nas atividades propostas para o encontro, visando considerar que houve o desenvolvimento e apresentações das atividades.

Vídeo: **O que é Educação Sexual?** 13:09

<https://www.youtube.com/watch?v=lYzXUrL6Ls>

Canal: Mary Neide Figueiró



Vídeo: **Sexualidade** 5:02

<https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>

Canal: Minutos Psíquicos



Enquanto pesquisador, e acreditando que o conhecimento de forma objetiva, racional e sistematizado possa ser fortalecido pelas instâncias em contato com o novo, com as discussões e explanações sobre conteúdos em que valores, atitudes, simbologias e crenças possam operar de modo a atingir relações sociais pautadas nas retomadas de conhecimento, optamos por acreditar que ao retroceder assuntos e temáticas já trabalhadas, melhor o indivíduo se constitui enquanto formação plena de criticidade e reflexão.

Atividade

A partir do contexto da aula anterior sobre “Fundamentos da Educação Sexual” e das informações e conhecimentos adquiridos nos vídeos de hoje, vamos desenvolver a seguinte atividade:

- ✓ Formar 5 grupos (em número iguais de integrantes e preferencialmente com colegas de outros períodos do curso).
- ✓ A atividade consiste em buscar nas revistas imagens que representem as sexualidades e suas múltiplas manifestações sob aspectos demonstrados pelas características das revistas.
- ✓ Vocês devem selecionar 03 imagens, recortá-las e colá-las na folha de sulfite.
- ✓ Após essas etapas, vocês precisam ao lado de cada imagem:
 - 1) justificar o porquê da escolha de tal imagem, ou seja, os aspectos que denotam a sexualidade;
 - 2) escrever por que o grupo optou pela escolha da imagem.

A partir deste, e após retomar, apontar, discutir e refletir sobre teorias e constructos sociais nas esferas da Educação Sexual e Sexualidades, a primeira atividade proposta pôde ser dirigida aos/às participantes. Conforme descrição acima, os/as participantes formaram orientados/as pelo pesquisador grupos preferencialmente em números iguais, e com colegas de outras turmas. Dos 05 grupos formados, 03 se constituíram na configuração descrita.

Após agrupamentos formados, o pesquisador leu as orientações da atividade a ser desenvolvida e entregou os materiais para cada grupo: 02 folhas de sulfites em branco, cola, tesoura e revistas diversas. As revistas, enquanto materialidade de consulta e pesquisa se

caracterizam por temáticas diversificadas: assuntos do dia a dia, casas, construção, vida de famosos, culinária, venda de produtos e prestação de serviços de modo geral.

Atividade:

- ✓ O enunciado da atividade: *“A atividade consiste em buscar nas revistas imagens que representem as sexualidades e suas múltiplas manifestações sob aspectos demonstrados pelas características das revistas”*.
- ✓ O que realizar? *“Vocês devem selecionar 03 imagens, recortá-las e colá-las na folha de sulfite”*.
- ✓ Quais foram as orientações? *“1) Justificar o porquê da escolha de tal imagem, ou seja, os aspectos que denotam a sexualidade; 2) escrever por que o grupo optou pela escolha da imagem”*.

A atividade posta pôde ser estruturada e aplicada ao grupo de acadêmicos/as em Pedagogia considerando que estes/as poder-ser-ão futuro/as profissionais em plenas atividades na Educação Infantil. Por isso, e em se tratando de um universo de pesquisa em que idealizamos o campo do saber da Educação Sexual e seus desdobramentos associados à Educação, enfaticamente à Educação das Infâncias, tivemos por princípio metodológico elaborar atividades que em sua práxis pudessem ter repercussões significativas aos/às participantes, numa singularidade que os ensinamentos, vivências e reflexões a partir deste curso de formação sejam quando na condição de educador/a utilizado como elemento a (re)conhecer as dinâmicas e pluralidades das crianças e dos seus mundos. Pensando por estas linhas, identificamos que o encontro com a formação lúdica representa um arquétipo que seguimos por toda a trajetória da pesquisa-ação. Define Rau (2011, p. 30):

A formação lúdica se assenta em pressupostos que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas, experiências corporais, que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem [...].

De tal maneira, inferimos na relação constituída em se tratando de um espaço acadêmico, por tanto, um espaço em que os laços de ensino e aprendizagem possam ser fortalecidos pelas escutas, pelas experiências em contextos múltiplos, pelas aprendizagens resguardadas e oriundas na Educação Básica, de que em tempos anteriores, distintos ou não, todos/as foram capazes de viver ações que exprimissem emoções, sentimentos de alegrias, tristezas, cooperação, dentre outros; logo características que pontuamos à luz do pensar a ludicidade.

Análise do material elaborado pelos/as participantes:

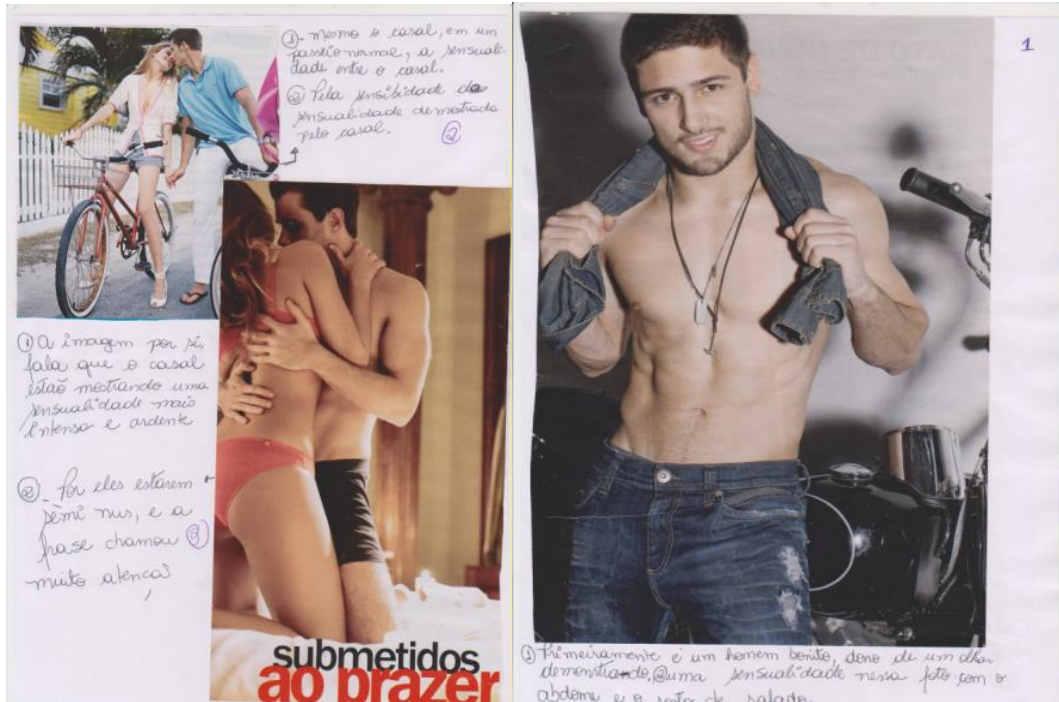
De forma categórica, e tendo por base as inspirações em Análise de Conteúdo por Bardin (1977), o pesquisador analisou o material por 02 segmentos distintos referentes às etapas básicas, considerando pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial: as imagens e o texto escrito.

As imagens são representadas a seguir:



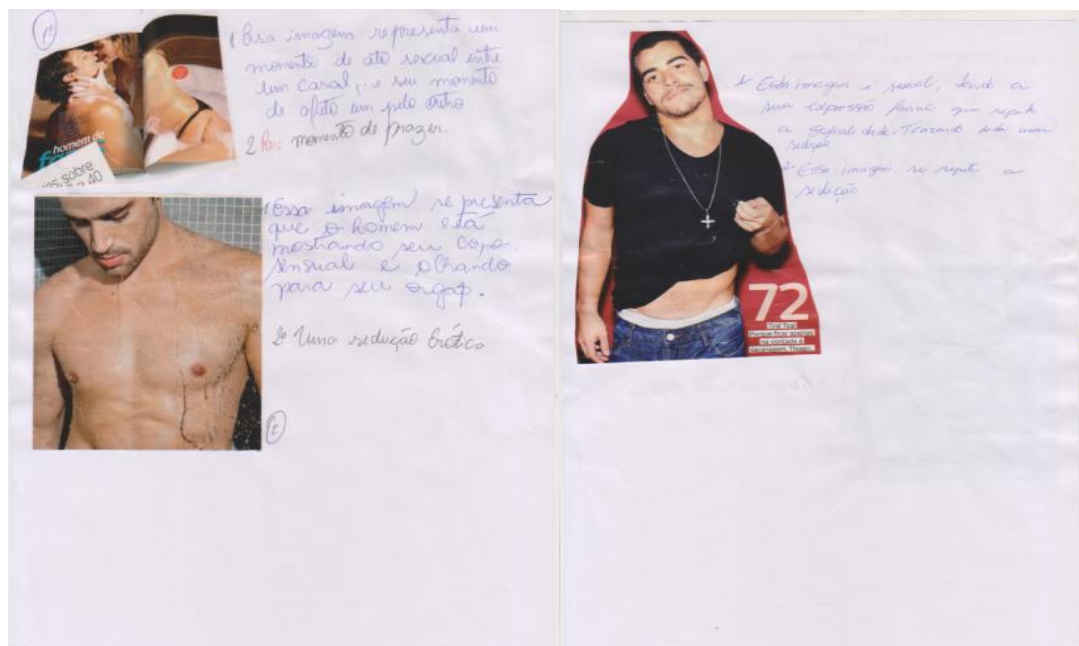
Grupo 1

Grupo 2



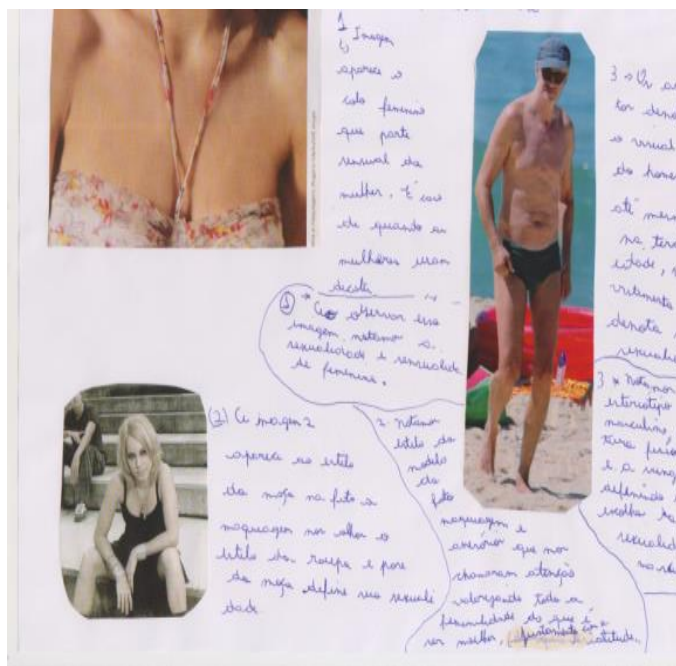
Grupo 3

Grupo 3



Grupo 4

Grupo 4



Grupo 5

✓ As produções pelas escolhas das imagens:

Ao analisarmos as imagens, entendemos que todas as escolhas dos 05 grupos foram decididamente por critérios categóricos relacionados ao corpo, às questões biológicas que pudessem sintetizar relações de sexo, sensualidade e de prazer. Nesse sentido, elencamos algumas características percebidas quando ao exercício produzido – entendemos que para os/as participantes as conotações pelas imagens representam simbologias de: beijos, abraços, carícias, seminudez, roupas íntimas, contatos físicos, expressões faciais e gesticulares, vestimentas, sensualidade, adolescência, gravidez, posições e trocas de afetos/carícias.

✓ As produções pelas descrições das justificativas:

Quando a análise parte das questões figurativas para a escrita, percebemos discrepâncias em relação a aspectos semânticos e de ordem qualitativa. Contudo, há de se enfatizar que convergências também são pontuais ao compreendermos que muitos contextos se descreveram a partir das teorias exemplificadas anteriormente, ou seja, expressões da

linguagem informal foram transpostas à linguagem escrita. A seguir destacamos as produções enquanto justificativas para as 02 (duas) questões.

Tabela 8

Análise de produções de materiais - Justificativas por Grupos

Grupo	1) Justificar o porquê da escolha de tal imagem, ou seja, os aspectos que denotam a sexualidade	2) Escrever por que o grupo optou pela escolha da imagem
Grupo 1	<p>“Achamos ela ousada”</p> <p>“Intimidade do casal”</p> <p>“Trazendo a beleza”</p>	<p>“A imagem representa a vida”</p> <p>“ ‘Dito normal’ hoje com novos conceitos trouxe novas concepções”</p> <p>“É a sexualidade da mulher”</p>
Grupo 2	<p>“Porque é um casal gay”</p> <p>“Denota sensualidade”</p> <p>“Pela menina estar de vestido e o menino de terno”</p>	<p>“Por terem o gênero masculino e orientação feminina”</p> <p>“Escolhemos por estar de roupas íntimas, induz a sexualidade”</p> <p>“Porque os padrões da sociedade definem meninas vestem rosa e meninos azul”</p>
Grupo 3	<p>“Mesmo o casal, em algum passeio normal, há sensualidade entre o casal”</p> <p>“A imagem por si fala que o <i>casal estão</i> mostrando uma sensualidade mais intensa e ardente”</p> <p>“Primeiramente é um homem bonito, dono de um olhar demonstrado”</p>	<p>“Pela sensibilidade da sensualidade demonstrada pelo casal”</p> <p>“Por eles estarem seminus, e a frase chamou muito a atenção”</p> <p>“Uma sensualidade nessa foto com o abdômen e o rosto de safado”</p>
Grupo 4	<p>“Essa imagem representa um momento de ato sexual entre um casal, e seu momento de afeto um pelo outro”</p> <p>“Essa imagem representa que o homem está mostrando seu corpo sensual e olhando para seu órgão”</p> <p>“Esta imagem é sexual, devido a sua expressão facial que repete a sexualidade,</p>	<p>“Momento de prazer”</p> <p>“Uma sedução erótica”</p> <p>“Essa imagem se repete a sedução”</p>

	trazendo toda uma sedução”	
Grupo 5	<p>“Imagem aparece o colo feminino que é parte sensual da mulher. É caso de quando as mulheres usam decote”</p> <p>“A imagem 2 aparece ao estilo da moça na foto a maquiagem nos olhos, o estilo da roupa, e pode da moça define sua sexualidade”</p> <p>“Os aspectos denotam o visual do homem até mesmo na terceira idade, sua vestimenta denota sua sexualidade”</p>	<p>“Ao observar essa imagem, notamos a sexualidade e sensualidade feminina”</p> <p>“Notamos estilo da modelo da foto – maquiagem e acessórios que nos chamaram atenção valorizando toda a feminilidade do que é ser mulher, juntamente com a atitude”</p> <p>“Notamos o estereótipo masculino, estrutura física e a sunga definindo uma escolha da sexualidade masculina”</p>

Fonte: pesquisador, 2019

Vamos às apresentações?

Cada grupo terá até 4 minutos para apresentar as atividades à turma (escolhas, imagens e justificativas).

Boa apresentação a todos/as!



Após a realização do exercício em que os grupos selecionaram as imagens, e partir dessas seleções justificaram suas escolhas no contexto das Sexualidades, propomos que, enquanto aplicação da atividade, os grupos apontassem um/a integrante para a exposição do trabalho e breve discussão.



Foto 5: Retomada de apresentação de vídeo; acervo do pesquisador, 2019



Foto 6: Desenvolvendo a atividade; acervo do pesquisador, 2019

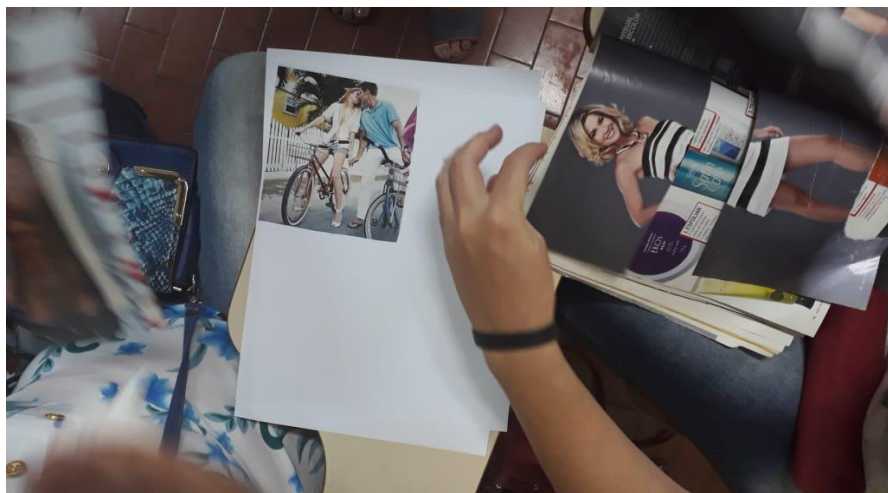


Foto 7: Desenvolvendo a atividade; acervo do pesquisador, 2019

Referências

_____. **O que é Educação Sexual?** Canal de Vídeo – Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=l_YzXUrL6Ls. Acesso em: 20 de março de 2019. 2017.

RABELO, A. **Sexualidade.** Canal de Vídeo – Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>. 2016. Acesso em: 20 de março de 2019.

Referenciais utilizados para o encontro, ressaltando a importância em que participantes estejam próximos/as ao conhecimento sistematizado, para que assim possam educar as crianças, tendo como princípio estruturas educacionais pautadas na ciência.

4.1.1.4 Encontro 4 – Especificidades e estratégias de ensino da sexualidade para a Educação Infantil: a caixa de perguntas

Iniciamos as atividades previstas para o 4º encontro por meio da retomada de alguns conceitos discutidos no encontro anterior. Nesse ponto, abordamos principalmente neste encontro os conceitos científicos que permeiam Educação Sexual e Gênero, sob a ótica de autores renomados no campo de pesquisa. Outra questão discutida esteve relacionada à pergunta-chave: “Por que apenas 01 imagem representou as sexualidades nas Infâncias?”- dando-nos suporte para compreendermos concepções pelos/as participantes quando pensamos em sexualidade humana. E por fim, com a utilização de curtos ensaios lúdicos, transmitimos conteúdos temáticos nas abordagens sobre a violência sexual infantil, no trato à prevenir os abusos na condição para crianças pequenas.

“Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil”

Prof. Guilherme Alves

Instituição

Mestrando em Educação Sexual – UNESP

Membro do GEPIFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização – UNESP/CNPq

Orientação: Profa. Dra. Marcia C. A. Perez

Local, 12/04/2019



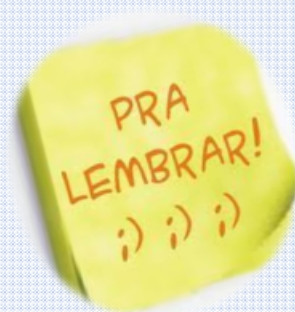
Slide de abertura do 4º encontro.

Cronograma das atividades

- ✓ Breve retomada dos encontros anteriores (gráficos, conceitos e atividade)
- ✓ Apresentação dos resultados da atividade prática
 - ✓ Participação em atividade de reflexão
- ✓ Introdução à temática de Sexualidade Infantil: violência

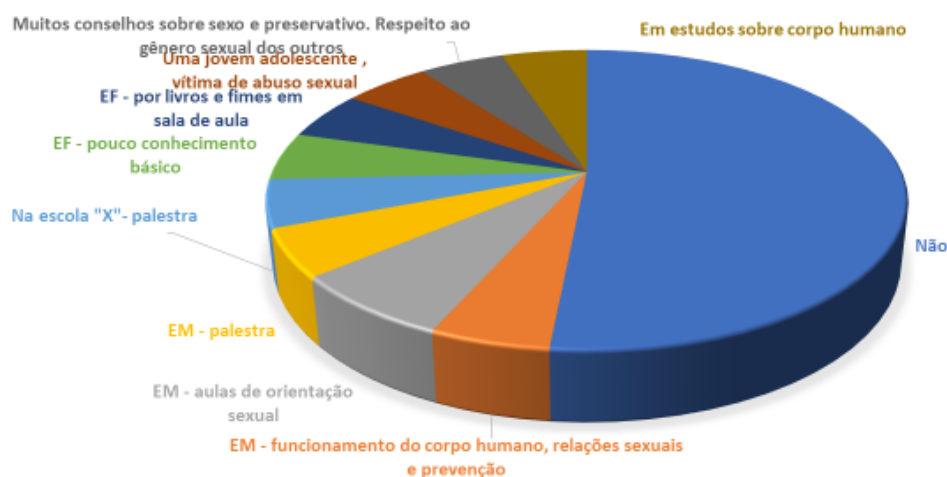
Cronograma das atividades propostas: retomada de alguns aspectos, considerando como ponto de partida alguns gráficos que elucidam o contexto científico formativo; apresentação dos resultados como discussão do encontro anterior; participação individual em atividade para reflexão; e, abordagem introdutória sobre a Sexualidade Infantil, por uma ênfase às questões de violências sexuais.

Relembrando momentos dos encontros...



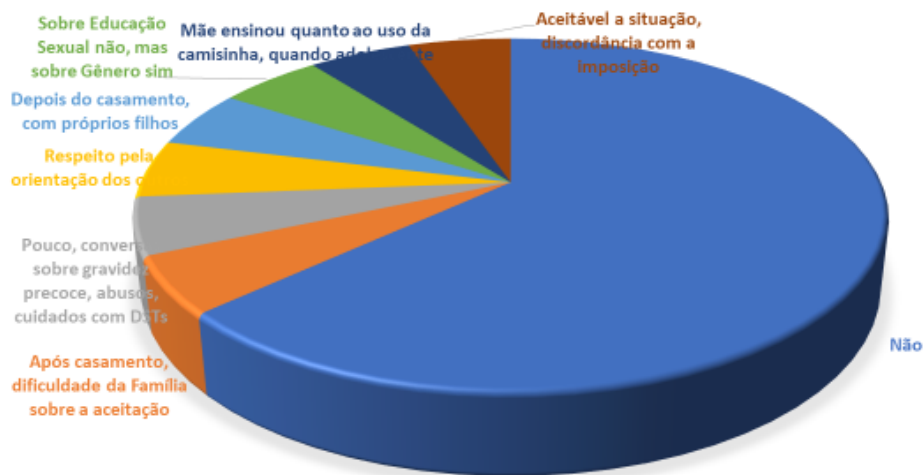
Chamada para que os/as convidados/as pudessem compreender que adiante retomariamos alguns conceitos informativos discutidos em outros momentos. É válido destacar que o objetivo do pesquisador ao traçar essa linha de raciocínio almejou com que os/as participantes compreendessem que a formação passa por momentos em que resgatamos conceitos anteriores e que, para além disso, é possível projetarmos colocações imagináveis que ainda não tenhamos vivências. O anúncio “pra lembrar” foi utilizado como recurso para destacar marcas contextualizadas em momentos anteriores da intervenção, por alguns encontros em que o resgate de conhecimentos e informações pudessem ser triviais.

1) Você já teve algum contato com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero na escola, durante sua formação e/ou experiências profissionais? Se sim, mencione suas recordações.



Ao retomar tal questionamento que se refere ao/à participante já ter contato ou não com conteúdos relacionados à Educação Sexual ou Gênero na escola, e ao perceber que metade do número deles apontaram a questão como ausente, optamos ressaltar com essa análise o quão sejam necessárias permissões e criação de espaços para que a escola, entidade democrática, oportunize acesso e garantias no trato da Educação Sexual e Gênero por professores/as capacitados/as ao ensino de forma segura e com recursos adequados a promover conteúdos para além das aulas na área biológica.

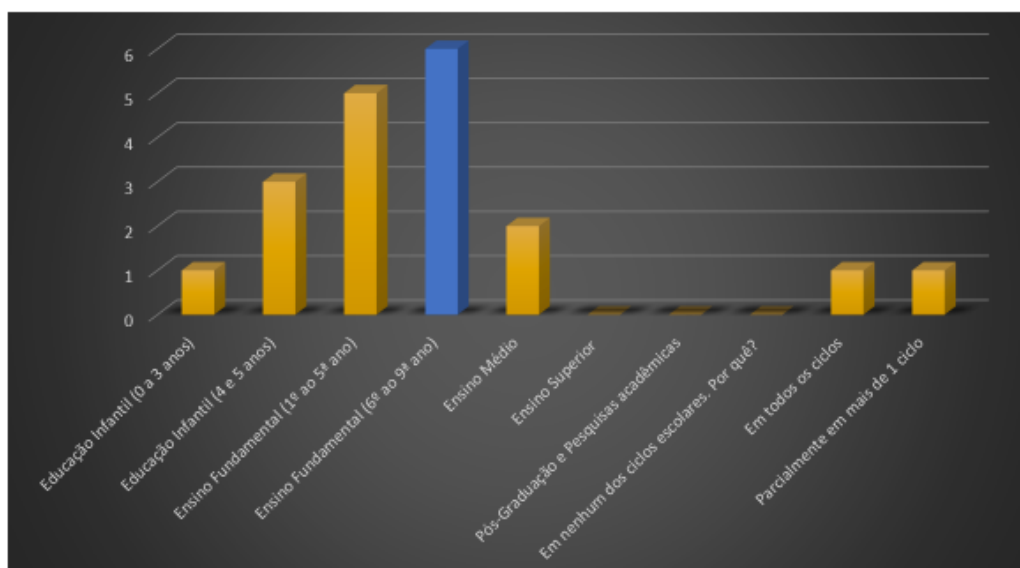
2) Você já teve algum contato com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero na sua **Família**? Se sim, mencione suas recordações.



E mais ainda, quando tocamos no posicionamento de referência quanto ao assunto no âmbito familiar, percebemos ainda maior a lacuna, isto é, promove-se a educação ora do silenciamento, ora do proibido, em que as crianças e adolescentes se desenvolvem não reconhecendo questões de promoção e de prevenção à Saúde².

² Saúde: Conceito definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”.

5) Em qual ciclo escolar você considera necessário e extremamente oportuno o início de assuntos que se relacionem à Educação Sexual?



Enfatizar o ciclo escolar em que a escola possa iniciar oportunamente as temáticas e discussões quanto à Educação Sexual. Também foi necessário retomarmos as informações descritas no Questionário, deixando em evidência que a metade do número de participantes ressalta ser no Ensino Fundamental. Discutimos anteriormente as hipóteses e fundamentos que se justificam por uma percepção social de acreditarem a princípio no fato.



Refletindo acerca do que é “Educação Sexual” foi o motor propulsor para que pudéssemos iniciar a abordagem subsequente – Gênero. Nesse instante para além de retomar conceitos descritos e discutidos anteriormente, tivemos o objetivo de sinalizar que o conteúdo posterior estaria envolvido à dimensão da sexualidade humana.

Conceitos sobre Educação Sexual e Gênero

Nos dizeres de Louro (1997) as construções sociais de gênero se caracterizam pluralmente, isto é, devem ser constituídas pela não concepção binária de homens e mulheres.

Conforme salienta a autora, a definição de gênero emerge às ideias de se contrapor às diferenças biológico-corporais entre homens e mulheres a partir da visão ancorada no sexo.

A partir desse conteúdo, destacamos que um novo conceito emerge às informações e conhecimentos que até o momento se faziam presentes na Formação, o de Gênero – definição ampla, abrangente e múltipla, que culturalmente determina uma expressão não-binária por determinação biológica, entre macho e fêmea.

Conceitos sobre Educação Sexual e Gênero

A esse propósito de construção do gênero, Louro (1997) ressalta que:

“Ao aceitarmos que a construção do gênero é histórica e se faz incessantemente, estamos entendendo que as relações entre homens e mulheres, os discursos e as representações dessas relações estão em constante mudança. Isso supõe que as identidades de gênero estão continuamente se transformando” (p.35).

Ainda por este foco, as constituições sociais de Gênero podem ser exemplificadas por Louro (1997), na medida em que ao identificarmos tais relações pela dualidade homem e mulher, podemos compreender que as identidades de Gênero estão de fato em constante transição. Essa marca requer aceitarmos que ao longo do processo histórico, mudanças na sociedade surgem e (re)constroem, para além das nomenclaturas quanto as identidades.

Conceitos sobre Educação Sexual e Gênero

Nesse mesmo sentido, Figueiró (2009) expressa que acerca da Educação Sexual:

“Educação Sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo” (p.163).

E voltamos ao conceito de Educação Sexual, para que possamos relativizar a construção social *Gênero*. Enfatizamos aqui a liberdade para a expressão do ser em sua plenitude quanto às emoções, sentimentos, constituição de valores sociais, crenças e tabus acerca daquilo que se relaciona ao sexo.

Recordando... Atividade

A partir do contexto da aula anterior sobre “Fundamentos da Educação Sexual” e das informações e conhecimentos adquiridos nos vídeos de hoje, vamos desenvolver a seguinte atividade:

- ✓ Formar 5 grupos (em número iguais de integrantes e preferencialmente com colegas de outros períodos do curso).
- ✓ A atividade consiste em buscar nas revistas imagens que representem as sexualidades e suas múltiplas manifestações sob aspectos demonstrados pelas características das revistas.
- ✓ Vocês devem selecionar 03 imagens, recortá-las e colá-las na folha de sulfite.
- ✓ Após essas etapas, vocês precisam ao lado de cada imagem:
 - 1) justificar o porquê da escolha de tal imagem, ou seja, os aspectos que denotam a sexualidade;
 - 2) escrever por que o grupo optou pela escolha da imagem.

Sequencialmente o pesquisador trouxe os slides referentes ao desenvolvimento da atividade anterior a fim de recordar e discutir os resultados para com os/as participantes.



Os slides anteriores foram configurados não tendo objetivo de identificar autoria, nem de criar rótulos quanto às escolhas das figuras, mas sim de abrirmos uma discussão tendo como ponto inicial - semelhanças e diferenças em relação às imagens.

Vamos responder e colaborar com a
Caixa de Perguntas?

Por que apenas 01 imagem representou as
Sexualidades nas Infâncias?



Percebendo que a “caixa de perguntas”, ainda demonstrara pouca intimidade quanto ao uso e que não fora utilizada de modo espontâneo, o pesquisador propôs uma segunda atividade em que os/as convidados/as participassem respondendo *“Por que apenas 01 (uma) imagem representou as Sexualidades nas Infâncias”?*

Por que apenas 01 imagem representou
as **Sexualidades nas Infâncias?**

Responda no impresso entregue pelo professor, e em seguida coloque-o na Caixa de Perguntas.

O pesquisador entregou aos/às participantes uma folha recortada em partes menores para que respondessem ao questionamento, e em seguida a colocasse na “caixa de perguntas”. Tendo como objetivo discutirmos as relações apontadas, elaboramos uma tabela que exemplifica as produções das perguntas:

Tabela 9

Produções a partir do contexto: ausências de sexualidades nas Infâncias

<p>“Bom, acho que as revistas não tinham tantas crianças, mas acredito que foram mais pelo fato de estarmos estudando para ser <i>professoras inicial</i> com crianças, e olhando a foto, representa a inocência da criança, e aonde se inicia o descobrimento da criança”. (Participante Natália)</p>	<p>“Geralmente quando se trata de sexualidade, as pessoas já ligam à adultos, relação sexual. E crianças são ligadas à inocência”. (Participante José)</p>
<p>“O casalzinho de crianças que na ideia deles é dia do casamento deles. A menina e o menino são namoradinhos”. (Participante Heloísa)</p>	<p>“Porque na imagem padroniza que a menina tem que ser menina com suas vestimentas e que o menino tem que se comportar como menino, terno e ser homem desde menino. Comportar como a sociedade os veem”. (Participante Queila)</p>
<p>“Por ser menina e menino?”. (Participante Otávia)</p>	<p>“Remete ao princípio ‘papai e mamãe’”. (Participante Marcelo)</p>
<p>“Porque para mim, nesse assunto seria mais complicado, pois, às vezes não sabemos como falar sobre esse assunto”. (Participante Karen)</p>	<p>“Porque desde pequenos eles são influenciados a se vestir e comportarem com a sexualidade na infância. Tanto menina, tanto menino”. (Participante Sabrina)</p>
<p>“Porque relacionamos as imagens que mostravam pessoas em fotos sensuais, e associaram ao gênero ou ao sexo. No modo geral, a criança representa ‘pureza’”. (Participante Lívia)</p>	<p>“Porque uma criança está na fase do porquê, como elas vieram ao mundo, por que, como aconteceu, essas são as perguntas feitas por elas”. (Participante Ana)</p>

<p>“As crianças não expressam a sexualidade da mesma forma que o adulto”. (Participante Paula)</p>	<p>“Porque na minha opinião acho que a pessoa que tentou representar com a imagem de duas crianças, quis passar que na infância, às vezes em determinada época não havia tanta informação sobre sexualidades na escola como hoje em dia tem. E também as vestimentas que eles usam são bem rigorosas, menina de vestido, e menino de terno”. (Participante Valéria)</p>
<p>“Porque não acostumamos relacionar sexo com criança”. (Participante Talita)</p>	

Participantes Talita e Valéria estiveram ausentes quanto ao preenchimento do Questionário em papel, no 1º encontro, logo não há informações tabuladas das participantes, embora possam ou não ao longo do curso de formação ter expressiva representação. Fonte: pesquisador, 2019.

Ao analisarmos as produções dos materiais pelos impressos, destacamos que após questionamento “*Por que apenas 01 imagem representou as Sexualidades nas Infâncias?*” alguns/as dos/as participantes foram pontuais ao se referirem que as sexualidades expressas pelas crianças representam inocência/pureza (Participantes Ana, José, Lívia, Natália, Paula, Sabrina e Talita). Logo, diferem daquelas demonstradas por adultos, estas que são geralmente relacionadas ao sexo, prazer e sensualidade, segundo os/as Participantes Heloísa, José, Marcelo e Queila, que mencionam tais aspectos comportamentais e atitudinais para os adultos.

Num segundo momento, ao examinarmos as revistas disponibilizadas para que realizassem a atividade, e nos direcionando ao encontro da indagação em querer questioná-los/las por não representarem o porquê das Sexualidades nas Infâncias, pensamos que o material de busca e recorte pudesse não ter conteúdos/imagens que representassem as crianças por um possível viés ao qual buscamos.

Assim, trazemos algumas imagens que elucidariam escolhas pelos/as participantes, isto é, as imagens seguintes poderiam representar as Sexualidades nas Infâncias quando traçamos uma visão de que anteriormente realizamos a transmissão de conteúdos, imagens, gráficos, ao qual intervimos na formalização de que os/as educadores/as precisam construir significados para as crianças pela iniciativa em se planejar ações de intervenções que tratem da Educação Sexual para as Infâncias.

Na projeção quanto a estruturar uma formação que seja destinada ao desenvolvimento das crianças tendo como eixo central o arcabouço da Sexualidade e assim, em tempos contemporâneos, as relações de Gênero, fundamentamos nosso referencial em Vygotsky, ao mencionar o desenvolvimento cultural da criança pela constatação da esfera externa para a interna, na medida em que para o autor:

Qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes, ou em dois planos. Primeiro, aparece no plano social e, em seguida, no plano psicológico. Primeiro, entre as pessoas, como categoria interpsicológica e, depois, no interior da criança, como categoria intrapsicológica. Isso também é verdadeiro no que diz respeito à atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos, e ao desenvolvimento da vontade... É evidente que a internalização transforma o próprio processo e altera sua estrutura e suas funções. As relações sociais ou as relações entre as pessoas embasam geneticamente todas as funções superiores e suas relações (Vygotsky, 1981, p. 163).

Tabela 10

Imagens não selecionadas nas revistas que poderiam representar as Sexualidades



Fonte: pesquisador, 2019

A imagem ilustrativa com os impressos respondidos pelos/as convidados/as:



Foto 8: Impressos respondidos pelos/as convidados/as; acervo do pesquisador, 2019

Elementos da Sexualidade Infantil

- Afetividade
- Emoções
- Carinho
- Comunicação
- Corpo
- Toque



Após a realização da atividade, o pesquisador inicia para o momento da formação alguns “Elementos da Sexualidade Infantil” tendo em consideração que esse movimento se torna essencial na medida em que nós, futuros professores, temos de (re)conhecer que a criança se constitui enquanto sujeito social e cultural. Nesse sentido, acreditamos que tais

apontamentos possam ser relevantes ao entendermos que cada criança é única, e acaba por ser educada por diferentes aspectos socioculturais históricos e psicológicos.

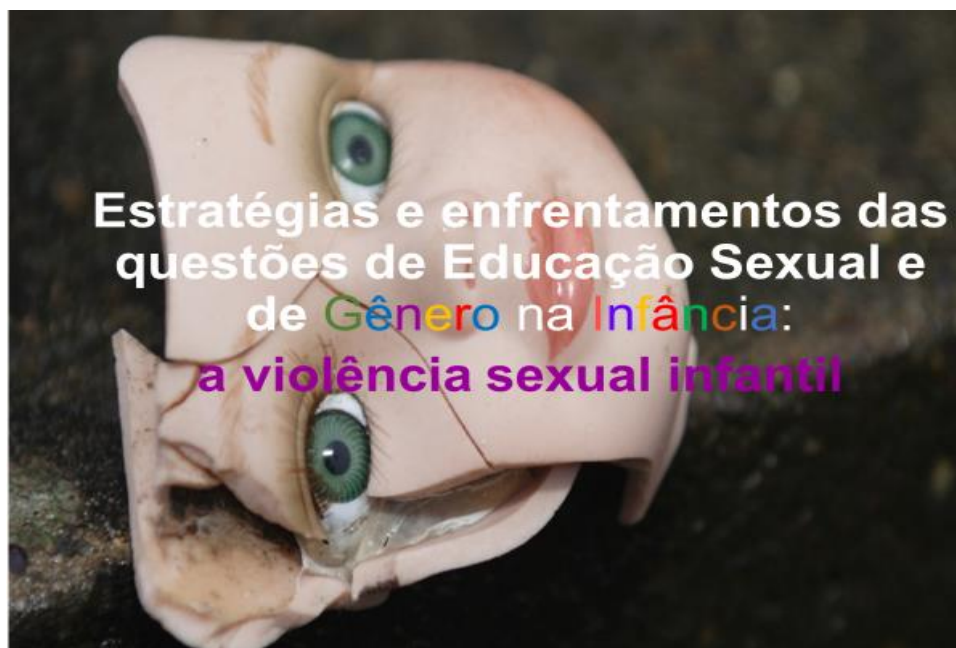


Imagem Ilustrativa à abordagem em se iniciar a temática acerca da violência sexual infantil, enquanto defesa embasada por uma Educação Sexual consciente, formal e institucionalizada.

A violência sexual infantil pode ocorrer em diversos espaços:

Familiar Escolar Comunidade Religioso

Como proteger nossas crianças?

Qual o papel da Família e da Escola nos enfrentamentos da violência infantil?

Propiciar espaços de diálogos em que as crianças possam manifestar seus sentimentos e fatos do cotidiano.

Cuidar das crianças é dever da Família, da Escola, e do Estado

Como estratégia de contextualização inicial, decidimos por compreender que as crianças devem ser/estar protegidas em todos os momentos, em todos os espaços, e por todos/as cidadãos/ãs. A esse respeito, citamos que em qualquer lugar possa haver abuso e consequentemente violências às crianças.

Quando indagamos “Como proteger nossas crianças?” “Qual o papel da Família e da Escola nos enfrentamentos da violência infantil?”, 02 participantes da formação, se posicionaram prontamente. As falas são reproduzidas em interlocução com o pesquisador:

Participante Queila: “- orientar as crianças, né, explicando para elas o que é um abuso...”.

Pesquisador: “- orientando a partir de quando?”

Participante Queila: “- desde sempre”.

Em seguida, outro participante pontua a seguinte consideração:

Participante Marcelo: “- Sim, acompanhar de perto! Não ser um pai tão omissos na vida da criança”.

Após esse momento, o pesquisador se posiciona contextualizando as falas dirigidas aos colegas comparando-as com o resultado apontado no gráfico, quando cerca da metade dos convidados relataram ser na Educação Fundamental II o momento oportuno para se iniciar as temáticas sobre Educação Sexual e Gênero no espaço escolar, isto é, segundo o pesquisador não poderíamos desde a Educação Infantil iniciar atividades que fizessem menção aos cuidados com o corpo, minimizando assim, tendências que resultassem em abusos e violências sexuais?

Consecutivamente, destacamos a abertura para que espaços abertos permitissem com que crianças demonstrassem sentimentos, emoções e fatos do cotidiano. Situações essas que sejam primárias à prevenção e trato de assuntos à violência sexual infantil.

Cuidar das crianças é dever da Família, da Escola, e do Estado.

Algumas origens da violência sexual infantil

Conforme afirma Cunha (2004):

“A crença dos pais de que a punição corporal dos filhos é um método educativo e uma forma de demonstrar amor, zelo e cuidado. Ver a criança e o adolescente como um objeto de sua propriedade e não como um sujeito de direitos. A baixa resistência ao stress do agressor que projeta seu cansaço e problemas pessoais nos filhos e demais dependentes. O uso indevido de drogas. Abuso de álcool. Pais que quando crianças foram vítimas de violência doméstica e que reproduzem nos filhos o mesmo quadro vitimizador. Fanatismo religioso. Problemas psicológicos e psiquiátricos” (p. 37).

O objetivo da leitura e explicação do slide acima foi salientar nos dizeres de Cunha (2004) algumas das inúmeras origens da violência sexual infantil, ao se perceber que, segundo a literatura utilizada, o eixo norteador dos problemas gerais esteja voltado ao agressor, comumente também vítima de questões psicológicas e/ou psiquiátricas.

Prevenção à violência sexual infantil

A ludicidade na Infância

Vídeo: **Canal Visão Mundial**

11min31

- 1. Cuidado com a raposa: é possível prevenir
- 2. Meu corpo é meu tesouro
- 3. O valor de pedir ajuda



Pela mídia “Canal Visão Mundial” podemos identificar e transmitir conceitos e informações que sejam necessários à prevenção da violência sexual infantil. O vídeo que foi elaborado por uma sucessão de 03 curtos ensaios temáticos lúdicos aborda respectivamente os seguintes conteúdos: “Cuidado com a raposa: é possível prevenir”; “Meu corpo é meu tesouro”; “O valor de pedir ajuda”.

Prevenção à violência sexual infantil

A ludicidade na Infância

Vídeo: **Vídeo alerta sobre a importância do combate à violência sexual infantil**

2min55



O instrumento pôde ser utilizado enquanto recurso que ratificasse à prevenção, entendendo que o alerta transmitido pelos depoimentos tivessem força de demonstrar a importância quanto ao combate.



E para finalizar os conteúdos, trouxemos 02 figuras que representassem a presença massiva e consecutória do abuso e da violência sexual infantil: diga não à violência sexual contra crianças e adolescentes, e, a imagem da criança pelo comportamento frente ao problema discutido.

Referências

CUNHA, M. L. C. Módulo I do Curso de Capacitação: **Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes na Modalidade Violência Física**. Curitiba: CECOVI Centro de Combate à Violência Infantil, UNICEF, 2004.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: como ensinar no espaço da escola. In: M. N. D. Figueiró (Org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL. 2009.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes. 1997.

Prevenção à violência sexual. Canal Visão Mundial – Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VEI-fotjpYg&t=4s>. 2016. Acesso em: 08 de Abril de 2019.

Vídeo alerta sobre a importância do combate à violência sexual infantil. Canal Semas Castanhal – Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oO6gJ56JLDk&t=87s>. 2013. Acesso em: 08 de Abril de 2019.

Referências utilizadas para o 4º encontro formativo.



Foto 9: Contextualização de resultado (Questionário); acervo do pesquisador, 2019



Foto 10: Participante respondendo ao impresso; acervo do pesquisador, 2019

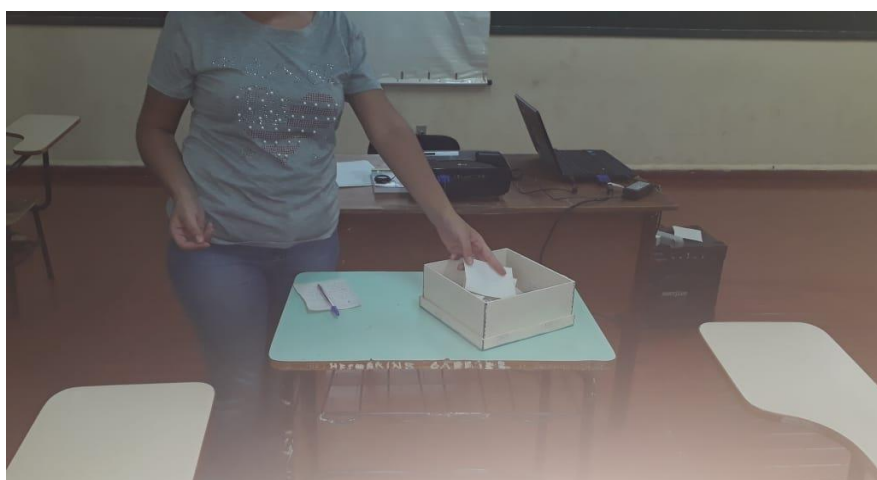


Foto 11: Participante respondendo ao impresso; acervo do pesquisador, 2019



Foto 12: Participantes assistindo ao vídeo; acervo do pesquisador, 2019

4.1.1.5 Encontro 5 – O Projeto “Arco-íris” - Formação Inicial em Educação Sexual e Gênero sob a perspectiva do ser criança: os materiais pedagógicos

A apresentação do Projeto “Arco-íris” enquanto símbolo de representação foi a característica marcante do encontro. Aprofundamos as teorias, especificamente agora nos direcionando ao tratar sobre Gênero na Infância, sendo que, na última seção das atividades propostas, apresentamos os materiais produzidos por pesquisadora integrante ao GEPIFE, tendo em vista que na formação seja imprescindível socializar o conhecimento produzido por nossos pares.



Abertura do 5º encontro.



Exposição e breve explicação das atividades desenvolvidas no 5º encontro.

Título do projeto de formação inicial em
Educação Sexual para graduandos de
Pedagogia



ARCO-ÍRIS

Explicação do título do projeto desenvolvido no contexto da pesquisa-ação. Nesse instante os/as convidados/as puderam associar o porquê do título simbólico “Arco-íris” (Apêndice G) quando se pensamos nas pluralidades e diversidades decorrentes de estudos e pesquisas em Educação Sexual, Sexualidades e Gêneros.

Até o momento, tivemos como foco desenvolver uma postura liberta de preconceitos, e de estigmas, tendo como premissa que a formação de educadores/as requer um olhar pluralizado, engajado no desenvolvimento pleno no ser humano, e aqui para nós do ser humano criança pequena, ou seja, os/as educadores/as no ambiente escolar precisam (re)conhecer seus sujeitos para atuar (estabelecer relações de ensino, relações de convivência social de forma a permitir que as crianças conheçam a si, conheçam aos/às outros/as e saibam lidar melhor seus próprios sentimentos e emoções).

O desenho

- Escolha da temática pelo pesquisador, em função dos objetivos da formação inicial em Educação Sexual para os estudantes de Pedagogia;
- Realizado por uma criança (menino) de 7 anos, que foi responsável pela escolha das cores do arco-íris e pela pintura de acordo com sua criatividade;
- Utilização do desenho enquanto marca do Projeto “Arco-íris”.

Necessariamente optamos após anunciar o título do projeto, por informar a fim de esclarecimentos possíveis algumas características pontuais acerca do desenho que se tornou a marca do projeto. Foram consideradas: autoria pelo tema em função dos objetivos pré-estabelecidos, autoria pela construção do logo (criança responsável pela definição e pintura do arco-íris), e, registro do logo enquanto simbologia marca do projeto para os encontros subsequentes.

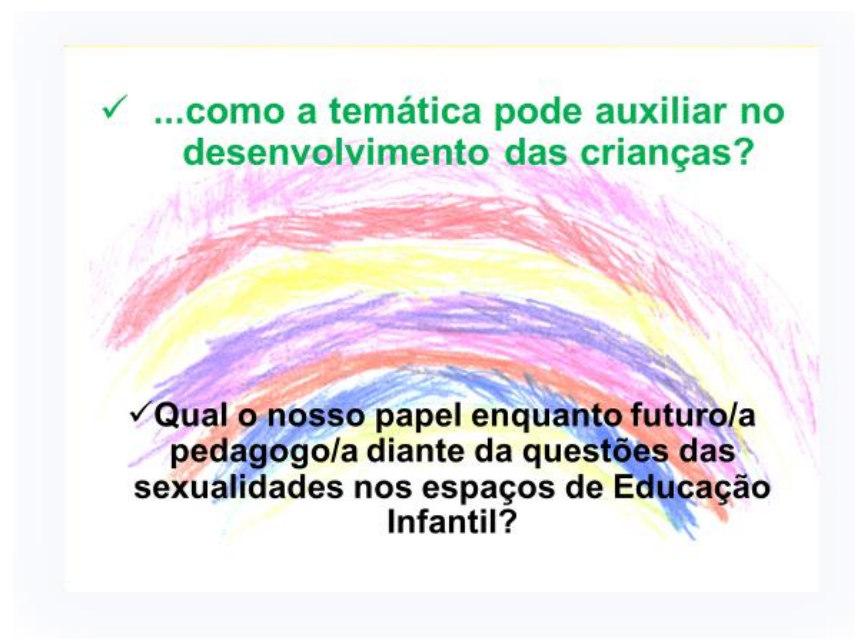


Apresentação de imagem: criança construindo e colorindo o Arco-íris.



Retomado o questionamento sobre a possibilidade de abordagem da temática para crianças na Educação Infantil enquanto uma estruturação palpável e que tenha como pressupostos as questões relativas ao corpo, ao movimento e ao desenvolvimento e crescimento das crianças, ressaltamos que 10 participantes, isto é, cerca da metade do número dos/as convidados/as acreditam ser uma temática que auxilia no desenvolvimento da criança.

Tivemos esse molde como ponto de partida justa e intencionalmente por nos voltarmos às discussões e conceitos formativos do ser criança enquanto constituição sexual e de Gênero nesse encontro.



Quando indagamos “*Como a temática pode auxiliar no desenvolvimento das crianças?*”, temos inicialmente uma análise que remete à ideia de que a criança tem condições de reconhecer o toque vindo principalmente por mãos de adultos. Percebemos a inferência nesse momento que os/as participantes têm ao se voltarem à temática já desenvolvida anteriormente – o toque. Um/a convidado/a nos esclarece que na Educação Infantil, quando trabalhados os aspectos da Educação Sexual, as crianças já poderiam reconhecer e para tanto, diferenciar um toque carinhoso, de um toque intencional para o abuso (maldoso). Outro/a colega refere-se ao conhecimento das crianças já terem condições de diferenciar os órgãos feminino e masculino – ênfase na exposição que demos acerca das crianças reconhecerem seus corpos.

O pesquisador questiona aos/às participantes se eles/elas concordam ou discordam das falas dos/as colegas, e temos então o seguinte posicionamento:

Participante Marcelo: “- eu acho que a princípio quando todo mundo pensou no tema, a maioria, a gente...na cabeça veio só a parte da sexualidade em si por ter achado, como se diz... a gente pensa como é que a mídia e as coisas lidam de um jeito que a gente passa a pensar de outra maneira, mas depois que a gente começou a fazer o curso, a maioria percebeu que [...] desde o começo porque tem essa parte sim, mas eu acho que pouca gente pensou nessa parte aí, porque a criança desde cedo poderia conhecer o corpo”.

Ao discutirmos o segundo ponto que enfatizou o papel do futuro/a pedagogo/a diante das questões das sexualidades nos espaços da Educação Infantil, pontuamos a seguinte colocação:

Participante Queila: “- eu acho que o nosso maior papel é orientar essa criança e os pais dessa criança”. Após breves trocas de informações com os/as colegas, eles/elas chegaram ao consenso de que a orientação é o melhor dos caminhos, pois trabalhar com orientação seria trabalhar com/para prevenção. Destacaram também que a partir da orientação haveria um trabalho voltado à Educação para a Saúde.

E para fechamento das ideias contidas nesse âmbito, um/a convidado/a se posicionou ao mencionar que os pais não compreendem assuntos pertinentes às Sexualidades, nos sugerindo aplicar o Questionário impresso, ao qual responderam aos pais das crianças, pois assim, segundo o depoimento, teríamos os mesmos achados daqueles compilados nessa pesquisa-ação.



Fonte: Lamas, 2017 – ilustração sobre “Gênero na Infância” - adaptada

Pensando nos papéis de Gênero impostos pela sociedade em que vivemos, decidimos projetar uma imagem com viés pelos fortes e tendenciosos padrões sexistas que nos delega os papéis do homem e da mulher na sociedade patriarcal. Ao questionar a representatividade da imagem, obtivemos enquanto resultados apontamentos voltados ao machismo e preconceito (destinado ao Gênero feminino).

O pesquisador propôs que os/as participantes fossem ao quadro negro para escrever o que pudesse naquele momento da aprendizagem representar a imagem. Os termos e orações chaves são descritos, bem como as imagens registradas:

Tabela 11

Considerações – O que representa a imagem?

mulher “do lar”	respeito com as diferenças e obrigações de cada um
homem provedor	igualdade
machismo	liberdade de escolha
preconceito patriarcal	

Fonte: pesquisador, 2019

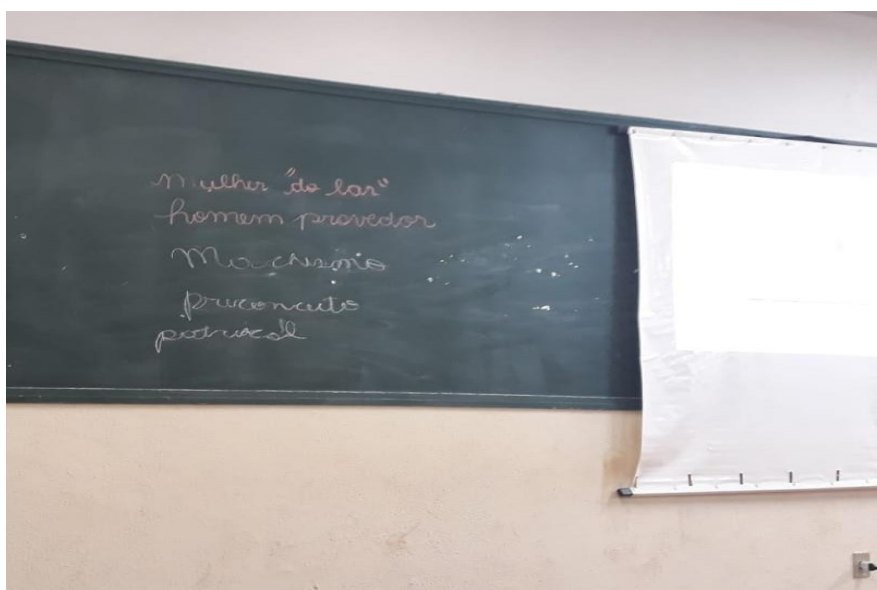


Foto 13: Participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019



Foto 14: Participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019

De modo intencional a provocar a turma a se envolver com a atividade, o pesquisador dispôs de múltiplas cores de giz, em alusão à diversidade; conforme imagem representada a seguir foram dispostos gizes nas cores: branca, amarela, laranja, azul, verde, rosa e roxo.

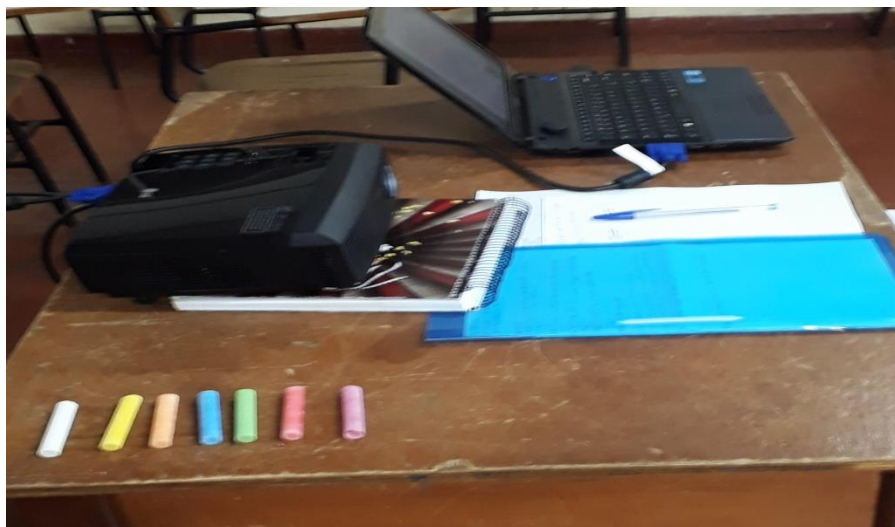


Foto 15: As cores - participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019

O que representa a imagem?



Fonte: Alemann, 2016 – ilustração sobre “Gênero na Infância” – adaptada

Contrariamente, também pôde ser importantíssimo compreender como os/as participantes iriam entender o universo para além dos padrões heteronormativo e sexista, demonstrando a imagem em que o menino brinca com boneca, e a menina com brinquedo

outplace, isto é, com brinquedo que permita desbravar outros espaços senão aqueles que comumente são permitidos – dentro de casa: brincar de casinha, de comidinha, de ser mamãe (e cuidar dos filhinhos).

A essa questão, estendemos o convite a você educador/a, pesquisador/a e leitor/a a se debruçar um pouco mais nas leituras que nos levam ao mundo particular dos Gêneros na perspectiva da Infância quando pensamos na Ludicidade enquanto forma de aprendizagem significativa. Alves e Perez (2019)³ nos permitem analisar o quanto seja salutar que as crianças possam brincar, e brincar pelas próprias escolhas de brinquedos, permitindo que a imaginação das crianças possam alcançar limites superiores daqueles opostos ao brincar sem construção e constituição da criança enquanto ser que brinca, imagina, constrói significados e aprende pelas circunstâncias do ato de brincar.

As análises das atividades resultantes das produções nos permitem presumir que as propostas iniciais podem ser contextualizadas e para além desse sentido, adaptadas às outras esferas quanto a discutir o lúdico em ações do brincar. Kishimoto (2008) considera a existência de 04 tipos de brincadeiras no fazer ludicidade no qual oportunizamos ao transcorrer pelos encontros formativos e interventivos em questão. Brincadeiras educativas, tradicionais, faz de conta, e as brincadeiras de construção. Considera a autora acerca disso:

Ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e desempenho de ações sensório-motoras (físico) e as trocas nas interações (social), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil (Kishimoto, 2008, p. 36).

Bomtempo (2007, p. 68) enfatiza que “o brinquedo aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança. É seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar”.

A pesquisa-ação tomando como referência as teorias de Vygotsky (2007) acerca do papel do brinquedo no desenvolvimento da criança articula que não há meio de desvinculação do brinquedo às situações condicionadas por regras. Acredita o autor que os significados representam um intenso e prematuro sinal de percepção humana que ocorre na vida da criança, e não apenas a percepção de formas e cores. Por estas afirmativas, entendemos que o

³ Os pesquisadores Alves e Perez (2019) analisaram as relações assimétricas que se desdobram nas temáticas de Gênero e Educação Infantil em função da possibilidade de permitir que meninos brinquem e cuidem de bonecas. Capítulo de livro intitulado “*E agora educador/a? O William pegou minha boneca para brincar!*”. Informações detalhadas seguem na obra original: <https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/sexualidade-e-relacoes-de-genero-3>

brincar se faz de modo intencional e que deve estar presente na vida cotidiana das crianças pequenas antes mesmo da idade escolar.

Assim, identificamos por essa constituição do ser criança como um atributo relacionado ao desenvolvimento cognitivo da criança, que gera a partir do brincar e suas regras que o circundam como fonte de desejo. Defende Vygotsky (2007, p. 122) que:

[...]. No brincar, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brincar é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento.

Acreditamos assim, que nossos objetivos vão ao encontro das teorias vigotskianas, na qual dentre outras particularidades definem que o brincar tem função relevante para criança na medida em que ela é livre para criar suas ações.



Fonte: Borges, 2017 – ilustração sobre “Gênero na Infância” - adaptada

Quiz para discussão sobre a utilização das cores, em função dos Gêneros quando pensamos nas crianças. Há cor ideal para as crianças meninos?

Por unanimidade, os sujeitos relataram verbalmente que não há cor ideal para as crianças meninos, sendo que os meninos, de acordo a imagem, podem optar por utilizar a cor rosa.



Aguçando as ideias e revendo as concepções de construções sociais, o pesquisador questionou a ideia contrária: “- E para as meninas, há cor ideal?”

Prontamente começamos a ouvir respostas direcionadas ao “não”, “também não”. E quando indagamos o porquê do “não”, obtivemos consideráveis contextos voltados à livre escolha das cores, ao fato de a cor não representar a identidade da criança, e porque a menina também pode optar por suas cores que sejam além do rosa.

Ressaltamos uma percepção tendenciosa de alguns/algumas participantes ao se manifestarem enfaticamente destacando um ponto de vista pessoal que se opõe a um padrão dito, imposto pela cultura da sociedade. Segundo esse padrão poderia a menina escolher a cor azul e utilizá-la confortavelmente, sem maiores problemas. Contudo, quando se tratar do menino, dificilmente poderá escolher pela cor rosa, pois a sociedade o discrimina e o fere enquanto Gênero que deve optar pelo azul.

Então, partimos para a seguinte questão: “- Quem acha que a sociedade prejudica o menino por usar cor rosa e a menina por usar azul?”

10, do total de 12 participantes ressaltam a ideia do peso diante dos meninos serem “punidos” pela escolha, ao passo que para as meninas a questão é menos relevante.

Temos assim a seguinte ênfase:

Participante Queila: “[...] porque desde que o mundo é mundo, já tem um padrão. Dentro de casa [...] menino não lava louça, ele é **macho** (ênfase na entonação de voz do/a participante). O pai já cria esse padrão dentro de casa: meu filho não pode brincar com essa menina porque senão ele vai virar gay [...]. Já tem esse padrão”.



Fonte: Sanz, 2019 – ilustração sobre “Gênero na Infância” – adaptada

A ideia dessa configuração imagética é que possamos exprimir uma reflexão que nos permita pensarmos na representatividade de como podemos enquanto atuais ou futuros/as educadores/as primar pela educação de nossas crianças – se dentro ou fora dos padrões sexistas e ditos “normais” perante a sociedade que recrimina e determina regras para se estabelecer relações de Gênero para meninos/as.

“Como vamos educar as crianças?”

Sexualidade na Infância e Gênero

Nas afirmações de Ruis e Perez (2017, p. 285) [...] “não se limitam apenas às representações que as associam aos órgãos genitais; elas permeiam o pensamento e o sentimento, estão presentes no corpo, no olhar, no toque, na libido, nas mais diversas formas de relações entre os sujeitos.. Assim, abrangem o corpo como um todo e se manifestam e se constituem no decorrer da vida”.

As autoras citadas exemplificam claramente os conceitos que norteiam a Sexualidade, em especial nos referenciamos ao desenvolvimento infantil. Pelo objetivo de iniciarmos as atividades e teorias voltadas em formação, as quais também se farão por trajetórias com bases às Infâncias, julgamos oportuno sustentar teóricos/as que possam consolidar e materializar nossas ações e ferramentas na pesquisa-ação com alunos/as em formação inicial.

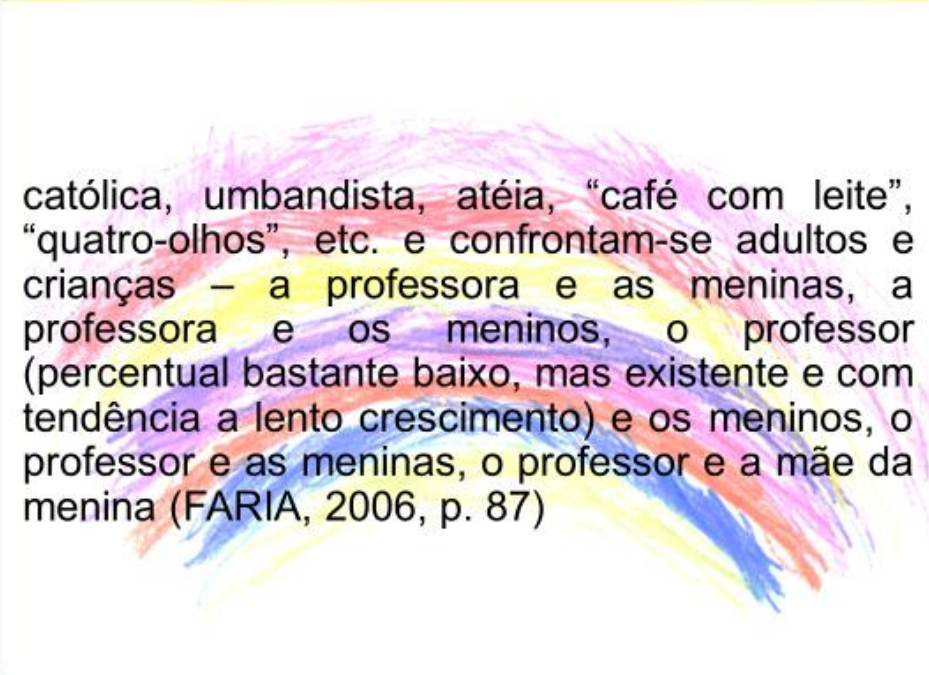
A constituição do ser criança

“As preferências não são meras características oriundas do corpo biológico, são construções sociais e históricas. Portanto, não é mais possível compreender as diferenças entre meninas e meninos com explicações fundadas na teoria do determinismo biológico e seu uso consequente da anatomia e da fisiologia como justificativas para as relações e as identidades de gênero na sociedade moderna” (VIANA, FINCO, 2009, p. 269).

Viana & Finco (2009) consolidam as afirmativas de que não podemos nos apoiar apenas na construção biológica do ser humano, que considera as relações gerais e diferem meninas e meninos pela visão médica. Para tanto, tal constituição deve ter para nós, princípios que estejam para além da percepção biológica, e sim fundadas nas áreas da Filosofia, Psicologia, Antropologia, Sociologia, e por fim que tenha valor nas pesquisas em Educação, especialmente nas formações em Sexualidades e em Educação Sexual.

A constituição do ser criança

(...) neste espaço da sociedade vivemos as mais distintas relações de poder: gênero, classe, idade, étnicas. Desse modo é necessário estudar as relações no contexto educativo da creche e pré-escolas onde confrontam-se adultos – entre eles, professor/a, diretora, cozinheira, guarda, pai, mãe, secretário/a de educação, prefeito/a vereador/a etc. -; confrontam-se crianças, entre elas: menino, menina, mais velha, mais nova, negra, branca, judia, com necessidades especiais, pobre, rica, de classe média,



católica, umbandista, atéia, “café com leite”, “quatro-olhos”, etc. e confrontam-se adultos e crianças – a professora e as meninas, a professora e os meninos, o professor (percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento) e os meninos, o professor e as meninas, o professor e a mãe da menina (FARIA, 2006, p. 87)

Ainda em abordagem ao desenvolvimento do ser criança, tivemos de enfatizar as relações dessa fase no contexto escolar, ao qual derivam múltiplas relações de contatos sociais entre as crianças e os adultos, pensando numa relação que caibam as Famílias, a escola - e os grupos que as compõem.

O desenvolver de nossa intervenção considera a formação inicial docente como algo inerente ao bem-educar e ensinar com respeito, responsabilidade, competência e acima de qualquer suspeita, que dê espaço e atenção às crianças. Tais premissas caminham ao rumo dos ensinamentos conceituados por Kramer (1986, p. 79) ao determinar:

Conceber a criança como o ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também é de valor, ou seja, ela é valorizada de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo também com sua própria inserção nesse contexto.

Faria (2006) nos traz uma particularidade nesse trecho, e que em alguns momentos pontuais foram categorias de produção de análise na pesquisa: as relações de Gênero para o público docente masculino, como informado pela autora “percentual bastante baixo, mas existente e com tendência a lento crescimento”. Percebemos, logo, que por se tratar de relações sociais no trabalho, pudéssemos querer compreender como o professorado em

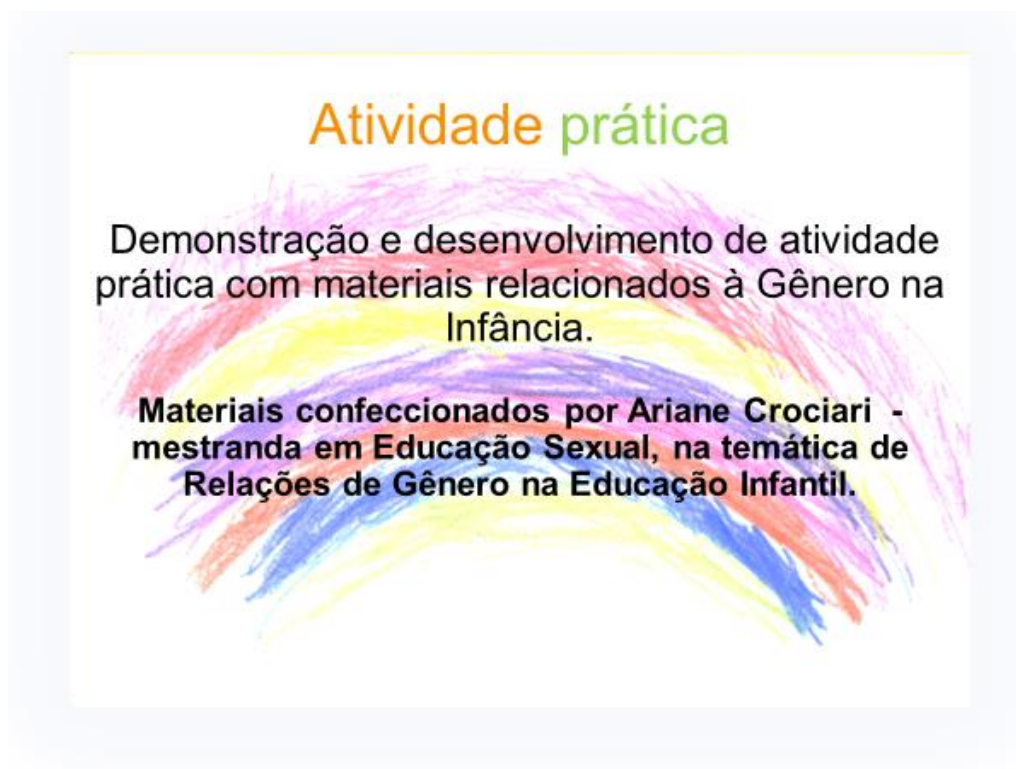
formação conseguiria olhar para um grupo minoritário em atividades – os atuantes do Gênero masculino que exercem atividades pedagógicas e de assistencialismo na e para a Educação Infantil.

Aprendizagem da criança

Em estudos realizados por Ruis (2015) há evidências de que as atividades de brincadeiras realizadas pelas crianças durante os momentos da Infância pré-escolar são necessárias à construção social, emocional, cognitiva e cultural.

A aprendizagem de forma lúdica e intencional, por processos psíquicos torna-se enriquecedora, no sentido de que a criança é um ser em constante transição, capaz e em potencial desenvolvimento humano.

Ruis (2015) em estudos e pesquisas com objetivos de análise em educação, considera a ludicidade como ferramenta de intervir e aprimorar na aprendizagem infantil, tendo como objetivo desenvolver relações de Educação Sexual na Infância a partir de atividades educativas que promovam significados sociais, emocionais e cognitivos, ou seja, há indícios de que os/as educadores/as devam permitir que seus/suas alunos/as se conheçam, e conheçam a si, percebendo relações distintas da natureza humana, que nos tornam seres diferentes uns/umas dos/as outros/as.



Atividade prática demonstrativa pelo pesquisador, tendo como base a execução de pesquisa da Profa. Ariane Crociari, nas temáticas de Educação Sexual e Gênero na Educação Infantil. O pesquisador demonstrou por meio de materiais confeccionados pela pesquisadora Crociari, práticas pedagógicas em contextos para a atuação na Educação das Infâncias, exemplificando objetivos, conceitos e resultados para uma ação necessária, realista e que vá aos encontros dos trabalhos na Educação. Apresentação das imagens:



Foto 16: Apresentação de materiais pedagógicos em Educação Sexual; acervo do pesquisador, 2019



Foto 17: Material pedagógico; acervo do pesquisador, 2019

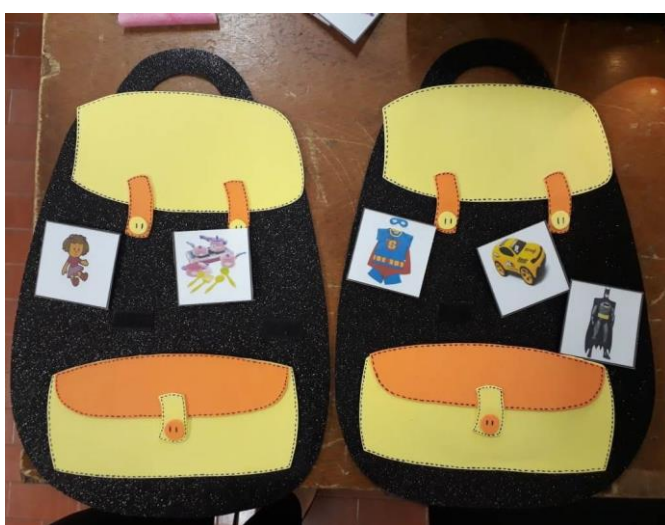


Foto 18: Material pedagógico; acervo do pesquisador, 2019

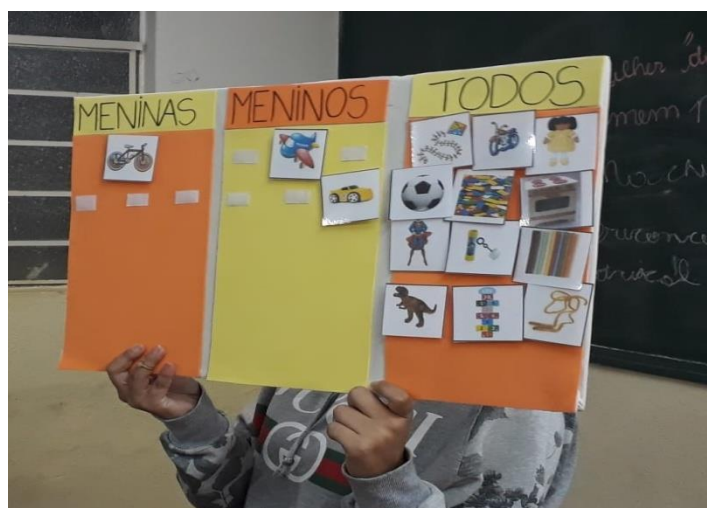


Foto 19: Participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019

Referências

FARIA, A. L. G. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado de arte. **Cadernos Pagu**, Núcleo de Estudos de Gêneros – Pagu/Unicamp, n. 26, p. 279-288, 2006.

RUIS, F. F.; PEREZ, M. C. A. Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil. **Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.**, Araraquara, v. 19, n. 2, p. 283-294, jul./dez. 2017. e-ISSN: 2594-8385.

RUIS, F. F. **Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes**. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2015.

VIANNA, C.; FINCO, D. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, 2009.

Referenciais utilizados no encontro 5.

4.1.1.6 Encontro 6 – Construção de instrumento para a formação docente: o “faz de conta”

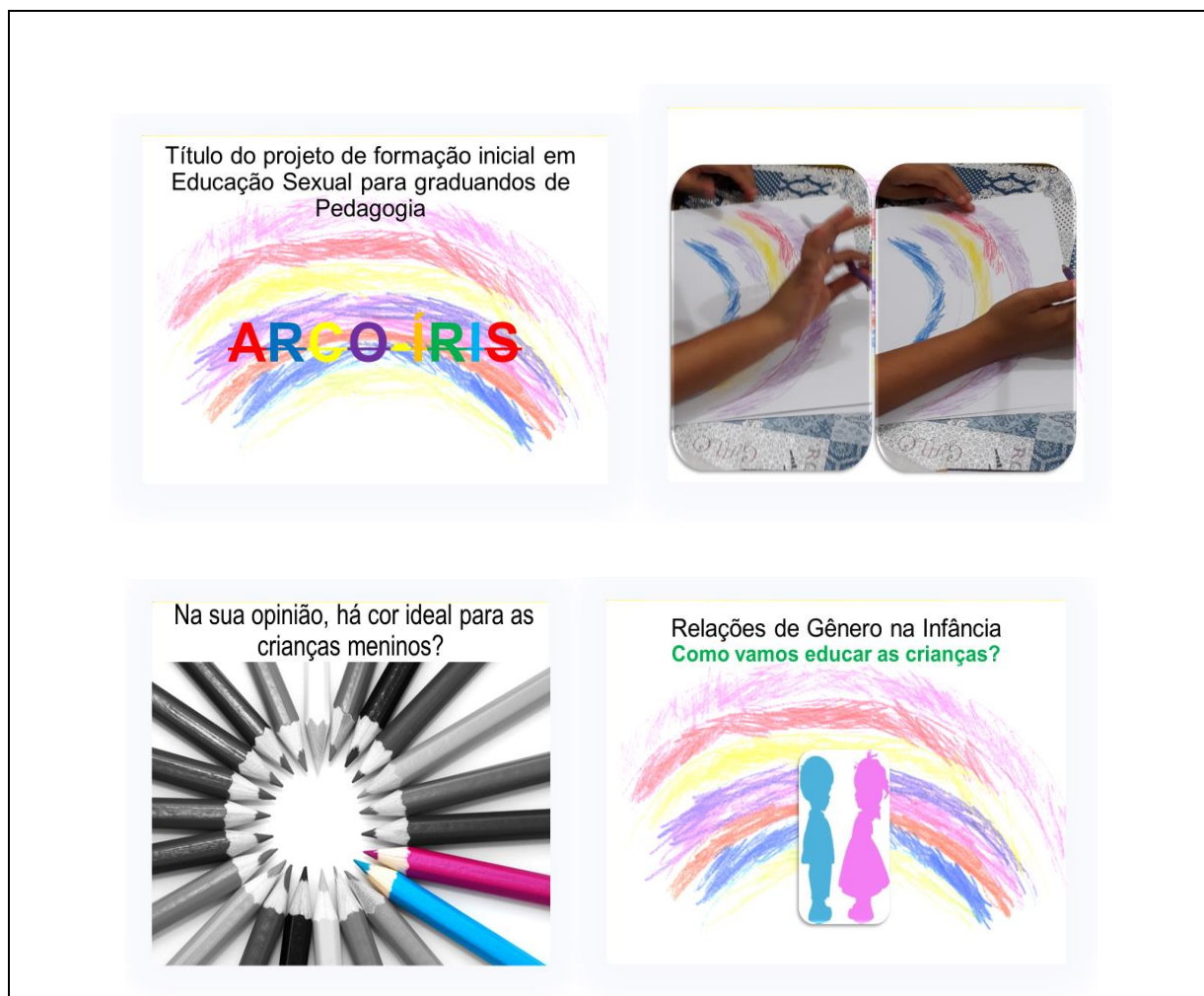
Revimos as explicações do “Arco-íris”, a fim de instigar a pluralidade de informações que os/as educadores/as necessitam reconhecer em suas práxis pedagógicas, quando nos referenciamos ao tratamento dos conteúdos e atividades destinadas à Educação Infantil. A ênfase neste encontro esteve ao desenvolvimento e produção do material “Faz de conta...de volta à barriga da mamãe” – atividade com objetivo de nos tornarmos à situação imaginária de trocar de sexo e assim compreender o universo afetivo e social quando da realização em ser o/a outro/a na perspectiva da Infância.



Slide inicial da formação do 6º encontro



Cronograma das atividades propostas para o encontro 6. Breve retorno aos conceitos discutidos no encontro anterior e desenvolvimento de atividade individual.



Apresentação dos conteúdos revisados enquanto explicação do Projeto “Arco-Íris”. O propósito desse encontro foi poder re(pensarmos) como a questão do Gênero está e esteve presente ao longo de nossa formação básica e também durante as fases e etapas nas nossas Infâncias.

Identidades de Gênero na Infância

“Em cada sociedade, o ser ‘menino’ ou ‘menina’, é transmitido às crianças desde o nascimento pelas práticas culturais estabelecidas num primeiro momento pela família e depois pelas diferentes instâncias sociais como a escola, a igreja, o clube, a mídia. Instituem-se aí, as estereotípias de gênero, reveladoras do tipo de sociedade e cultura em que os sujeitos estão inseridos. Meninos são fortes, jogam bola, usam roupa azul. Meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam roupa rosa, por exemplo (RIBEIRO, SOARES, p. 27, 2013).

Em relação aos aspectos conceituais contemplados, há enfaticamente a percepção de que os objetivos do pesquisador estiveram voltados à sustentação acerca das Identidades de Gênero, sobretudo quando pensamos nas correlações para com as crianças, em que a sociedade, segundo Ribeiro & Soares (2013) citam os estereótipos para os/as meninos/as sob uma ação julgadora em relação aos (des)afetos, estrutura biológica (forças, timbre de voz) e padrões de comportamento.



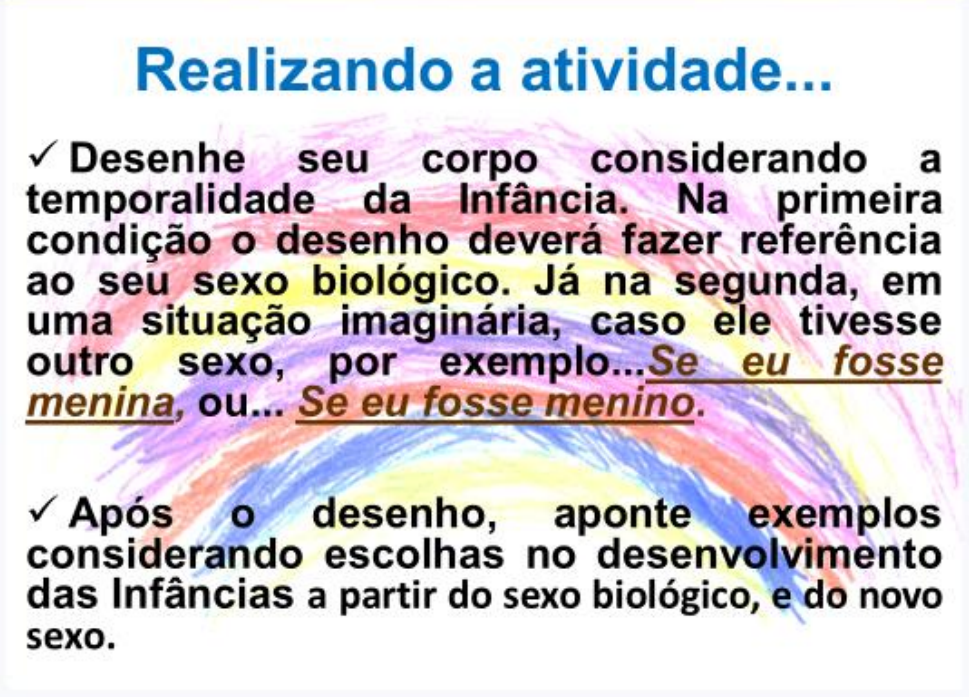
Faz de conta ...de volta à barriga da mamãe*

Você precisa...

Folha de atividade, giz de cera, caneta hidrocor, lápis de cor.

**Atividade adaptada de Bastos et al, 2013.*

Realização da atividade: “Faz de conta ...de volta à barriga da mamãe” – os materiais utilizados.



Realizando a atividade...

- ✓ Desenhe seu corpo considerando a temporalidade da Infância. Na primeira condição o desenho deverá fazer referência ao seu sexo biológico. Já na segunda, em uma situação imaginária, caso ele tivesse outro sexo, por exemplo... Se eu fosse menina, ou... Se eu fosse menino.
- ✓ Após o desenho, aponte exemplos considerando escolhas no desenvolvimento das Infâncias a partir do sexo biológico, e do novo sexo.

Explicação do enunciado em face a atividade a ser desenvolvida:

“Desenhe seu corpo considerando a temporalidade da Infância. Na primeira condição o desenho deverá fazer referência ao seu sexo biológico. Já na segunda, em uma situação imaginária, caso ele tivesse outro sexo, por exemplo...Se eu fosse menina, ou... Se eu fosse menino.”

Após o desenho, cite exemplos considerando escolhas no desenvolvimento das Infâncias a partir do sexo biológico, e do novo sexo”.

Ao projetarmos tal desenvolvimento de atividade, objetivamos verificar e identificar características que, por meio do desenho pudessem fazer menções aos corpos (sejam na situação do sexo biológico, sejam na condição da situação imaginária), nos esclarecendo, ou indicando como pôde ter sido as Infâncias dos/as participantes à pesquisa-ação.




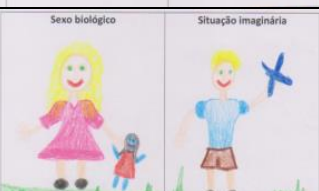






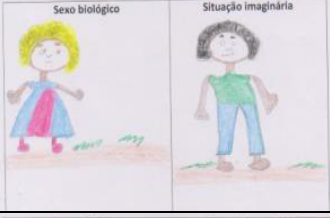




Ainda na função de orientar quanto as atividades, pedimos... “fechem os olhos, e podemos imaginar estar voltando à ‘barriga da mamãe’. Vamos voltar no tempo, passando por várias idades até chegar no período de gestação. Ao nascermos vamos trocar de sexo”.

Assim, os/as participantes o fizeram. O pesquisador entregou a folha de atividades (Apêndice H) e disponibilizou os materiais pertinentes ao desenho e à pintura. Na sequência, consideramos as atividades:

Tabela 12

Desenho do corpo na temporalidade da Infância – sexo biológico X situação imaginária

Identificação fictícia	Período do curso	Sexo biológico	Sexo biológico X Situação imaginária
Ana	1º período	feminino	
Fábio	3º período - IES externa	masculino	
Heloísa	3º período (2ª Graduação - em Pedagogia)	feminino	
Ingrid	1º período	feminino	
Karen	1º período	feminino	
Lúisa	1º período	feminino	
Marcelo	1º período (2ª Graduação - em Pedagogia)	masculino	

Natália	1º período	feminino	
Otávia	1º período	feminino	
Paula	1º período	feminino	
Queila	3º período	feminino	
Talita	1º período	feminino	
Valéria	Informação desconhecida	feminino	

Fonte: pesquisador, 2019

A análise da primeira parte da atividade nos possibilita compreender fatores ligados aos Gêneros masculino e feminino. Observamos pelos desenhos que os sujeitos nessa etapa da formação não desvincularam o sexo biológico quando comparado com o da situação imaginária, isto é, a mesma retratação na temporalidade da Infância a partir de nossas lembranças foram objetivamente sobrepostas quando nos colocamos na situação imaginária.

Assim, as evidências de configuração de cada par de desenhos (as esferas: clima, tamanho e semelhanças quanto à natureza dos corpos, bem como as cores utilizadas em

ambos os desenhos) nos permitem considerar que quando crianças há padrões pré-definidos a nos orientar. Da mesma forma, pudemos analisar pelos retratos que nenhum/a dos/as convidados/as que participaram da atividade ousou, na condição imaginária, se retratar sob outros aspectos biológicos para além daqueles já traçados anteriormente. Vygotsky citado por Oliveira (1992, p. 26-27) anuncia que a natureza simbólica é representada no universo psicológico do indivíduo, pelo processo de mediação, conforme coaduna ao descrever:

[...]. Essa capacidade de lidar com representações que substituem o real é que possibilita que o ser humano faça relações mentais na ausência dos referentes concretos, imagine coisas jamais vivenciadas, faça planos para um tempo futuro, enfim, transcenda o espaço e o tempo presentes, libertando-se dos limites dados pelo mundo fisicamente perceptível [...].

Neste caso, como efeito de comparação percebemos a tendência de que para nos colocarmos no sexo biológico oposto, é necessário seguirmos o padrão a partir do real, ressaltar as mudanças de cores considerando os estereótipos para meninas/os, e mudarmos as vestimentas⁴.

O fato de escolhermos a atividade como um dos referenciais para que pudéssemos analisar os desdobramentos advindos das relações que os/as convidados/as apontassem pelas construções dos desenhos e da subsequente realização em que indicaram a partir do sexo biológico, e na situação imaginária tendo o sexo oposto, sinaliza o quão seja possível que os/as professores/as na Educação Infantil possam a partir dos corpos das crianças, dos discursos e silêncios, das atividades em sala de aula, das relações com os/as responsáveis perceber os desenvolvimentos das crianças (ou comprometimentos destes). Amorim (1994, n. p.) assevera que “para a criança da educação infantil [...] o espaço é o corpo vivido, descoberto e conquistado com suas próprias vivências, sendo esta a referência básica para que ela primeiro localize a si mesma no espaço e depois aos outros”.

Partindo da premissa de que as relações de troca são essenciais na Educação para as Infâncias, e de que cabe ao/à professor/a cuidar e zela pelo educar, o desenho possa singularizar as histórias, desejos e imaginação das crianças pequenas, definimos as assertivas de Leite (2004, p. 64) ao citar que “[...] o desenho seja um dos tantos elementos das culturas

⁴ Alves e Perez (2021) explicitaram algumas possibilidades de análise a partir do desenvolvimento da pesquisa, tendo os achados da atividade do desenho e da posterior seleção da escrita como referencial para dialogar sobre as peculiaridades temáticas de “sexo biológico X situação imaginária”. Texto publicado como “*Análises em Educação Sexual e Gênero na Formação Inicial em Pedagogia*”, disponível na íntegra em: https://semanaacademica.com.br/system/files/artigos/analises_em_educacao_sexual_e_genero_na_formacao_inicial_em_pedagogia.pdf

das crianças; uma de suas tantas formas de expressar-se e fazer-se presente no mundo. Toda experiência vivida deixa, sim, marcas a carne, o imaginário, a subjetividade de cada um”.



Realizando a atividade...

Vamos discutir sobre as mudanças nos seguintes aspectos:

- **Corpo**
- **Brinquedo e Brincadeira**
- **Vestuário**
- **Cor**
- **Profissão**
- **Relação familiar**

• **Como eu me divertiria nas Infâncias?**

E durante o processo formativo em Educação Sexual e Gênero para a atuação do/a pedagogo/a na Educação Infantil, discutimos nessa atividade por uma abordagem voltada nos padrões antissexistas como pôde representar o retorno à Infância pensando no sexo biológico e, em contrapartida, como seria os mesmos aspectos se fosse em uma situação oposta/imaginária quanto ao sexo de nascimento. A análise da produção se segue considerando os achados pelos/as convidados/as em função de ambas condições e características: *brinquedo preferido, brincadeira preferida, tipo de roupa, cor preferida, e profissão (o que vou ser quando crescer?)*:

Tabela 13

Desenvolvimento das Infâncias

	Sexo biológico		Situação imaginária	
Brinquedo preferido	Ana	barraquinha	Ana	pipa
	Fábio	bola, carrinho, vôlei, elástico	Fábio	cozinha, mamãe e filhinha, professora, boneca, salão de beleza, colorir
	Heloísa	banco imobiliário	Heloísa	jogar pião
	Ingrid	ursinhos	Ingrid	bola de basquete
	Karen	boneca	Karen	bola
	Lívia	bonecas, pião	Lívia	pião, bola
	Marcelo	carrinho	Marcelo	corda
	Natália	boneca	Natália	bola
	Otávia	boneca de pano	Otávia	soltar pipa
	Paula	bonecas, bola, bicicleta	Paula	carrinhos, bola
	Queila	bola	Queila	cavalos
	Talita	boneca	Talita	bicicleta
	Valéria	bola	Valéria	pipa
Brincadeira preferida	Ana	esconde-esconde	Ana	jogar bola
	Fábio	jogar futebol, pique-esconde, carrinho, ioiô	Fábio	mamãe e filhinha, elefantinho de cor
	Heloísa	brincar de alerta	Heloísa	jogar futebol
	Ingrid	pique-esconde	Ingrid	pique-esconde
	Karen	fazendinha na terra	Karen	fazendinha na terra
	Lívia	pique-esconde, bolinha de gude	Lívia	bola, pique-esconde
	Marcelo	carrinho	Marcelo	pular corda
	Natália	casinha	Natália	bombeiro
	Otávia	roda-roda	Otávia	futebol
	Paula	vôlei, futebol,		

		amarelinha	Paula	futebol
	Queila	pega-pega	Queila	policial
	Talita	pique, pega-pega	Talita	carrinho de roleman
	Valéria	jogar bola na rua	Valéria	soltar pipa
Tipo de roupa	Ana	calça	Ana	calça
	Fábio	shorts, bermuda, tênis, calça, botina	Fábio	vestidinho, sandalinha, laço, sainha
	Heloísa	blusa e shorts	Heloísa	camiseta e shorts
	Ingrid	vestidos, conjuntinhos	Ingrid	conjuntos, bermudas
	Karen	saia	Karen	boné
	Lívia	qualquer uma	Lívia	shorts e camisa
	Marcelo	short, camiseta	Marcelo	vestido
	Natália	vestido, shorts	Natália	shorts, calças
	Otávia	shorts, vestido	Otávia	shorts, camiseta
	Paula	bermuda, shorts, calça	Paula	shorts, calça
	Queila	saias longas	Queila	roupa de militar camuflada
	Talita	conjunto de saia	Talita	bermuda com camiseta
Valéria	vestido	Valéria	bermuda e camiseta	
Cor preferida	Ana	preta	Ana	preta
	Fábio	azul, verde, amarela, vermelha	Fábio	rosa, roxo, lilás
	Heloísa	todas	Heloísa	azul, verde
	Ingrid	verde	Ingrid	verde
	Karen	preta	Karen	preta
	Lívia	azul e preta	Lívia	qualquer uma, incluindo a azul
	Marcelo	laranja	Marcelo	laranja
	Natália	azul, vermelho	Natália	azul, vermelho
	Otávia	amarela	Otávia	marrom

	Paula	azul, amarela, verde	Paula	verde, azul
	Queila	verde	Queila	branco
	Talita	salmão	Talita	branca
	Valéria	azul e preta	Valéria	azul
Profissão (o que vou ser quando crescer?)	Ana	Biólogo marinho	Ana	Biólogo da terra ou marinho
	Fábio	Famoso	Fábio	Modelo, Atriz
	Heloísa	Administradora	Heloísa	Atleta
	Ingrid	Professora	Ingrid	Professor
	Karen	Professora/Pedagoga	Karen	Professor de Educação Física
	Lívia	Professora	Lívia	Professor
	Marcelo	Médico	Marcelo	Enfermeira
	Natália	Professora ou Modelo	Natália	Bombeiro
	Otávia	Policial	Otávia	Jogador de futebol
	Paula	Médica	Paula	Jogador de futebol
	Queila	Médica Pediatra	Queila	Médico da Marinha
	Talita	Diretora de escola	Talita	Proprietário de empresa
	Valéria	Polícia civil	Valéria	Polícia militar
Pessoa mais presente nas relações familiares	Ana	avó e mãe	Ana	avó e avô
	Fábio	mamãe, vovó, titia, titio, primos, irmãos	Fábio	papai, vovô, vovó, tios, tias, mãe
	Heloísa	minha mãe	Heloísa	pai
	Ingrid	pai, mãe, irmãs	Ingrid	pai, mãe, irmãs
	Karen	mãe	Karen	mãe
	Lívia	pai, mãe, irmãos	Lívia	pai, mãe, irmãos
	Marcelo	mãe	Marcelo	mãe
	Natália	mãe e irmãos	Natália	mãe e irmãos
	Otávia	pai e mãe	Otávia	pai e mãe
	Paula	mãe, pai	Paula	mãe, pai

	Queila	irmãos		Queila	pais se pudessem
	Talita	mãe		Talita	irmãos
	Valéria	avó e avô		Valéria	avó e avô

Fonte: pesquisador, 2019

Ao analisarmos as produções de “Desenvolvimento das Infâncias” inferimos algumas observações quanto às temáticas postas para exemplos na condição do real sexo biológico *versus* situação do sexo na perspectiva imaginária. Assim sendo, discutimos as categorias que mais se sebreassáram. Partimos então para um referencial teórico vigotskiano que pudesse elucidar o contexto situacional posto e vivenciado à luz da formação inicial em Pedagogia.

Tratamos de pormenorizar a formação de professores/as, especialmente aquela destinada às crianças pequenas que circundam pelos espaços da Educação Infantil, tendo como arcabouço para estruturar nossos fundamentos a Psicologia Histórico-Cultural pela representação de Vygotsky, ao qual “[...] tem como um de seus pressupostos básicos a idéia de que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social” (Oliveira, 1992, p.24). Corroborando Rego (2013, p. 60-61) ao suscitar que “[...] para Vygotsky, o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas mais sofisticadas emergem da vida social”.

A esse propósito, enquanto objetivos da pesquisa realçamos que nos oportunizam os processos de desenvolvimento cultural da criança, teorizado pelo estudioso, ao qual define:

[...] a criança atravessa determinados estágios de desenvolvimento cultural, cada um dos quais se caracterizando pelos diferentes modos pelos quais a criança se relaciona com o mundo exterior; pelo modo diferente de usar os objetos; por formas diferentes de invenção e diferentes técnicas culturais, seja isso algum tipo de sistema elaborado no correr do processo cultural, seja uma técnica inventada no curso do crescimento da adaptação da personalidade (Vygotsky, 1996, p. 214).

Explica ainda Vygotsky (1996) que acerca do desenvolvimento cultural, o início é demarcado pela utilização inata das funções primitivas, chegando a estágios superiores, e, por conseguinte mais complexos, estágios estes aos quais torna-se responsável pela transformação evolutiva do desenvolvimento de funções específicas. Nessa busca por novas aprendizagens em interação com o meio social em que o sujeito e especificamente se encontra a criança, ressalta-se o autor que:

Desse modo, os processos neuropsicológicos, enquanto se desenvolvem e se transformam, começam a construir-se segundo um sistema inteiramente novo. De processos naturais, transformam-se em processos complexos, constituídos como resultado de uma influência cultural e como efeito de uma série de condições - antes de mais nada, como resultado de interação ativa com o meio ambiente (Vygotsky, 1996, p. 219).

Como ficam as características femininas e masculinas naturalizadas na sociedade?

→ menino não chora, não usa a cor de rosa, e a educação deve prepará-lo à supremacia do poder.

→ menina não joga futebol, usa cabelo comprido, e deve ser educada para aprender a desempenhar as atividades domésticas.

Não poderíamos nesse contexto, deixar de afirmar que buscamos esclarecer as relações e hierarquias de Gênero tendo veementemente as crianças da Educação Infantil como protagonistas na elucidação dessas relações sociais. Concernente a essa visão, destacamos, e refutamos um constructo social arraigado pela cultura e, assim, inserido e naturalizado também nos espaços escolares de que “menino não chora, não usa a cor rosa, e a educação deve prepará-lo à supremacia do poder”, e contrariamente de que “menina não joga futebol, usa cabelo comprido, e deve ser educada para aprender a desempenhar as atividades domésticas”.

Nós, educadores, em casa, nos contextos educacionais, profissionais e acadêmicos, devemos compreender que as crianças precisam crescer e se desenvolverem sobretudo libertas de preconceitos, de pré-julgamentos e de modelos que as tornem menos ou mais inferiores ou superiores umas as outras. Discutirmos a tal propósito que crianças choram, podem usar inúmeras cores de roupas e de objetos, tem sentimentos e afetos independentemente do Gênero/sexo e/ou da identidade.

Faz de conta ...de volta à barriga da mamãe*

Objetivo: discutir características sociais e culturais atribuídas aos gêneros, problematizando que as masculinidades e as feminilidades não são apenas produtos das características biológicas, mas são também produções sócio-históricas e culturais.

Você precisa...

Folha de atividade, giz de cera, caneta hidrocor, lápis de cor.

**Atividade adaptada de Bastos et al, 2013.*

Ao final da atividade após a entrega da folha, o pesquisador pôde salientar o objetivo geral, e realizar uma breve discussão acerca da avaliação da mesma pelos/as convidados/as.

Há possibilidade de adaptar essa atividade para fins de **desenvolvimento** da **aprendizagem** para com as **crianças** na **Educação Infantil?**

Questionamento para uma breve reflexão. Segundo indagação direcionada aos/às participantes, é possível adaptar a atividade para fins de aprendizagens junto às crianças na Educação Infantil, utilizando-se de práticas que estimulem o início do autoconhecimento, o conhecimento do mundo ao nosso redor e das nossas relações familiares.

Assumimos um posicionamento favoravelmente às afirmativas da turma ao ratificar a possibilidade de adaptação da prática junto às crianças, pretendemos com a indagação que os/as participantes percebam inúmeras possibilidades ao se (re)pensar práticas pedagógicas do universo “faz de conta”, que faça sentido para as aprendizagens das crianças pequenas. Gonçalves (2002) exprime a assertiva de que as expressões norteadas pelas crianças no “faz de conta” são reflexos das questões vivenciadas em seus mundos reais. A autora acrescenta ainda “[...] trata-se de uma forma de descontextualizar os elementos mediadores que até então as crianças tinham trabalhado. Estes são tirados da situação real e transpostos para a situação imaginária, cuja características é a submissão da realidade à ação da criança” (p. 83).

Referências




BASTOS, C. S.; RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. P.; SILVA, F. F. Faz de conta...de volta à barriga da mamãe. In: RIBEIRO, P. R. C. **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais).

RIBEIRO, P. R. C.; SOARES, G. F. As identidades de Gênero. In: RIBEIRO, P. R. C. **Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais).

Referências utilizadas para embasar as atividades teórico-práticas do 5º encontro.

4.1.1.7 Encontro 7 – Mostra de pesquisa no município: “Projeto Pequenos Passos”




O encontro de número 7 foi pensado, estruturado e desenvolvido no intuito de convidar uma parceira e pesquisadora integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização – GEPIFE, ao qual desenvolveu suas pesquisas com abordagem nas temáticas de Infância, Gênero e Educação Infantil, destinadas ao grupo de professores/as que atuam na rede em município do interior paulista.

<p>Infância, Gênero e Educação Infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores</p> <p>Projeto: “Pequenos Passos”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mestranda: Vanessa Cristina Sossai Camilo • Orientadora: Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez • UNESP 2018 - Educação Sexual  	<p>Objetivo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar ações de estudo e escuta entre educadores na área da Educação Sexual; • O projeto foi aplicado no ano de 2018 durante os meses de agosto, outubro, novembro e dezembro. 
Apresentação do Projeto da palestrante	Objetivos em relação as ações

Slides iniciais acerca do Projeto “Pequenos Passos”, de autoria da Profa. Vanessa Cristina Sossai Camilo, em que a convidada se apresenta enquanto formação e atuação profissional, e aponta seu projeto de pesquisa frente as relações de Gênero na Infância numa perspectiva de atuação para educadores/as em formação continuada.



Imagens que fizeram parte ao encontro formativo final da pesquisadora convidada, em que podemos observar as lembrancinhas como forma de agradecimento e encerramento do curso, alguns dos materiais utilizados para a execução da pesquisa, assim como também os certificados entregues aos/às participantes.

 <h3 style="text-align: center;">Atividade 1</h3> <ul style="list-style-type: none"> • LIVRO: Menina bonita do laço de fita – MACHADO, Ana Maria • LUVAS PEDAGÓGICAS <p>• Objetivo: utilizando-se da história, realizar abordagem em relação ao Gênero e suas representações sociais, mostrando para a criança as diversas raças e a necessidade de respeito para com cada uma delas; levantar com as crianças essas diferenças existente entre eles mesmos na sala de aula, colocando o ambiente escolar como mediador de respeito e educação.</p> <p>• Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • livro; • luva de lã; • personagens em EVA. 	<h3 style="text-align: center;">Atividade 2</h3> <ul style="list-style-type: none"> • LIVRO: menino Brinca de Boneca? – RIBEIRO, Marcos • HISTÓRIA NA LATA <p>• Objetivo: discutir as representações de Gênero, demonstrando o uso de certos objetos como feminino e masculino, e que essas representações socioculturais devem ser deixadas de lado ao se trabalhar na Educação Infantil, desmistificando essas representações com as crianças será fundamental para um posicionamento de respeito, livre de preconceitos, sendo a escola norteadora desse posicionamento, desconstruindo tabus e preconceitos sexistas.</p> <p>• Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • livro; • lata para guardar personagens da história; • personagens em EVA; • cola quente; 
---	---

<div data-bbox="172 338 363 674" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="496 300 632 338" data-label="Section-Header"> <h3>Atividade 3</h3> </div> <ul data-bbox="405 398 791 748" style="list-style-type: none"> • LIVRO: 10 Atividades Musicais para Educação Infantil - RUFINO, Éliton (Prof.) • MÚSICA: o meu amigo eu vou respeitar • Objetivo: demonstrar valores e respeito por meio da música e o contato entre as crianças, permitindo que a música por questões de comportamentos ao se conviver em grupos, seja um instrumento pedagógico e educativo; • Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • caixa de som; • música. 	<div data-bbox="1123 241 1235 280" data-label="Section-Header"> <h3>Atividade 4</h3> </div> <ul data-bbox="1018 315 1337 748" style="list-style-type: none"> • MÚSICA: Como é bom ser diferente - Turminha do Tio Marcelo https://www.youtube.com/watch?v=6JRabhhprks&start_radio=1&list=RD6JRabhhprks • Objetivo: demonstrar para criança, mediante todas as representações socioculturais que mesmo sendo diferentes somos iguais, trabalhando com a criança o respeito, diferenças étnico-raciais, crenças e valores. • Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • computador; • retroprojektor; • música; • caixa de som. <div data-bbox="820 383 1002 680" data-label="Image"> </div>
---	---

As atividades descritas acima foram selecionadas como parte integrante na pesquisa da convidada palestrante. Face a isto, ela aplicou as atividades utilizando-se de instrumentos para coletar e analisar os materiais. Assim, em outrora, pôde trazer suas experiências enquanto pesquisadora, contribuindo com as práticas aplicadas anteriormente em nosso contexto de pesquisa em formação inicial com estudantes de Pedagogia.

O percurso da pesquisa esteve pautado para fins de desenvolver ações embasadas nas relações quanto aos Gêneros e suas representações sociais, demonstrando para as crianças da Educação Infantil atitudes e ensinamentos de respeito e sobretudo de educação.

Nesses pressupostos, a pesquisadora traz referenciais que confirmam e instigam nossas reflexões, a partir de considerações pertinentes ao desenvolvimento da criatividade quanto ao manuseio do material pedagógico, conteúdos que abarcam conceitos étnicorraciais, respeito à diversidade no contexto da sala de aula (e fora desta), assim como situações-problemas em decorrência da realidade dos novos arranjos familiares das crianças.

Acrescentamos ainda uma trecho do discurso da pesquisadora nos momentos iniciais em que após descrever sua trajetória quanto à formação educacional, experiências profissionais, e relatar suas vivências com a realidade da Educação Sexual no âmbito familiar; destacamos o questionamento:

Pesquisadora: “ – Eu vou contar para vocês a historinha da menina bonita do laço de fita. Quem conhece ela?” (a historinha).

Participante Queila: “ – Eu já ouvi falar porque a gente tá fazendo a Semana Cultural, e o professor falou sobre o livro”.

Por tais apontamentos compreendemos que perante as condições de ensino e extensão na Graduação, foram ofertados ensinamentos no que concerne as discussões sobre respeito às diferenças étnicorraciais.

As imagens ilustrativas das 04 atividades se seguem adiante:



Foto 20: Luvas pedagógicas; acervo do pesquisador, 2019



Foto 21: Atividade utilizando materiais pedagógicos; acervo do pesquisador, 2019



Foto 22: Lata e personagens; acervo do pesquisador, 2019



Foto 23: Atividade utilizando materiais pedagógicos; acervo do pesquisador, 2019



Foto 24: Atividade utilizando música; acervo do pesquisador, 2019

4.1.1.8 Encontro 8 – Construção de instrumento para formação docente: “O que você faria se...” e Autoavaliação

Na noite desse penúltimo encontro formativo, não tivemos enquanto materialidade a projeção de slides, isso devido ao fato de que a proposta para o encontro esteve relacionada ao desenvolvimento de 02 atividades teóricas e individuais, as quais ao analisarmos as produções compreendemos um panorama geral de aspectos observados, desenvolvidos e pós-analisados durante e posterior ao findar das atividades. Num primeiro momento, os/as convidados/as realizaram uma atividade intitulada “O que você faria se...” (Apêndice I), que objetivou através de situações-problemas contemplar argumentos e exemplificações por parte dos/as participantes quando em contextos em que as crianças estivessem em algumas condições de risco no espaço escolar.

Em segundo momento foi aplicado uma Autoavaliação (Apêndice H), com a finalidade de que nós, que nos propomos a levar um curso em formato inédito e com temáticas propulsoras a serem aplicadas com segurança e sistematização para as crianças pequenas, tivéssemos o retorno de como foi para os/as nossos/as futuros/as colegas de profissão receber, aprender e compreender esse universo pleno e diverso em temas e situações para e na Educação das Infâncias.

A atividade trouxe o seguinte enunciado:

Façamos a seguinte atividade:

Vamos fazer uma projeção espaço-temporal na medida em que iremos nos posicionar como um professor iniciante de carreira em um contexto escolar da Educação Infantil, atuante com crianças de 0 a 5 anos de idade em uma rede municipal de ensino. Nesse ambiente de trabalho, *o que você faria se...*

Cada situação-problema, as respectivas considerações e posteriores análises são descritas a seguir:

a) Durante o desenvolvimento de uma atividade educativa com brinquedos, constatasse um menino brincando com boneca.

Identificação fictícia	Considerações do participante
Ana	“Observaria e deixaria a criança continuar a brincar”.
Heloísa	“Como profissional, perguntaria se a criança gosta de brincar de boneca, e o que o brinquedo representa para ela. Iria perguntar e não questionar, pois os brinquedos dos sexos não determinam sua sexualidade”.
Karen	“No meu ver, hoje acho normal. Se fosse antes, acharia complicado abordar”.
Lívia	“Ofereço outro brinquedo. Se ele não quiser, deixo a escolha da criança”.
Marcelo	“Não o repreenderia, e explicaria a importância sim, de brincar com algo que se sintam bem, mesmo que este brinquedo seja em sua maioria usado por meninas”.
Natália	“Deixaria a criança brincar. Sou contra quando a criança é induzida”.
Otávia	“No momento eu iria observar, pois talvez essa criança estava descobrindo o brinquedo, onde em casa talvez ela não iria brincar. Eu explicaria para ela que pode sim brincar de boneca”.
Paula	“Explicaria que não há problema em brincar com bonecas, e tentaria fazer com que os amiguinhos não o repreendessem; deixo brincar”.
Sabrina	“Eu falaria que eles tivessem que brincar, ambos com os mesmos brinquedos”.
Talita	“Eu acharia normal, talvez ele tivesse só curiosidade”.
Valéria	“Deixaria ele continuar brincando, pois acho que os brinquedos podem ser tanto para menino quanto para menina”.

b) Durante o desenvolvimento de uma atividade educativa com brinquedos, constatasse uma menina brincando com carrinho.

Identificação fictícia	Considerações do participante
Ana	“Observaria e deixaria a criança continuar a brincar”.
Heloísa	“Teria a mesma atitude anterior que tive com o menino brincar de boneca”.
Karen	“Depois do curso, acharia mais fácil”.
Lívia	“Da mesma maneira, deixaria ela decidir com o que quer brincar”.
Marcelo	“Incentivaria e apoiaria para a importância de brincar com o brinquedo que se sintam bem, mesmo que este seja em sua maioria preferência de meninos”.
Natália	“Deixaria a menina brincar. Sou contra quando a criança é induzida”.
Otávia	“Também explicaria que pode sim brincar. Mostraria uma atividade que ela entende bem”.
Paula	“Diria que não há problema, e não deixaria o amiguinho o repreender; deixo brincar”.
Sabrina	“Eu deixaria ela brincar, porque ensinaria para ela que tanto faz brincar com carrinho ou boneca”.
Talita	“A mesma coisa – curiosidade. Todas crianças nestas idades são curiosas”.
Valéria	“Deixaria ela continuar a brincadeira”.

c) Percebesse um menino de 5 anos de idade abraçando e beijando a boca de uma menina de 4 anos de idade dentro do banheiro feminino das crianças.

Identificação fictícia	Considerações do participante
Ana	“Chamaria a atenção, conversaria com eles e chamaria os pais para conversar e comunicar o ocorrido”.
Heloísa	“Explicaria que é muito cedo, pois são crianças. Se continuassem acionaria os pais e antes disso passaria para a direção e equipe pedagógica. Na hora falaria para os pais consultarem um psicólogo para entender esse contexto”.
Karen	“Buscaria ajuda com a direção, ou algum profissional”.
Lívia	“Minha reação é adverti-los, pois isso não é comum e nem aceitável”.
Marcelo	“Teria uma conversa apropriada para a idade das crianças, ensinando de forma contrária que estão errados, porém sem o uso de alguma punição”.

Natália	“Relataria à direção, mas antes explicaria para a criança que não era uma atitude correta”.
Otávia	“Conversaria muito bem com eles, e explicaria que não funciona assim”.
Paula	“Tiraria os dois de lá, e tentaria explicar que não pode fazer isso, e procuro ajuda na coordenação da escola (parte psicopedagógica se existir no local), e tento saber o que motivou isso”.
Sabrina	“Eu conversaria com os dois juntos e explicaria que não poderia acontecer aquela situação novamente, porque eles ainda eram crianças”.
Talita	“Falaria, iria conversar com os dois e explicar que aquilo não é legal”.
Valéria	“Tiraria os dois do banheiro. Avisaria a direção para que ela tomasse as medidas cabíveis para a ocasião”.

d) Percebesse sinais de violência física numa criança de 3 anos de idade.

Identificação fictícia	Considerações do participante
Ana	“Conversaria com a direção. Chamaria os pais e o Conselho Tutelar para conversarmos sobre o assunto”.
Heloísa	“Comunicaria à direção. Em seguida, o Conselho Tutelar para tomar as devidas providências”.
Karen	“Nesse caso seria um pouco mais complicado, pois isso mexe bastante comigo, mas procuraria ajuda”.
Lívia	“Comunico a escola e me disponho para ajudar ao que precisar para ajudar essa criança”.
Marcelo	“Tentaria obter alguma maneira de ajudar a criança, mas antes de tudo levar o assunto para os superiores para devidas medidas cabíveis”.
Natália	“Chamaria a diretora, mostraria os sinais, faria um registro e conversaria com a criança para colher maiores informações”.
Otávia	“Conversaria com a direção da escola; com a criança; depois com os pais para resolver”.
Paula	“Acionaria a direção da escola e o Conselho Tutelar”.
Sabrina	“Primeiramente chamaria o Conselho Tutelar, a Polícia; e depois acompanharia o desenvolvimento dessa criança durante as aulas, para ver seu comportamento”.
Talita	“Conversaria com a criança. Tentaria entender e chamar os pais ou responsáveis”.
Valéria	“Avisaria a direção para acionar o Conselho Tutelar para tomar as devidas providências”.

e) Tivesse como colega de trabalho um profissional do gênero masculino que fosse alvo de represálias e preconceitos pelas Famílias das crianças, bem como também da própria equipe pedagógica da unidade escolar.

Identificação fictícia	Considerações do participante
Ana	“Comunicaria a Secretaria da Educação, e daria apoio ao profissional”.
Heloísa	“Daria todo apoio para esse colega de trabalho”.
Karen	“Ficaria ao lado dele, e tentaria ajudar o que fosse possível”.
Lívia	“Não aceitaria o preconceito, e apoiaria o meu colega de maneira que falaria com as Famílias que não tem nada o trabalho e a vida particular, pois ele estudou e teve formação para o que faz”.
Marcelo	“Tentaria ajudar, ou o que estivesse ao meu alcance, pois para que as coisas mudassem realmente há necessidade que ele também queira mudar esta realidade”.
Natália	“Eu me aproximaria dele e seria amiga. Posso não concordar, mas respeito o direito de escolha do meu próximo; assim como respeitam o meu”.
Otávia	“Ajudaria ele a enfrentar isso juntos”.
Paula	“Tento convencê-lo do contrário”.
Sabrina	“Eu conversaria com a direção para marcar uma reunião com os pais dos alunos; e explicaria para os pais que isso era preconceito”.
Talita	“Eu não iria dar as costas, iria ser amiga para o que der e vier; e se possível conversar com outros professores, falando que isso é preconceito”.
Valéria	“Trataria com respeito, sem nenhum preconceito”.

f) Tivesse que elaborar um plano de aula a partir de um contexto inclusivo e representativo ao desenvolvimento de atividades educativas com respeito às diversidades e pluralidades socioculturais das sexualidades na e para as Infâncias, mas que, por sua trajetória encontrasse situações complexas como: dificuldades em lidar com as temáticas mediante receio das Famílias das crianças; falta de recursos e materiais na escola; e, falta de conhecimento técnico e científico na área.

Identificação fictícia	Considerações do participante
Ana	“Primeiro buscaria o máximo de conhecimento sobre a aula que eu planejei. Depois tentaria o máximo de contato com os familiares para que eles também tenham uma visão aberta”.
Heloísa	“Buscaria parcerias com Famílias, profissionais da saúde, educação, psicólogos e principalmente das Famílias; e tentar conciliar essas opiniões

	diversas e tentar entrar em um acordo para ambos, pois só assim as crianças vão poder ser acolhidas e aprender com qualidade”.
Karen	“Na minha opinião acho que essas dificuldades, buscaria um curso como esse que a gente teve”.
Lívia	“Buscaria meios de elaborar brincadeiras de maneira que transmitissem aos meus alunos a importância do conhecimento de tal assunto. Procuraria na Internet, etc. (Um exemplo: a luva pedagógica)”.
Marcelo	“Buscaria informações com alguém mais capacitado, ou por meio que possam tornar isto possível, para desta forma ter de forma simples que seja, conhecimento para compartilhar”.
Natália	“Eu procuraria pesquisar e trazer um jeito lúdico, para que a criança pudesse compreender e amar o seu amiguinho, pois somos todos iguais, e temos a capacidade de amar, respeitando, pois, as escolhas não nos definem. Quando compreendemos as coisas, aprendemos a amar”.
Otávia	“Procuraria ajuda com algumas pessoas para buscar ideias”.
Paula	“Tentaria usar materiais que existem na escola; trabalharia uma dinâmica em grupo, ou até mesmo um teatro”.
Sabrina	“Eu procuraria um lugar que eu pudesse ensinar os alunos, já que na escola não teria como”.
Talita	“Eu iria estudar com bastante cuidado para não chocar as crianças e as Famílias, e com muito cuidado tentaria explicar”.
Valéria	“Planejaria uma aula com músicas, danças, brincadeiras, histórias com a interação de todas as crianças”.

Percebemos que, pela análise nas duas primeiras situações (a, b), os/as participantes se posicionaram de modo a permitir o contato da criança com os brinquedos boneca e carrinho, independentemente dos Gêneros. Essa atitude de não cessar as aprendizagens dos/as meninos/as articula-se como favorável quando analisamos o contexto que discutimos ao longo da pesquisa-ação – os brinquedos são materiais físicos que se configuram na projeção do fazer brincar e aprender. A imaginação fica a cargo das potencialidades que permitimos ou coibimos às crianças. Um dos sujeitos faz referência de como lidar na condição da proposta após a abordagem e desenvolvimento das ações realizadas na intervenção, ao mencionar que “no meu ver, hoje acho normal. Se fosse antes, acharia complicado”, e “depois do curso, acharia mais fácil”.

Quando criamos uma situação em que uma criança menino com pouca diferença de idade de uma menina abraça e a beija dentro do banheiro feminino de crianças e, noutro caso ao tocarmos na temática de constatação da violência em criança pequena, na oportunidade de

atuação como professor/a de Educação Infantil, registramos para os questionamentos ideias que se remetem a defender e proteger a criança, objetivando a preservação da vida e desenvolvimento integral. Comportamentos como: conversar, explicar, ensinar buscar ajuda, advertir, comunicar à direção, acionar ao Conselho Tutelar, comunicar à direção, e assistir à criança nas atividades educacionais, foram marcantes no tocante ao zelar e cuidar pela criança. Enfatizamos nessa duplicidade de questões que os/as participantes se colocam na condição de auxiliar na prestação e atenção à criança, mesmo com o sentimento de temer, registramos o posicionamento: “nesse caso seria um pouco mais complicado, pois isso mexe bastante comigo, mas procuraria ajuda”; e no intuito assistivo enfatizamos: “primeiramente chamaria o Conselho Tutelar, a Polícia; e depois acompanharia o desenvolvimento dessa criança durante as aulas, para ver seu comportamento”.

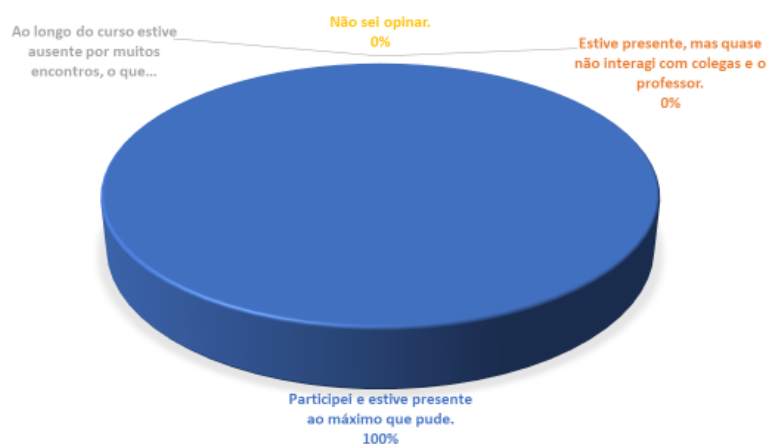
Discutir as atividades desempenhadas pelo profissional masculino em detrimento do preconceito e dificuldades que poderiam ter de enfrentar na equipe escolar e junto à comunidade externa, especialmente para com as Famílias das crianças – esse contexto pôde ser exemplificado seguidamente nos casos “o que você faria se...”. Os sujeitos enfrentam a situação tomando posições de empatia pelo colega de trabalho, e parcerias com vistas à solidariedade, amizade, companheirismo e engajamento pela equipe de trabalho são recorrentes. Evidenciamos bravamente uma marca de respeito ao outro, mesmo compreendendo pela não afirmativa de que o profissional pelo exercício tivesse como orientação sexual a homossexualidade, um/a participante supôs a consideração, e mesmo assim estaria numa condição próxima, ao relatar “eu me aproximaria dele e seria amiga. Posso não concordar, mas respeito o direito de escolha do meu próximo; assim como respeitam o meu”.

E por fim, quando propomos um *case* em que amarras recorrentes do contexto laboral como falta de recursos materiais, falta de aproximação junto às Famílias das crianças, e despreparo ou falta de conhecimento para lidar com assuntos marcantes à Educação Sexual, imperam nas relações do cotidiano escolar, obtivemos afirmativas que se destinam a buscar recursos, formações, iniciativas de capacitação e de intervenção. A intenção de que a criança nesse contexto seja a protagonista no que tange o aprendizado mediado por competências, fica marcado nas expressões evidentes: “eu procuraria pesquisar e trazer um jeito lúdico, para que a criança pudesse compreender e amar o seu amiguinho, pois somos todos iguais, e temos a capacidade de amar, respeitando, pois, as escolhas não nos definem. Quando compreendemos as coisas, aprendemos a amar” – destaque para a “ludicidade”, questão discutida em conteúdos específicos da intervenção. A luva pedagógica também foi

relembrada como material de apoio ao desenvolvimento da aprendizagem. E para finalizar ressaltamos a valorização de atividades interventivas, que possam agregar ações pautadas nas aprendizagens dos/as educadores/as e professores/as da Educação Infantil, conforme menção: “Na minha opinião acho que essas dificuldades, buscaria um curso como esse que a gente teve”.

Quanto a Autoavaliação, decidimos a *posteriori* não discutir a análise dos materiais obtidos, a fim de não criar julgamentos. Cabem tal avaliação aos/às participantes da pesquisa. Assim, cedemos a oportunidade de que eles/elas pudessem relatar abertamente por escrito o verdadeiro sentimento de pertencer por alguns meses a uma proposta interventiva destinada às mudanças de paradigmas (conforme objeção da pesquisa-ação) e que por vezes o incômodo no tocante aos assuntos e propostas para além daquelas discutidas nos lares e nas escolas o fizessem presentes. Assim, nosso objetivo apresenta os dados e não os discutem como análise interpretativa e explicativa tendo como bases nas considerações.

1) Assinale como você analisa, de modo geral, sua participação/interação no minicurso de Educação Sexual para graduandos em Pedagogia.



Comentários:

“Amei, pois aprendi várias informações que são importantíssimas tanto para minha primeira formação, que é Serviço Social, quanto para Pedagogia”.

“A aula foi muito produtiva para mim; eu quebrei muito tabu dentro de mim. Como eu disse,

posso não concordar, mas respeito, pois, não são as escolhas que definem uma pessoa, e sim o caráter”.

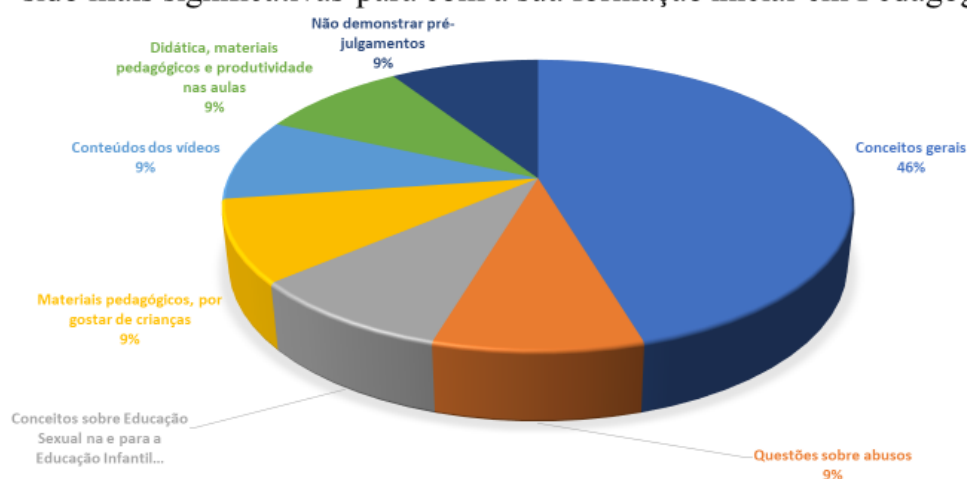
“Não tinha ideia do que o curso falava. Gostei muito e aprendi, também”.

“Eu gostei muito, mas precisei me ausentar por motivo de doença”.

“Na verdade, não queria fazer, mas com o tempo vi... foi muito bom, aprendi e abriu muito a minha cabeça”.

“Em todas as aulas do curso, interagi o máximo que pude”.

2) Estabelecendo uma relação cronológica dentre os temas centrais em que o minicurso fora ministrado, quais aprendizagens você acredita ter sido mais significativas para com a sua formação inicial em Pedagogia?



3) Diante das temáticas abordadas no curso, qual assunto você mais se interessou? Por quê?

“Gênero, pois é um tema muito abordado e criticado pela sociedade”.

“Os vídeos da raposa, que relatam as tentativas do abuso; dos questionários e das dinâmicas”.

“Do trabalho com histórias e músicas na Educação Sexual da criança. Achei interessante a forma de mostrar para as crianças”.

“Da luva pedagógica, pois você trabalha um determinado assunto de maneira fácil e criativa ao mesmo tempo que se ensina a criança”.

“Abuso e violência infantil, pelo assunto ser amplo e também esclareceu muito sobre certas características que bem antes são repensadas apenas pelo lado sexual”.

“Você se pôr no lugar do outro, pois nos deu uma visão de como é estar no corpo do outro. Não vi como uma mudança de sexo, mas de entender certas escolhas”.

“Sobre gênero. Não entendia sobre o assunto, não gostava de falar sobre. Eu sempre tive aquela ideia que menino brinca de carrinho e menina de boneca, e hoje eu vejo diferente”.

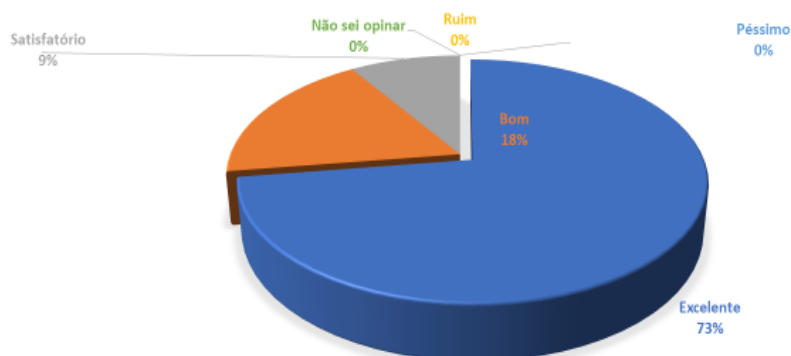
“As luvas pedagógicas, porque podemos trabalhar de forma lúdica vários temas, desde a inclusão até a orientação sexual”.

“Eu me interessei, porque os pais têm em mente que meninas têm que usar rosas, e meninos têm que usar azul. Porque isso tem que terminar, é um tabu antigo”.

“O vídeo que passou do lobo, que pessoas próximas nem sempre são confiáveis”.

“A interação com as crianças, com a música, e ideias criativas para a inclusão das crianças”.

4) Sobre os itens que compõe a estrutura de elaboração e desenvolvimento do minicurso (recursos materiais e tecnológicos, qualidade dos slides, tempo de duração das atividades, atividades propostas, e didática do professor), marque a opção como você melhor os avalia.



Comentários:

Questão assinalada como “Excelente” – 03 Comentários sem respostas.

“Pois teve uma dedicação bem grande da parte do professor, ao trazer o conhecimento de forma diversificada aos alunos”.

“Adorei fazer o curso. Aprendi cada vez mais e mais”.

“Vocês estão de Parabéns”.
“O curso, para mim, só me fez crescer como ser humano”.
“Ele se expressa muito bem, tanto na explicação como nos materiais pedagógicos, e nos faz entender que devemos nos preparar para sermos melhores no futuro”.
Questão assinalada como “Bom” – 02 Comentários sem respostas.
Questão assinalada como “Satisfatório”
“Aprendi várias situações, que hoje talvez saberia resolver melhor”.

5) Qual a sua opinião sobre a temática “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” serem desenvolvidas nas salas de aulas para crianças na etapa da Educação Infantil?

“Acho que é um tema que tem que ser abordado na Educação Infantil sim, pois desde pequenos temos que entender a opinião sexual do outro, e respeitar”.
“Fundamental, pois trabalharemos as questões de Gêneros em relação as crianças, e também dos pais com novos modelos de Famílias e dos profissionais de Educação”.
“Depois do curso, acho essencial”.
“De grande importância para a mesma”.
“No começo com certo receio, porém após algumas aulas se tornou desafiador. Acho de suma importância, pois os próprios pais têm uma visão equivocada do assunto”.
“Concordo desde que seja algo para explicar, e não para induzir”.
“Hoje com outra visão, acho bom”.
“Acredito que deveria ser essencial, pois evitamos preconceito, bullying, e a criança passa a se proteger também, de um possível abuso”.
“Eu acho interessante, porque já iriam se familiarizando com as ideias, os aprendizados desde pequenos, e iriam aprender a se proteger, contra as pessoas, que agiriam mal”.
“Eu acho que deveria ser falado, tratado no berçário”.
“Bom, pois as crianças já são orientadas sobre o assunto”.

6) Espaço destinado para que você deixe comentários, críticas, sugestões, e mensagens ao professor.



Foto 25: Participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019



Foto 26: Participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019



Foto 27: A caixinha de perguntas - participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019

4.1.1.9 Encontro 9 – Análise e discussão dos resultados; finalização do projeto

E por fim, chegar ao último encontro talvez seja a melhor e mais prazerosa das atividades – olhar para todo o percurso e lembrar os passos do início até o momento desse caminhar, repensando como nós, educadores temos a aprender em nossa incansável partilha de conhecimento. O encontro destinou a revivermos os passos dos encontros, partindo para lembranças das etapas que os compuseram, e nesse meio explicitar algumas análises frutos da pesquisa-ação. Tivemos a honra de compartilhar dos agradecimentos a todos que contribuíram para a execução das atividades, e posteriormente realizamos a entrega dos certificados e das lembrancinhas.

**Arco-íris: Fundamentos e práticas educativas
sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial
do pedagogo para atuação na Educação Infantil**



Prof. Guilherme Alves
Instituição

Mestrando em Educação Sexual – UNESP

Membro do GEPIFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,
Família e Escolarização – UNESP/CNPq

Orientação: Profa. Dra. Marcia C. A. Perez

Local, 14/06/2019



Abertura do último dia de encontro formativo.

Cronograma das atividades

- ✓ **Análise sobre o curso ofertado**
- ✓ **Abertura para discussões/apontamentos**
- ✓ **Certificação**
- ✓ **Confraternização**

Cronograma de atividades. Nesse último dia de encontro, a proposta esteve voltada a conseguirmos pensar na trajetória que passamos durante os meses em atividades. Nesse sentido, é válido traçarmos um retorno às atividades, materiais produzidos – pelo pesquisador, e pelos/as alunos/as, às falas direcionadas enquanto afirmativas que ressaltam conhecimento, exemplos narrados no cotidiano pessoal e profissional, como também no contexto escolar de pessoas próximas aos/às participantes. E nos imperam uma grande saciedade nesse momento, de sentirmos a sensação e o prazer de dever cumprido.



Como forma de reforço, aqui trazemos à tona os esclarecimentos e discussões na tratativa de que não houvesse dúvidas quando da partida do último encontro. O Projeto “Arco-íris” e suas representações vão para além de pensarmos as atividades rotineiras dentro da sala de aula. Traçamos aqui uma história singular, e pluralizada no sentido de nos espelharmos enquanto agentes multiplicadores de informações sistematizadas e pela busca incessante da promoção dos cuidados atenção às crianças pequenas, sobretudo sobre o desenvolvimento pleno de ações em Educação Sexual, Sexualidades e Gêneros.

Os encontros...



As (in)formações

- ✓ 9 encontros com carga horária de 1 hora/encontro – às sextas-feiras das 21h às 22h;
- ✓ 8 encontros de formações + 1 encontro de finalização/certificação;
- ✓ Período de 15/03 à 14/06/2019;
- ✓ Quantidade de alunos iniciantes: 19;
- ✓ Quantidade de alunos concluintes/certificados: 15;
- ✓ Desenvolvimento de atividades teórico-práticas com materiais e métodos diversificados.

1º encontro: 15/03/2019

- **Encontro inicial:** explicação dos objetivos do curso, assinatura do TCLE e do Termo de Autorização, bem como do Questionário impresso.

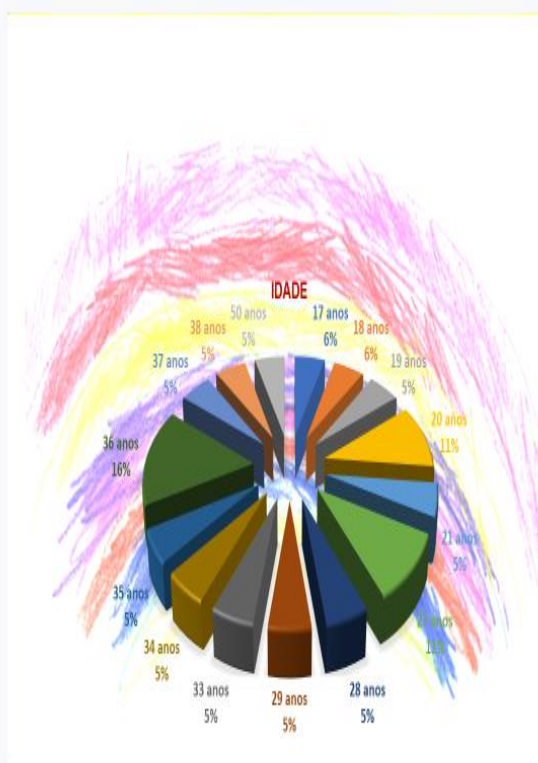
Questionário com 2 categorias:

Formação acadêmica e experiência profissional (04 questões);

Questões sobre experiências e (in)formação em Educação Sexual e Infância (10 questões).

2º encontro: 22/03/2019

- **Análise e tabulação de dados – Questionário;**
- **Introdução à temática “Educação Sexual”, Expressões da Sexualidade, documentos oficiais.**



3º encontro: 29/03/2019

- Apresentação de vídeos – Educação Sexual e Sexualidades;
- Desenvolvimento e apresentação de atividade com revistas.

Resultados da atividade



4º encontro: 12/04/2019

- ✓ Breve retomada dos encontros anteriores (gráficos, conceitos e atividade);
Introdução à Gênero;
- ✓ Apresentação dos resultados da atividade prática (com revistas);
- ✓ Participação em atividade de reflexão – Sexualidades nas Infâncias;
- ✓ Introdução à temática de Sexualidade Infantil: violência.

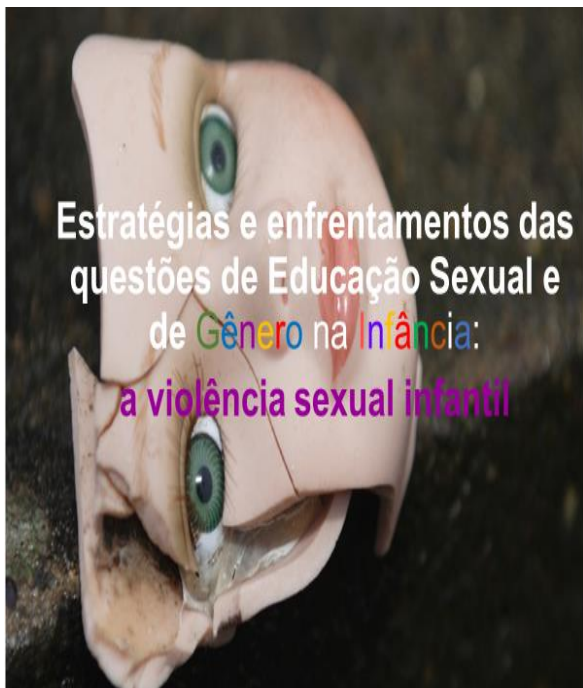
Por que apenas 01 imagem representou as Sexualidades nas Infâncias?

Responda no impresso entregue pelo professor, e em seguida coloque-o na Caixa de Perguntas.

5º encontro: 10/05/2019

- ✓ Explicação sobre o logo do Curso;
- ✓ Retomada de conceitos – encontros anteriores;
- ✓ Participação em atividade de reflexão (enquetes);
- ✓ Introdução à temática de Gênero na Educação Infantil;
- ✓ Demonstração de materiais práticos elaborados em pesquisas acadêmicas.

Estratégias e enfrentamentos das questões de Educação Sexual e de Gênero na Infância:
a violência sexual infantil



Na sua opinião, há cor ideal para as crianças meninos?



6º encontro: 17/05/2019

- ✓Retomada de conceitos – encontros anteriores
- ✓Desenvolvimento e participação em atividade: Faz de conta ...de volta à barriga da mamãe

Realizando a atividade...

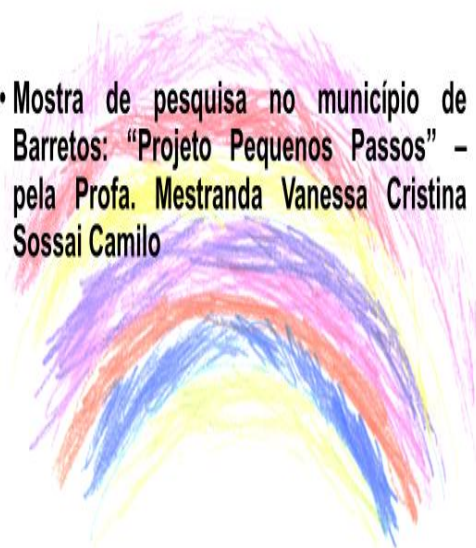
Fechem os olhos, e podemos imaginar estar voltando à “barriga da mamãe”.



“Vamos voltar no tempo, passando por várias idades até chegar no período de gestação. Ao nascermos vamos trocar de sexo”.

7º encontro: 24/05/2019

- Mostra de pesquisa no município de Barretos: “Projeto Pequenos Passos” – pela Profa. Mestranda Vanessa Cristina Sossai Camilo



Atividade 1

- LIVRO: Menina bonita do laço de fita – MACHADO, Ana Maria
- LUVA PEDAGÓGICA

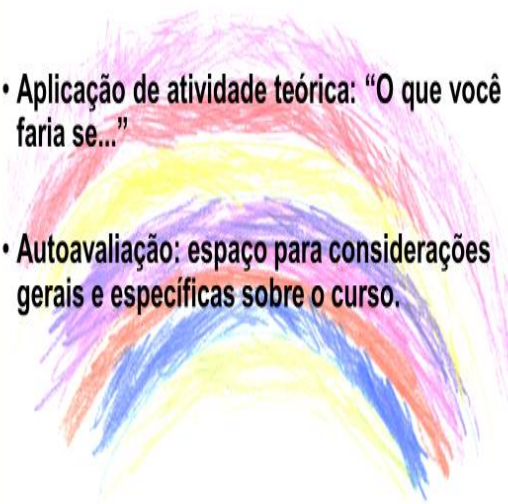
• **Objetivo:** utilizando-se da história, realizar abordagem em relação ao Gênero e suas representações sociais, mostrando para a criança as diversas raças e a necessidade de respeito para com cada uma delas; levantar com as crianças essas diferenças existente entre eles mesmos na sala de aula, colocando o ambiente escolar como mediador de respeito e educação.



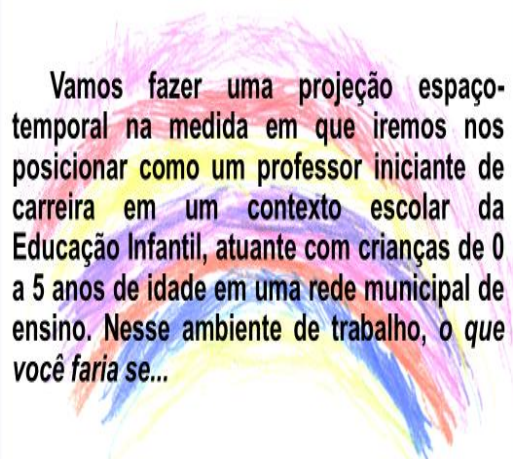
- **Materiais:**
- livro;
- luva de lã;
- personagens em EVA.

8º encontro: 07/06/2019

- Aplicação de atividade teórica: “O que você faria se...”
- Autoavaliação: espaço para considerações gerais e específicas sobre o curso.



Vamos fazer uma projeção espaço-temporal na medida em que iremos nos posicionar como um professor iniciante de carreira em um contexto escolar da Educação Infantil, atuante com crianças de 0 a 5 anos de idade em uma rede municipal de ensino. Nesse ambiente de trabalho, o que você faria se...



9º encontro: 14/06/2019

- ✓ **Apresentação dos resultados pelo Prof./pesquisador;**
- ✓ **Agradecimentos;**
- ✓ **Certificação; e**
- ✓ **Confraternização**

Ratificação das atividades desenvolvidas no 9º encontro.

Agradecimentos

O Prof. Pesquisador, em nome do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Infância, Família e Escolarização – GEPIFE UNESP-CNPq agradece:

- ✓ **à Instituição pela oportunidade em ministrar a formação inicial em Educação Sexual e Gênero aos alunos;**
- ✓ **aos alunos pelo aceite em participar e confiar na proposta do pesquisador;**
- ✓ **à Vanessa, parceira e grandiosa colaboradora nas pesquisas acadêmicas e pelas valiosas contribuições;**
- ✓ **à Profa. Dra Marcia C. Argenti Perez, por todas orientações.**

Agradecimentos especiais a todos/as envolvidos/as no Projeto “Arco-íris”.



Espaço destinado para que os/as convidados/as expusessem seus comentários acerca de como foi participar do curso de extensão universitária em Educação Sexual e Gênero para atuação do/a pedagogo/a na Educação Infantil.

Ressaltamos que em nossas atividades tivemos a presteza em permitir que os/as participantes ativamente contribuíssem por suas considerações e questionamentos, e que tais participações pudessem ser valorizadas no sentido de abertura para maiores explanações e abordagens, pois compreendemos que a formação por utilizar a dialógica como instrumento contínuo, permite que aqueles que dela coexistam se sintam livres para o (inter)discurso. Assim também ilustramos algumas das falas, em função da abertura para que pudessem relatar as representações dessa trajetória de alguns meses que se renderam pela pesquisa-ação:

Participante Lívia: “ – [...] na minha opinião deveria ser um curso dado, a forma com que eu penso agora, deveria ser dado na escola para os pais e educadores... porque muitos não pensam dessa forma [...]”.

Participante Natália: “ – Eu... como eu disse, quebrei bastante tabu dentro de mim. Eu cresci muito em conhecimento, mesmo. Também deixei claro que... assim, eu não gosto daquilo que é imposto, nem aquilo que eu acredito, e nem aquilo que as outras pessoas. Eu acho que a criança por si própria, ela dentro do possível, ela tem que se descobrir [...]”.

Agradeço por tudo, assim... mesmo que vocês trouxeram. Para mim foi bem edificante mesmo”.

Participante Queila: “ – [...] é um curso que ninguém tinha noção. Como o pessoal já falou, é um curso que você tem uma visão totalmente diferente, e o conhecimento de vocês foi muito bom para nós. Aprendi muito com vocês, já estou pondo em prática [...]. As meninas aqui, a maioria está fazendo estágio [...] esse curso foi maravilhoso para gente, porque a gente teve uma noção do que é a escola, e de como lidar com essas crianças. Para mim foi maravilhoso. Agradeço você por ter disponibilizado o tempo de vocês para estar dando este curso para gente. Esse é o meu agradecimento a vocês dois... e a classe também agradece [...] eu falo em nome da sala”.

E seguimos adiante com o desfecho das atividades pela entrega dos certificados aos/às participantes e posterior confraternização com entrega das lembracinhos, símbolo representativo ao Projeto Arco-íris.



Agradecimentos finais.

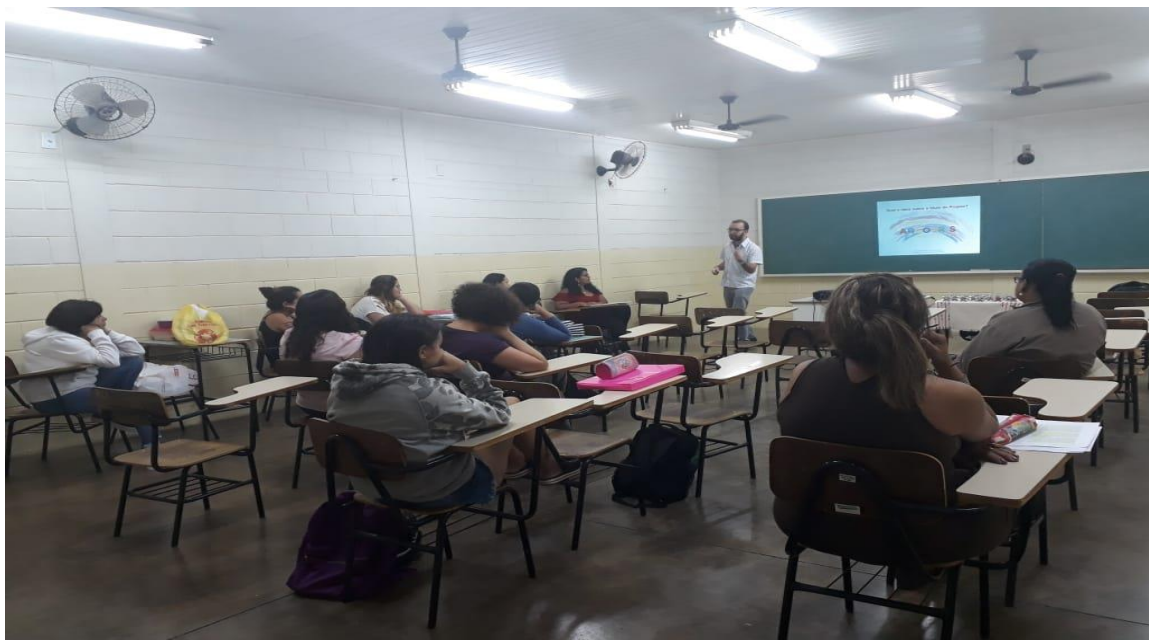


Foto 28: Participação dos/as convidados/as em atividade; acervo do pesquisador, 2019



Fotos 29 e 30: Lembrancinhas/agradecimento aos/às participantes; acervo do pesquisador, 2019

4.2 ANÁLISES DOS DADOS E LITERATURA EM CONSONÂNCIA COM O OBJETIVO DO ESTUDO

Ao retomarmos os objetivos do estudo destaca-se as representações individuais enquanto atividade particular do pesquisador, que dentre outras prerrogativas, intencionou instigar propostas a estruturar, desenvolver, aplicar e analisar o contexto dinâmico de uma formação inicial em Pedagogia para com participantes imersos/as aos “novos conceitos” e práticas ao lidar com a sexualidade no universo das crianças – desbravar todo esse universo se constituiu em um sentimento de satisfação, ao discutir teorias que as literaturas não nos trazem tão facilmente: as intra-relações dos sujeitos quando estes se colocam em nomes e circunstâncias na condição de alunos/as, mães, pais, aprendizes, questionadores, e parceiros/as para uma partilha de discussões que permitam nos conhecermos como seres sexuais, e que afirmem as necessidades quanto ao falar, comunicar e estudar a Educação Sexual.

Os objetivos estiveram a todo e cada encontro formativo e de cunho sob um viés de intervenção voltados aos problemas de pesquisa. A esse trato, reafirmamos nosso compromisso enquanto pesquisadores, na qual defende Gil (2008, p. 14) que a pesquisa-ação tenha como pesquisadores “envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Considera o autor ainda que:

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo (p. 15).

Antes de todo e qualquer posicionamento tomemos como inferência de que esta pesquisa é resultado de aprofundados estudos e saberes, o que não nos isenta assumirmos a condição de que para concluirmos e alcançarmos nossos objetivos, muitos diálogos, orientações, (des)construções de processos educativos e tomadas de decisão se fizeram constantes.

Como proposta de análise temática, descreveremos algumas categorias que mais se sobressaíram durante a execução da pesquisa – a sondagem estruturada a partir dos contatos para com os/as participantes e os cruzamentos posteriores; os fundamentos teóricos; os materiais e procedimentos pedagógicos elaborados; as escutas aos/as educadores/as em processo de formação inicial; por fim os resultados e discussão em relação às ideias e

avanços à luz das percepções dos/as participantes, e os desafios apresentados diante do estudo.

Em um primeiro momento destacamos as representações da sondagem feitas com os/as participantes, nas quais os resultados apontados pelo questionário aplicado nos possibilitam afirmar que de modo geral, identificamos as seguintes características coletivas dentro de um grupo em formação inicial no curso de Pedagogia: por unanimidade nenhum dos/as participantes atuavam no campo da Educação enquanto atividade profissional, sendo que o motivo que se justifica por escolher a Pedagogia como profissão torna-se mais evidente quando parte dos/as convidados/as sinalizaram a identificação por se agradecerem às crianças, bem como assumirem um sentimento de que há amor nesse trajeto de conhecimento à Educação.

Ainda ao retornar às análises, destacamos um ponto que mereça atenção – apesar de grande parte dos/as participantes apontarem insuficiente contato aos temas da Educação Sexual e relacionados ao Gênero tanto na escola quanto na família ao longo do processo educativo, a maioria relatou que dentro do universo educacional em Pedagogia ao qual estão inseridos e enquanto futuros/as educadores/as os grandes temas devem abranger os espaços da Educação Básica.

Presumimos que o fato dos/as participantes reconhecerem ausências e lacunas quanto as abordagens durante a formação escolar e familiar, não os limitam afirmar que acreditam na necessidade formativa em sexualidade, como também percebemos quando cruzamos tais percepções às afirmativas de que, segundo eles/elas os temas podem auxiliar o desenvolvimento de crianças na etapas da Educação Infantil.

E para finalizar essa análise em consonância aos objetivos, afirmamos a revelação de que quando questionados/as sobre a prática de educadores masculinos presentes na Educação Infantil, destaque para a ideia de que possa ser uma prática aceitável – mesmo sabendo que tal concepção vai de encontro aos que se pressupõe ser normalmente aceitável pela comunidade escolar e pela cultura social.

Ressaltamos a existência de uma proximidade desta pesquisa-ação à defesa de Crociari (2020, p. 177), na qual averiguou também o processo formativo inicial em Pedagogia nos temas similares a essa pesquisa. Concluiu a pesquisadora que:

A pesquisa relatou conforme os resultados aparentes com a aplicação do questionário, uma defasagem existente no que diz respeito à aprendizagem sobre Educação Sexual e Gênero. Em sua grande maioria, os futuros profissionais educacionais relatam a falta de conteúdo como assunto. De acordo com a ausência constatada de uma formação inicial crítica e emancipatória, sobre as questões da Sexualidade e Gênero, compreendemos a necessidade de investimento na área em

questão no que diz respeito ao preparo dos pedagogos para agir e lidar com confiança, respaldo e autonomia no âmbito escolar. A demanda existe e insiste. Portanto, investir no processo de formação inicial encontra-se como um dos caminhos hábeis para criar possibilidades reais de mudanças.

Já em relação aos fundamentos teóricos, sintetizamos algumas grandes áreas temáticas que se fizeram oportunas discussões para que pudéssemos relativizar a importância do conhecimento científico para assim subsidiar as práticas norteadoras na pesquisa. De todo fundamento aplicado, respaldamos-nos em pesquisadores/as que afirmassem suas relações e formas de ver a Educação Sexual como um conceito para além daquele banalizado enquanto algo indevido, inapropriado e que se sustente por um arcabouço teórico puramente nos problemas frente aos silêncios de uma Educação Sexual repressora.

Decidimos-nos por selecionar pesquisadores/as que estivessem tão logo engajados por políticas e enfrentamentos à uma Educação Sexual pautada nos princípios do respeito ao/à outro/a, à plural e diversidade formação de educadores em Sexualidade e Gênero.

Sob um olhar educativo aos conteúdos da Educação Sexual, concordamos com as afirmativas de Figueiró (2009, p. 141) no que diz respeito ao incipiente preparo formativo durante os cursos de licenciaturas nas questões da Educação Sexual. Acrescenta Figueiró “[...] é compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação”.

Consequente a essas inquietudes, compreende-se ser extremamente relevante que esse processo formativo antes de mais nada, torne os sujeitos mais reflexivos, capazes de buscar conhecimentos para que assim as rotinas no campo profissional se difundam como discussões abertas ao diálogo, aos enfrentamentos das situações do cotidiano escolar das crianças, tal qual o respeito a si, ao/a outro/a seja valorizado como prática recorrente e intencional na formação dos/as e para educandos/as pequenos/as.

Ao dialogar pelas literaturas com os/as pesquisadores/as no campo de estudo em questão, considera-se asseveramente a fluidez no tocante a uma Educação Sexual marcada por dialogicidade entre os pares, e diante disso, para além das esferas acadêmicas que sejam permitidas e incentivadas discussões, estudos, aberturas para a comunidade e à família, na convicção de que esse caminho poderia nortear a construção de/por um conhecimento colaborativo – em que o autoconhecimento, a liberdade de comunicação, a prevenção às ISTs e à proteção às crianças, bem como a constante reeducação em sexualidade fossem marcos rotineiros e de própria constituição do sujeito.

Por Figueiró (2009) compreendemos a necessidade ao se discutir a sexualidade no contexto da Educação Infantil na ocasião em que o desenho possa ser utilizado como

estratégia de ensino. Assim, espera-se que as crianças pequenas possam estar inseridas em um contexto onde os corpos humanos sejam reconhecidos por suas diferenças. Para a autora:

Com relação ao uso do desenho como estratégia de ensino, dois exemplos podem ser inseridos. Numa aula com crianças pequenas, onde se vai falar sobre de onde vêm os bebês, pode-se pedir a elas que desenhem, primeiramente, o que sabem a respeito. Na sequência, o professor dá oportunidade para as crianças falarem sobre seus desenhos, expõem o que pensam e, depois, complementa e corrige as ideias enviesadas. Como segundo exemplo, numa aula em que se vai falar sobre o corpo humano, pode-se pedir aos alunos para fazerem um desenho do menino e outro da menina, nomeando as várias partes do corpo. Ou, então, a classe pode ser dividida em duas e, uma metade faz um cartaz com o desenho do corpo masculino, e a outra metade, do feminino. É comum que se coloque uma folha grande no chão, alguém deita sobre o papel e o grupo desenha acompanhando o contorno do corpo do colega. Caso os alunos não desenhem o órgão sexual, deve-se perguntar porque não o fizeram, pedir para fazer e colocar o nome. Se insistirem em não desenhar, aproveitar para conversar sobre essa dificuldade (p. 159).

Acreditamos veementemente nas abordagens de Ribeiro (2019) que muito tem a contribuir para uma educação em sexualidade para crianças respaldada em princípios à responsabilidade, ao respeito às diferenças sem que haja discriminação. Afirma o autor acerca dos brinquedos:

Os brinquedos sexistas, que meninos e meninas brincam quando crianças fecham as portas das ciências exatas para as mulheres: panelinhas, bonecas e a maioria dos brinquedos tidos como “femininos” não instigam a criatividade, o senso crítico e o desenvolvimento de habilidades motoras. Pelo contrário, são objetos atrelados à passividade, à vaidade e à subserviência. Já brinquedos “de menino”, como carrinhos, jogos de química, maletas de mecânico, dão mais oportunidades para a criança ficar exposta às brincadeiras que envolvam ciência e engenharia – e, é claro, aumentam as chances de ser influenciada por esses conhecimentos desde cedo (p. 157-158).

Coaduna com os pensamentos descritos aqueles tematizados por Canosa (2019) ao colocar que as questões da parceria família-escola devem estar atreladas ao desenvolvimento escolar das crianças. Segundo a autora “[...]. Quando uma escola decide diminuir a divisão de gênero das brincadeiras e temáticas infantis, ela está contribuindo para dirimir a desigualdade, favorecendo mais liberdade aos interesses de cada criança (p. 188)”.

Pensando por estas concepções, ensinamos que os estudos sobre Gênero possam estar ao encontro daqueles investigados por Buss-Simão (2013) em que pôde constatar a livre interação entre meninos e meninas, sem a criação de grupo específicos, minimizando situações em que fronteiras se façam presentes no e para o universo infantil.

A investigação pôde ser pautada nas relações de como lidamos com assuntos imbricados ao cotidiano escolar, acadêmico, nas relações com a escola, com os novos modelos familiares, com as nossas constantes transições de aprendizagens e ressignificações de sentido atribuídos aos sentimentos, valores, tabus e preconceitos carregados e ensinados

desde as Infâncias. Louro (2008) ressalta que a cultura se torna indispensável ao compreender que nela a materialidade adquire significados. Argumenta a autora ainda que:

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos na mídia, da igreja, da ciência e das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amada/o são ensaiadas na cultura, são diferentes de uma cultura para outra, de uma época ou de uma geração para outra. E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não se recusar a vivê-la (p. 22-23).

Admitimos as afirmativas de Finco (2015, p. 56) ao apontar os desafios da docência na Educação Infantil, como “[...] a questão da formação docente também passa por vários desafios, dentre eles o de fazer com novos valores cheguem às práticas educativas e possam contribuir para que as crianças sejam críticas e reflexivas a respeito de suas escolhas”.

Enquanto arcabouço da pesquisa pela Psicologia Histórico-Cultural, com destaque entre a relação do indivíduo e a sociedade, como também pelas intrínsecas relações da aprendizagem e do desenvolvimento humano, Meira (2007, p. 48) cita “que não se pode separar afetividade nem da vida concreta, nem dos demais aspectos da consciência humana”. Afirmo a autora que pelas teorias de Vigotski “há uma relação intrínseca entre os processos intelectuais e afetivos. Quando eles são separados artificialmente torna-se impossível compreender as influências recíprocas entre pensamentos e emoções” (p. 48).

Além dessas interpretações, ressalta-se os registros de que as instituições, especialmente as de formações superiores sejam compreensivas, tocadas e conscientes quanto ao fazer educativo. Almeja-se que essa sinalização seja intencionada por uma atuação docente capaz de lidar com situações em que a Educação Superior (trans)forme os sujeitos, permita uma reflexão pautada na sabedoria, nos avanços científicos, nas evoluções das ideias e caminhos para uma educação emancipatória, libertária e difusora, contrárias ao retrocesso e estagnação ao conhecimento.

Pela utilização dos materiais e procedimentos pedagógicos utilizados na pesquisa-ação, face ao objetivo de verificarmos a criação de um ambiente em que as escutas, as falas e a troca de experiências (e isso inclui os saberes carregados dentro e fora da escola) pudessem ganhar nomes e verdades, enfatizamos por essa categoria o quanto as atividades pedagógicas e os trabalhos em grupo contribuíram como ferramentas facilitadoras para que assim os/as participantes pudessem estar confortáveis para discutir crenças e tabus, apresentar ideias, internalizar novos conhecimentos e reflexões sobre as demandas da formação profissional e

os saberes docentes que envolvem a própria cultura, os valores e os posicionamentos que devemos assumir perante os contextos sociais que nos inserimos.

A essa conjectura, amparamo-nos em algumas referências que nos permite escolher e justificar tal medida do ponto de vista dos recursos utilizados. Logo, seguimos em direção às orientações sugeridas por Bastos et. al (2013) quando situam a atividade de faz de conta como recurso indispensável ao trabalho da ludicidade, da imaginação e do aprendizado, que pode ser aplicado a princípio aos educadores em formação e adaptado às crianças conforme objetivos estabelecidos.

As pesquisadoras Crociari (2020) e Camilo (2019) puderam subsidiar e enriquecer o desenvolvimento dessa pesquisa pelos materiais confeccionados e aplicados a contextos do universo educacional. Tais pesquisadoras utilizaram de recursos pedagógicos como fontes de aprendizado, formação de conhecimento e contemplação de concepções acerca das relações da Infância, Gênero e Educação Infantil postos à formação inicial e continuada de professoras.

Criamos enquanto pesquisadores, momentos para que as atividades pedagógicas e os trabalhos em grupo movimentassem em direção às discussões e aprendizados por meio de recursos materiais acessíveis (revistas, materiais didáticos como a luva pedagógica, latas para contação de histórias, lápis de cor, montagem de painéis, a lousa da sala de aula, entre outros).

Por fim, e não menos relevante, tivemos como forma de incentivar as discussões verbalizadas, pela utilização da “caixa de perguntas”, com o intuito de nos aproximarmos em todos os encontros, criando possibilidades de ofertar falas, escutas coletivas, estratégias de ensino e de aprendizagem, como também a ressignificação das variáveis de tempo e espaço enquanto medidas a uma atmosfera formativa, em que as posteriores intervenções pudessem ocorrerem de maneira natural e intencionada pelo pesquisador.

Defendemos veementemente que esta pesquisa sinaliza para relevantes contribuições na área da Educação em função de termos condições e acreditar que há o encontro às outras pesquisas, e que desafios emergenciais de se pensar ações formativas coexistem.

A última categoria que traçamos recorte para analisar trata-se dos resultados e das discussões frutos da coleta e análise de toda pesquisa. A fim de decorrer sobre a avaliação da pesquisa aplicada, entendemos em vários momentos que a liberdade destinada aos/às participantes pôde se constituir como elemento essencialmente necessário, pelas indagações pertinentes, pelas exemplificações vindas do cotidiano acadêmico e anteriores a este.

Enfatizamos alguns dos avanços analisados à posterior formação e momentos de intervenções, dos quais destacamos que tivemos a *priori* apontamentos no questionário de que os temas geradores de Educação Sexual fossem oportunos para início no ciclo do Ensino Fundamental II, e ao final da intervenção os/as participantes sinalizaram a compreensão de que seja possível já dialogar na Educação Infantil para com as crianças pequenas, fundamentando-se nos aportes da BNCC pelas abordagens de tópicos para o ciclo infantil.

Outra percepção que nos desperta atenção se refere a alguns depoimentos de participantes em momento de avaliação quando descrevem situações possibilitadoras de mudanças de paradigmas sobre o assunto que mais tenha lhe interessado. Segundo o/a participante: “Sobre gênero. Não entendia sobre o assunto, não gostava de falar sobre. Eu sempre tive aquela ideia que menino brinca de carrinho e menina de boneca, e hoje eu vejo diferente”. E a fala de participante quando questionado/a sobre a participação/interação no processo formativo: “Amei, pois aprendi várias informações que são importantíssimas tanto para minha primeira formação, que é Serviço Social, quanto para Pedagogia”.

Além disso, constatamos que atividades propostas puderam indicar atitudes positivas no tratamento e prevenção de situações que merecessem atenção: quanto ao brincar, os/as participantes relataram situações pontuais de liberdade e escolha pelo brinquedo (observar, deixar a criança brincar livremente com todos brinquedos, não repreendê-la pela seleção do brinquedo, dialogar sobre o ato do brincar e incentivar às brincadeiras) apareceram como indicações de mudanças de paradigmas em relação ao início do curso.

Em outros momentos puderam representar adequadas ações como oportunidades de ensino e resolução de situações frequentes no cotidiano escolar: buscar apoio, conversar, chamar a atenção, relatar/comunicar a direção escolar para as devidas providências, e acionar órgãos como o Conselho Tutelar. Sobre questões de preconceitos vivenciados por colega de trabalho, os posicionamentos estiveram voltados ao apoio, aproximações, diálogo, e tratar com respeito. Por fim na condição didático-pedagógico foram descritas atividades como buscar conhecimento, (in)formação, manter estratégias com profissionais especializados no sentido de tratamento e prevenção das demandas necessárias e emergenciais, como também estruturar planos de aula e planejamentos educativos sistematizados.

Repensando à luz dessas análises que muito tem da essência do pesquisador, estima-se que as lacunas, as ausências possam ainda que com passos pequenos caminhar num sentido projetivo, em que paulatinamente sejam permitidas as falas, as escutas, as relações didático-pedagógicas referenciadas por ensino e aprendizagem constantes, embasadas não somente

pelo rigor acadêmico, mas que provenham de dúvidas, comentários e assuntos relacionados ao contexto pluralizado das escolas, oriundos também pelo espaço familiar.

Por toda (trans)formação ao longo desse percurso educacional, compreende-se um despertar cada vez mais latente, pulsante e vívido por um acalorado sentido pessoal e profissional em colaborar para com a educação dos sujeitos, que possam mergulhar no mais íntimo desejo de lutar por essas práxis educativas descritas ao longo desse trabalho. Para transformarmos ao outro, primeiramente devemos permitir uma reeducação a nós mesmos, que seja salutar a uma idealização em que possamos estar livres, abertos a uma profunda imensidão e imaginação de nossa existência.

Enquanto desafio maior, reitera-se as dificuldades e anseios ao encarar uma investigação cautelosa, singular e diversificada ao considerar a constituição social e identitária de sujeitos reunidos pela intencionalidade inicial ao querer ser, dentro da estrutura de formação basilar em Pedagogia – tendo em vista a premissa que todos/as almejam tal finalidade, entende-se que essa questão factual esteja envolta às singularidades, pensamentos e apreciações de como cada sujeito se apresenta para si, para o outro, e para o mundo.

Participar deste desafio pôde então representar viscissitudes a um olhar mais atencioso ao outro, sistematizado encontro por encontro, na tratativa de que a organização textual, materialidade, ações e falas pudessem permear para além do que consideravelmente fosse possível na trajetória convencional de Cursos em Pedagogia – permitir a escuta silenciada por anos, daqueles que tiveram o interesse em pedir, clamar e além disso se colocar como sujeito que gostaria de entender o contexto da sexualidade para além dos muros da escola, na qual segundo a pesquisa revela uma Educação (des)velada pelo proibido, pela ausência, pelo desconhecimento, mas também e pelo encorajamento.

Se por um lado o acesso ao grupo representou a margem de confiança na qual pela ocasião oportuna de estar docente em Pedagogia para as turmas participantes da proposta, por outro viés interpreta-se um olhar um tanto quanto tendencioso ao olhos de que *“esse professor tão prestativo e que ama o que faz, é capaz de falar sobre “Educação Sexual, sexo, ideologias...essas coisas?”*.

Diante do todo, um sentimento de leveza, a consciência da ação mais que cumprida, daquela posta em prática, desbravada, que superou os desafios, que disse o não dito, o explícito, e o oculto.

Assim, ressalta-se que da investigação empírica, restaram compromissos por um fazer pesquisa e contribuir para as relações de aprendizagens e reflexões ao ter a formação inicial em Pedagogia como a continuidade de um processo educativo em que culmine às discussões,

as vitórias encaradas face a face, dentro uma perspectiva em que hoje seja possível contextualizar o universo da sexualidade.



5 Considerações Finais

Mediante proposições, feitura e aplicação de uma sequência de atividades teórico-metodológicas em que se pôde olhar para o campo científico da Educação pela constituição do viés formativo de futuros/as pedagogos/as, ressaltamos a partir de nossas experiências tendo como *status quo* a incidência de que há uma indissociável carência e ausência desde o início da Educação Básica chegando aos níveis da Educação Superior quanto ao tratamento sistematizado, intencional e científico das temáticas que se articulam pelos eixos da Educação Sexual, Sexualidade e Gênero.

A esse respeito podemos levar em consideração que se existe uma incipiente formação já instaurada para as crianças pequenas logo nas primeiras etapas da Educação Infantil, consideramos que essa defasagem se torna ainda mais obscura na medida em que as crianças crescem, e, a partir de tal passam a reconhecer seus desenvolvimentos e distinções corpóreo-simbólicas.

Ausências, silenciamentos, proibições, recusas e negações. À medida que as crianças se produzem como efeitos de indagações seja no contexto familiar, seja no espaço escolar, não raro as escolas por meio dos/as cuidadores/as, educadores/as, professores/as e agentes de promoção ao desenvolvimento das crianças tomam por referencial a omissão e o contínuo (des) fazer. Por que não ensinar as crianças reconhecer, diferenciar e entender seus corpos? Por que não ensinar que o corpo da criança a ela pertence (e prevenir a ocorrência e incidência de possíveis abusos?) Por que as escolas não dialogam com a comunidade sobre os assuntos “tabus”? Por que não desenvolvem atividades em parcerias com as múltiplas disciplinas do saber? Sexualidade apenas deve ser discutida nas aulas de Ciências, Biologia e Educação Física? Gênero (quando mencionado) apenas vem à tona quando há caso(s) de pluralidades dentro da sala de aula? Por que a “formação” ainda não é capaz de “formar” para os problemas e soluções do cotidiano? Por que ainda precisamos rebaixar o outro para nos qualificarmos, nos julgando superiores por questões étnicorraciais, ou por pertencer a determinados grupos sociais em detrimento a julgar outros grupos minoritários, ou por nos autoafirmarmos essa ou aquela orientação sexual, por quê?

Ao nos reaproximarmos dos objetivos elencados inicialmente enquanto proposta ao se ofertar um curso de formação em que propussemos realizar um levantamento e a partir desse enumerar uma série de discussões entorno ao fazer, vivenciar e se relacionar com a Educação Sexual nos espaços educativos, considera-se de extrema valia analisar toda essa trajetória que se seguiu por meses afincos nos estudos inseridos à pesquisa-ação.

Seguimos confiantes aos resultados discutidos em função dos objetivos – as representações e significados de ações e acompanhamento de estudantes em Pedagogia

retrata e sinaliza para uma questão provocativa que emerge para questões socioculturais: precisamos instruir as crianças às informações para que possam se proteger, para que, quando oportunamente comuniquem aos adultos de suas confianças sobre situações atípicas e de teor tendencioso. Como podem as crianças se proteger, ou serem protegidas, se nos faltam espaços para discussões, trocas de experiências e ensinamentos?

Outro marco referencial em função dos objetivos que merece atenção são as práticas educativas em sexualidade. Conforme abordagem identificada pela aplicação do questionário nessa pesquisa, os/as participantes inicialmente difundiram ideias de que há um momento oportuno para iniciar atividades para com as crianças – na Educação Fundamental do 6º ao 9º ano. De modo significativo trabalhamos a concepção de que podemos desde as Infâncias já com as crianças pequenas iniciar os conceitos, cuidados com o corpo, inserir projeções de que as crianças são diferentes, e que todos/as devem brincar e se respeitarem. Meninos e meninas podem brincar, utilizar-se de brinquedos diversos, construir universos imaginativos, aprender nas relações de faz de conta e se permitirem aproveitar a fase das primeiras infâncias como uma construção de magia, de aprendizado e de significados para além do contexto real.

Assim, os desdobramentos em decorrência da efetiva intervenção nos traz à tona pensarmos novos desafios: os/as educadores/as e professores/as precisam se constituir num processo educativo constante, alicerçado por práticas realistas, intencionais e expressivas pelas demandas oriundas tendo em vista novos modelos e arranjos familiares, assim como as mudanças paradigmáticas nas quais as concepções de sujeito, criança, infância, escola e sociedade vem se refazendo por um (des)contínuo saber cultural ao longo das últimas décadas. E talvez nos caiba um questionamento: instruir e educar pelos novos tempos – a quem compete?

Tanto a se falar, discutir, aprender, partilhar e (des)construir para ressignificar! Ressignificar é preciso, a fim de entender que nós seres humanos estamos dispostos de/a um universo plural, múltiplo em suas formas, variedades, dimensões de sentimentos, ausências e sobrecarga de emoções.

Pela utilização dos instrumentos de pesquisa e análise dos materiais construídos exclusivamente para a defesa desta pesquisa, tornou-se notório perceber que os sujeitos em seus espaços de atuação e de aprendizagem necessitam e querem se posicionar ativamente para opinar sobre aquilo que pensam, discutir a partir daquilo que carregam ao longo do percurso educacional como experiência pessoal de aprendizagem, e principalmente aprender/refletir novos conceitos e paradigmas para que possam aplicá-los em suas futuras práxis educativas quando as discussões se retomam à Educação Infantil.

Retomemos a informação sinalizada de que seja indispensável o preparo do corpo docente desde os anos iniciais da Graduação em profundas constituições identitárias do homem em suas ações do saber educacional. Educadores/as conhecedores/as de suas realidades, do mundo afora, e de suas próprias formações de sujeito terão melhores preparos para ensinar as crianças pequenas, a responder os silenciamentos que por vezes o adulto julga não os conhecer, ou considerá-los inoportunos.

Assim, acreditamos veementemente que um/a professor/a que recebeu conhecimento sobre princípios e conhecimentos intencionais sobre Educação Sexual ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, terá condições de dialogar com suas turmas. Torna-se essencial que essa fluidez de aprendizado durante a formação pela Educação Básica perpassa e se reconstrua à formação continuada, uma vez que novas concepções, códigos e articulações nos moldam a repensarmos novas configurações e projetos de existência – somos seres em contínuos e inacabados movimentos, somos seres em constantes trânsitos.

Por toda a constituição do fazer docente entrelaçado a este contexto de pesquisa, acreditamos que o trabalho docente se caracteriza "pela incerteza dos cotidianos da prática e pela necessidade de fazer julgamentos em ação, tomando decisões rápidas e acertadas nas situações mais imprevistas, o que afirma ainda mais a complexidade do trabalho" (Tancredi, 2009, p. 15).

De tal modo, reiteramos observações de que são necessárias ações que enverguem aos cuidados das crianças (assumir a postura perante dever de todos/as), como também pensar e estruturar sistemáticas formações iniciais sobre as práticas educativas em Educação Sexual e relações de Gênero, numa perspectiva emancipatória, intencional e formal.

De tal forma, enseja-se como um sinal de (trans)formação que esta pesquisa seja capaz de lhe inspirar, provocar inquietudes, repensar suas práticas pedagógicas por um movimento articulado em competências e habilidades por excelências em sua magnitude e que acima de todas circunstâncias, que tenha cautela, zelo, carinho e amor pela profissão ao cuidar e educar das crianças.



Referências

- Alemann, C. (2016). EL PAÍS. Como educar para a igualdade desde a infância. Seis ações para redefinir os papéis de gênero e transformar as normas sociais. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/11/estilo/1462952123_387579.html
- Alves, G. S. V., & Perez, M. C. A. (2019). E agora educador/a? O William pegou minha boneca para brincar! *Sexualidade e Relações de Gênero*, v. 3, 1a ed, p. 152-161. Ponta Grossa, PR: Atena Editora. Recuperado de: <https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/sexualidade-e-relacoes-de-genero-3>
- Alves, G. S. V., & Perez, M. C. A. (2021). Análises em Educação Sexual e Gênero na Formação Inicial em Pedagogia. *Revista Científica Semana Acadêmica*, n. 000204. Recuperado de: https://semanaacademica.com.br/system/files/artigos/analises_em_educacao_sexual_e_genero_na_formacao_inicial_em_pedagogia.pdf
- Amorim, M. (1994). *Atirei o pau no gato: a pré-escola em serviço*. São Paulo: Brasiliense.
- Andrade, M. M. de. (2003). *Introdução à metodologia do trabalho científico: Elaboração de trabalhos na graduação* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bastos, C. S., Ribeiro, P. R. C., Quadrado, R. P., & Silva, F. F. (2013). Faz de conta...de volta à barriga da mamãe. In: RIBEIRO, P. R. C. *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. Rio Grande: Editora da FURG. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais).
- Bearzoti, P. (1994). Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. *Neuropediatria*. v.52, n.1. São Paulo.
- Beliz, V. (2019). A abordagem de gênero com crianças e adolescentes. In: Ribeiro, M. (org). *A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e políticos pedagógicos*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa na educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora.
- Bomtempo, E. (2007). A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, T. M. (Org.). (2007). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (10a ed.). São Paulo: Cortez.
- Borges, D. (2017). Não me KAHLO. Relações de Gênero na Infância. Recuperado de: <https://naomekahlo.com/relacoes-de-genero-na-infancia/>

- Brasil. (1988). Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Da educação, da cultura e do desporto. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm
- Brasil. (1997). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (2010). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEB.
- Britzman, D. P. (1998). Sexualidade e cidadania democrática. In: Silva, L. H. da. (Org). *A escola cidadã no contexto da globalização* (3a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Buss-Simão, M. (2013). Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. *Cadernos de Pesquisa*, v. 43, n. 148, p. 176-197.
- Camilo, V. C. S. (2019). *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada de educadores*. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Sexual, Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
- Canosa, A. (2019). A parceria família-escola: os pais diante da diversidade de gênero. In: Ribeiro, M. (org). *A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e políticos pedagógicos*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Cozby, P. C. (2011). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Crociari, A. (2020). *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo*. Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Sexual, Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
- Cunha, M. L. C. (2004). Módulo I do Curso de Capacitação: *Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes na Modalidade Violência Física*. Curitiba: CECOVI Centro de Combate à Violência Infantil, UNICEF.
- Faria, A. L. G. (2006). Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado de arte. *Cadernos Pagu*, Núcleo de Estudos de Gêneros – Pagu/Unicamp, (26), p. 279-288.
- Figueiró, M. N. D. (1995). *Educação Sexual no Brasil: Estado da Arte de 1980 a 1993*. Dissertação de Mestrado, Psicologia Escolar, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- _____. (2001). *Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio*. Londrina: Editora da UEL.

- _____. (2009). *Educação Sexual: Em busca de mudanças*. Londrina: Editora da UEL.
- _____. (2014). *Formação de educadores sexuais: Adiar não é mais possível* (2a ed.). Londrina: Eduel.
- _____. (2017). *O que é Educação Sexual?* Canal de Vídeo – Youtube. Recuperado de: https://www.youtube.com/watch?v=l_YzXUrL6Ls
- Finco, D. (2015). Questões de gênero na educação da pequena infância brasileira. *Rivista Studi sulla formazione*, v. 1, p. 47-58.
- Furlani, J. (2011). *Educação sexual na sala de aula - Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. São Paulo: Autêntica.
- Freud, S. (2006). *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos. 1901-1905*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – v. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, M. F. C. (2002). Representação e Faz-de-conta na Educação Infantil: entendendo os Processos de Desenvolvimento da Criança. In: Utsumi, M. C. (Org). (2002). *Entrelaçando saberes: contribuições para a formação de professores e as práticas escolares*. Florianópolis: Insular.
- Grossi, M. P. (1998). Identidade de Gênero e Sexualidade. Recuperado de: <http://cpu007782.ba.gov.br/>
- Kishimoto, T. M. (Org.). (2008). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (11a ed.). São Paulo: Cortez.
- Kramer, S. (1986). *O papel social da pré-escola*. Cadernos de Pesquisa 58. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Lamas, M. (2017). Não me KAHLO. De menina e de menino: Gênero e Infância. Recuperado de: <https://naomekahlo.com/de-menina-e-de-menino-genero-e-infancia/>
- Leite, M. I. (2004). A criança desenha ou o desenho criança? A resignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos. In: Ostetto, L. E., & Leite, M. I. (Orgs). (2004). *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas, SP: Papirus.
- Leite, M. I. F. P. (2002). Brincadeiras de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo. In: Faria, A. L. G. de. *Cadernos Cedes 56: Infância e Educação: As meninas*. Campinas: Unicamp Editora.

- Louro, G. L. (2000a). Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*. 25, (2): 59-76, jul/dez. Porto Alegre.
- _____. (2000b). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago.
- Meira, M. E. M. (2007). Psicologia Histórico-Cultural: fundamentos, pressupostos e articulações com a Psicologia da Educação. In: Meira, M. E. M., & Facci, M. G. D. (Orgs). *Psicologia Histórico-Cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação*. Casa do Psicólogo.
- Menezes, A. B. (2018). Diversidade sexual no contexto escolar – onde a ciência e a política divergem na atualidade. Recuperado de: <https://neaccpi.files.wordpress.com/2018/10/jac-piauc3ad-2018-diversidade-sexual-no-contexto-escolar.pdf>
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco.
- Nogueira, O. (1968). *Pesquisa social: introdução às suas técnicas*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP.
- Nunes, C., & Silva, E. (2006). *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. (2a ed.). Campinas: Autores Associados.
- Oliveira, M. K. (1992). Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: La Taille, Y. (Org.). (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Portilho, E. M. L. (2018). Prefácio. In: Pedro, W. *Guia prático de Neuroeducação: Neuropsicopedagogia, Neuropsicologia e Neurociência*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Rabelo, A. (2016). *Sexualidade*. Canal de Vídeo – Youtube. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=XsJTCKzL-Gg>
- Rau, M. C. T. D. (2011). *A ludicidade na educação: uma attitude pedagógica* (2a ed.). Curitiba: Ibepex.
- Rego, T. C. (2013). *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação* (24a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ribeiro, M. (2011). *Menino brinca de boneca?* (3a ed.). São Paulo: Moderna.

- _____. (2019). A abordagem do tema sexualidade e gênero em sala de aula. In: Ribeiro, M. (org). *A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e políticos pedagógicos*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Ribeiro, P. R. C., & Soares, G. F. (2013). As identidades de Gênero. In: Ribeiro, P. R. C. *Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar*. (Caderno Pedagógico – Anos Iniciais). Rio Grande: Editora da FURG.
- Ribeiro, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: Ribeiro, P. R. M. (Org). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência Editora.
- Ribeiro, P. R. M. (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: Figueiró, M. N. D. (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.
- Ribeiro, P. R. M., & Bedin, R. C. (2013). Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva. 1) Atitudes e comportamentos sexuais no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara*, v. 17. Araraquara: UNESP / FCLAR – Laboratório Editorial.
- Ruis, F. F. (2015). *Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes*. Dissertação de Mestrado Profissional, Educação Sexual, Educação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil.
- Ruis, F. F., & Perez, M. C. A. (2017). Ouvindo meninos: relações de gênero na educação infantil. *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, Araraquara, (19) p. 283-294.
- Santos, M. O. V dos. (2005). A identidade da profissional de Educação Infantil. In: Guimarães, C. M. (Org). (2005). *Perspectivas para Educação Infantil* (1a ed.). Araraquara: Junqueira&Marin.
- Sanz, M. R. (2019). Formación de roles de género en la infancia - Parte 1. Recuperado de: <https://br.pinterest.com/pin/553168766702274292/>
- Sarmiento, M. J. (2007). Visibilidade social e estudo da infância. In: Vasconcellos, V. M. R., & Sarmiento, M. J. (Org.). *Infância (in)visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, p. 25-49.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez.

- Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico* (23a ed.). São Paulo: Cortez.
- Silva, P. R., Silva, T. J., & Finco, D. (2020). Relações de gênero, educação da pequena infância e mudanças políticas no Brasil: contribuições para um estado de arte. *Cadernos Pagu*, n. 58, p. 1-27.
- Tancredi, R. M. S. P. (2009). *Aprendizagem da docência e profissionalização: elementos de uma reflexão*. São Carlos: EdUFSCar, Coleção UAB-UFSCar.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Vianna, C., & Finco, D. (2009) Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de poder. *Cadernos Pagu*, (33), p. 265-283.
- Vídeo alerta sobre a importância do combate à violência sexual infantil*. (2013). Canal Semas Castanhal – Youtube. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=oO6gJ56JLDk&t=87s>
- Vigotski, L. S. (2007). *A formação social da mente* (7a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1981). *The genesis of higher mental functions*. In: J. V. Wertsch (ed.), *The concept of activity in Soviet psychology*. Armonk, NY, Sharpe.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Vilar, D., & Souto, E. (2008). *Referencial de Formação Pedagógica Contínua de Formadores/as*. Centro Nacional de Qualificação de Formadores - Educação Sexual no contexto da formação profissional.
- Werebe, M. J. G. (1977). *A educação sexual na escola*. Lisboa: Moraes Editores.
- _____. (1980). Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? In: Trabalho apresentado na mesa-redonda da 32ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Rio de Janeiro, (pp. 99-110). São Paulo: Cadernos de Pesquisa.
- _____. (1998). *Sexualidade, políticas e educação*. Campinas: Autores Associados.



APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



AUTORIZAÇÃO

A Direção desta Instituição de Ensino Superior, denominada (*nome da IES*), por meio de suas atribuições legais, concorda e autoriza com a realização e posterior análise de materiais do Projeto de Pesquisa a nível de Mestrado, ao qual tem por finalidades contribuir para com investigações e pesquisas científicas, e colaborar conjuntamente à construção do conhecimento dos/as discentes convidados/as. O projeto será desenvolvido nessa IES pelo pesquisador e discente Guilherme de Souza Vieira Alves, sob orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez, cujo título atual do Projeto é: “*ARCO-ÍRIS: fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil*”. Afirmamos ainda consentir com a leitura e interpretação das informações contidas no Projeto de Pesquisa.

Sem mais,

Local e data

Direção Geral da IES

Testemunha 1

Testemunha 2

Pesquisador

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E QUESTIONÁRIO EM PAPEL



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente termo, eu, _____, inscrito(a) no CPF nº. _____, autorizo o discente e pesquisador Guilherme de Souza Vieira Alves, inscrito no CPF nº (número do CPF), discente regular no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Câmpus de Araraquara, no que se refere ao uso e análise dos dados na pesquisa intitulada até o presente: “*Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil*”, sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez. A pesquisa resultará em Dissertação de Mestrado, assim como em publicações e divulgações científicas. Tenho ciência de que meu anonimato será garantido, sendo que em nenhum momento será citado o nome de qualquer convidado presente nas atividades de coleta e de análise de dados.

Sendo assim, firmamos o presente termo em uma via como instrumento eficaz que representam nossos direitos.

Local e Data

Convidado/a

Pesquisador

Obrigado pela colaboração!

Questionário

Idade: _____ anos Sexo: _____

Formação acadêmica e experiência profissional

1. Qual sua formação acadêmica? (**Período do Curso em andamento, e se conclui algum curso que julgar necessário mencionar*).

2. Você atualmente trabalha na Educação Básica como Professor(a), Cuidador(a), e/ou Auxiliar de Cuidados Diários (ACD)?

() Sim () Não

Se sim, há quantos anos? _____ ano(s). Função: _____

Possui experiência(s) profissional(is) em outra(s) área(s)? Se sim, qual(is)?

3. Qual a principal razão pela escolha, ou por estar fazendo o curso de Pedagogia?

4. Para você, qual o significado da “escola”?

Questões sobre experiências e (in)formação em Educação Sexual e Infância

1. Você já teve algum contato com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero na escola, durante sua formação e/ou experiências profissionais? Se sim, mencione suas recordações.

2. Você já teve algum contato com conteúdos sobre Educação Sexual ou Gênero na sua Família? Se sim, mencione suas recordações.

3. Como Estudante de Pedagogia, de que modo você compreende o conceito de “Infância” e as vivências das crianças na atualidade?

4. Enquanto estudante e futuro(a) Educador(a), você acredita que a Educação Sexual, bem como as questões de Gênero devem integrar os conteúdos escolares na Educação Básica?

- Sim
 Não
 Não tenho conhecimento sobre os conteúdos da Educação Sexual e Gênero.

Justifique sua resposta:

5. Em qual ciclo escolar você considera necessário e extremamente oportuno o início de assuntos que se relacionem à Educação Sexual?

- Educação Infantil (0 a 3 anos)
 Educação Infantil (4 e 5 anos)
 Ensino Fundamental (1º ao 5ª ano)
 Ensino Fundamental (6º ao 9ª ano)
 Ensino Médio
 Ensino Superior
 Pós-Graduação e Pesquisas acadêmicas
 Em nenhum dos ciclos escolares. Por quê? _____

6. Poderia mencionar pelo menos 4 exemplos de temas sobre “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” para o desenvolvimento de atividades na Educação Infantil com as

crianças pequenas de 0 a 3 anos? Caso não tenha exemplos de temas, deixa a resposta em branco.

7. Poderia mencionar pelo menos 4 exemplos de temas sobre “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” para o desenvolvimento de atividades na Educação Infantil com as crianças de 4 e 5 anos? Caso não tenha exemplos de temas, deixa a resposta em branco.

8. Qual a sua opinião sobre a temática “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” serem desenvolvidas nas salas de aulas para crianças na etapa da Educação Infantil?

9. O que você pensa sobre a prática de professores e cuidadores masculinos estarem presentes em espaços educativos específicos da Educação Infantil, nas faixas etárias de 0 a 3 anos e 4 e 5 anos? Opine acerca dessa ideia.

10. Possui alguma dúvida, interesse específico ou comentário sobre os temas apontados neste Questionário? Aponte-os.

Obrigado pela colaboração em participar!

APÊNDICE C – LISTA DE PRESENÇA*Data:* __ / __ / __**Extensão - Educação Sexual – 2019-1****Ano: 2019****Página: 1**

Nº	Nome (por ordem alfabética)	RG	Assinatura
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
16			
17			
18			
19			

APÊNDICE D – CERTIFICADO

CERTIFICADO

PROJETO ARCO-ÍRIS: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DO PEDAGOGO PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Certificamos que *(nome do/a acadêmico/a)* participou na condição de ouvinte no Curso: **“Fundamentos e práticas educativas sobre Gênero e Sexualidade na formação inicial do pedagogo para atuação na Educação Infantil”**, promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização GEPIFE UNESP-CNPq, realizado no período de 15/03/2019 à 14/06/2019, no *(local do curso)*, com carga horária de *(carga horária)* horas.

Local, Data.

Prof. Guilherme de Souza Vieira Alves
Pesquisador GEPIFE

Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
Coordenadora GEPIFE UNESP-CNPq



APÊNDICE E – CAIXINHA DE PERGUNTAS

APÊNDICE F – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DISCENTE**Termo de Autorização**

Pelo presente termo, eu, _____, inscrito(a) no CPF nº. _____, comunico interesse em participar do curso de Extensão Universitária na temática da Educação Sexual na perspectiva da Formação Inicial na e para a Educação Infantil, curso esse oferecido nesta Instituição de Ensino Superior pelo docente. Esp. Guilherme de Souza Vieira Alves. O curso ocorrerá semanalmente às sextas-feiras das 21h às 22h durante o 1º semestre do ano letivo de 2019, conforme calendário institucional, bem como de acordo programação de atividades e objetivos pré-estabelecidos para cada encontro.

Afirmo que aceitei participar voluntariamente, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus. Mediante participação nas atividades e controle de frequência, ao final serei certificado(a) pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Família e Escolarização – GEPIFE, UNESP-CNPq por participar de um curso de Extensão Universitária.

Autorizo ainda, o discente a nível de mestrado, e pesquisador Guilherme de Souza Vieira Alves, inscrito no CPF nº (*número do CPF*) na coleta e análise de dados, frutos do planejamento e execução do curso proposto. Ressalta-se ainda que autorizo a possibilidade de construção de instrumentos para fins de pesquisas científicas. Para tanto, o docente está autorizado no registro de imagens e vídeos, bem como quaisquer outros instrumentos de coleta e análise que julgar necessários no transcorrer dos encontros. Tenho ciência de que terei meu anonimato garantido, sendo que em nenhum momento será citado o nome de qualquer convidado/participante nas atividades de coleta e de análise de dados. E por fim, o acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e/ou orientador.

Local e data

Convidado/a

APÊNDICE G – LOGO DO PROJETO “ARCO-ÍRIS”

APÊNDICE H – ATIVIDADE “SE EU FOSSE MENINO/A”

Nome: _____ Data: 17/05/2019

Desenhe seu corpo considerando a temporalidade da Infância. Na primeira condição o desenho deverá fazer referência ao seu sexo biológico. Já na segunda, em uma situação imaginária, caso ele tivesse outro sexo, por exemplo...*Se eu fosse menina*, ou... *Se eu fosse menino*.

Após o desenho, aponte exemplos considerando escolhas no desenvolvimento das Infâncias a partir do sexo biológico, e do novo sexo.

	Sexo biológico	Situação imaginária
	Sexo biológico	Situação imaginária
Brinquedo preferido		
Brincadeira preferida		
Tipo de roupa		
Cor preferida		
Profissão (o que vou ser quando crescer?)		
Pessoa mais presente nas relações familiares		

APÊNDICE I – ATIVIDADE “O QUE VOCÊ FARIA SE...” E AUTOAVALIAÇÃO**Façamos a seguinte atividade:**

Vamos fazer uma projeção espaço-temporal na medida em que iremos nos posicionar como um professor iniciante de carreira em um contexto escolar da Educação Infantil, atuante com crianças de 0 a 5 anos de idade em uma rede municipal de ensino. Nesse ambiente de trabalho, *o que você faria se...*

a) Durante o desenvolvimento de uma atividade educativa com brinquedos, constatasse um menino brincando com boneca.

b) Durante o desenvolvimento de uma atividade educativa com brinquedos, constatasse uma menina brincando com carrinho.

c) Percebesse um menino de 5 anos de idade abraçando e beijando a boca de uma menina de 4 anos de idade dentro do banheiro feminino das crianças.

d) Percebesse sinais de violência física numa criança de 3 anos de idade.

e) Tivesse como colega de trabalho um profissional do gênero masculino que fosse alvo de represálias e preconceitos pelas Famílias das crianças, bem como também da própria equipe pedagógica da unidade escolar.

f) Tivesse que elaborar um plano de aula a partir de um contexto inclusivo e representativo ao desenvolvimento de atividades educativas com respeito às diversidades e pluralidades socioculturais das sexualidades na e para as Infâncias, mas que, por sua trajetória encontrasse situações complexas como: dificuldades em lidar

com as temáticas mediante receio das Famílias das crianças; falta de recursos e materiais na escola; e, falta de conhecimento técnico e científico na área.

Autoavaliação

1) Assinale como você analisa, de modo geral, sua participação/interação no minicurso de Educação Sexual para graduandos em Pedagogia.

- Participei e estive presente ao máximo que pude.
 Estive presente, mas quase não interagi com colegas e o professor.
 Ao longo do curso estive ausente por muitos encontros, o que dificultou minha participação.

Comentários:

2) Estabelecendo uma relação cronológica dentre os temas centrais em que o minicurso fora ministrado, quais aprendizagens você acredita ter sido mais significativas para com a sua formação inicial em Pedagogia?

3) Diante das temáticas abordadas no curso, qual assunto você mais se interessou? Por quê?

4) Sobre os itens que compõe a estrutura de elaboração e desenvolvimento do minicurso (recursos materiais e tecnológicos, qualidade dos slides, tempo de duração das atividades, atividades propostas, e didática do professor), marque a opção como você melhor os avalia.

- Excelente
 Bom
 Satisfatório
 Ruim

- () Péssimo
() Não sei opinar

Comentários:

5) Qual a sua opinião sobre a temática “Educação Sexual” e as relações de “Gênero” serem desenvolvidas nas salas de aulas para crianças na etapa da Educação Infantil?

6) Espaço destinado para que você deixe comentários, críticas, sugestões, e mensagens ao professor.

Obrigado pela colaboração!